A. HERCULANO

CARTAS
DE VALE DE LOBOS

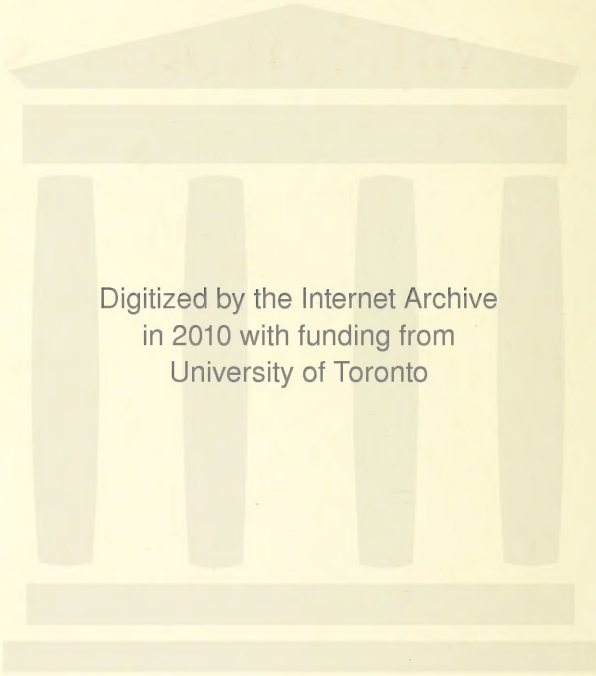
★ ★ ★

(5.º Vol. das Cartas)

ao 3.º Duque de Palmela
e a José Cândido dos Santos

PREFACIADAS E ANOTADAS
POR
VITORINO NEMÉSIO

LISBOA
LIVRARIA BERTRAND


Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/cartasdevaledelo03herc

CARTAS
DE VALE DE LOBOS

A. HERCULANO

CARTAS

DE VALE DE LOBOS

★ ★ ★

(5.º Vol. das Cartas)

ao 3.º Duque de Palmela e a José Cândido dos Santos

PREFACIADAS E ANOTADAS
POR
VITORINO NEMÉSIO

LISBOA
LIVRARIA BERTRAND

Composto e impresso na
IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL
R. da Alegria, 30 — Lisboa

O LAVRADOR

A vocação agrária de Herculano acordou cedo. Sabemos que Castilho o pinta nas Excavações Poéticas, *em anos juvenis, agarrado ao sacho alternado com a pena de tradutor do* Fantasma *de Schiller. A casa paterna, na Travessa do Pombal (hoje Rua da Imprensa Nacional), tinha um vasto quintal sombreado da nogueira que* O Pároco da Aldeia *evoca, e de que ainda hoje restam trechos ajardinados, apesar da intensa urbanização da zona do Pombal da Cotovia. Nessas hortas lisboetas, como na aldeia de arredor em que o novelista conheceu o modelo do cura de almas, teria Herculano recebido os primeiros estímulos campestres.*

Fixado em Lisboa após o pedido de demissão de bibliotecário do Porto, arrendou uma horta na calçada do Galvão, não se sabe em que data. Zeferino Cândido, e Rodrigues Cordeiro sobre informes de João Basto aludem a

essa primeira exploração do lavrador, sobre que Bulhão Pato, nas Memórias, *dá pormenores impressivos. Soure, por seu turno, refere a Gomes de Brito que a Regeneração foi planeada em casa de Herculano, na Ajuda, onde Saldanha ia muito, a pretexto de vacas leiteiras que o primeiro criava perto, nos estábulos da calçada. «A manteiga de Cork, a melhor, vendia-se a doze vinténs o arrátel» em 1848 — diz Pato. E em carta de 3.4.1849 ao mesmo, mandando-lhe flores para a mãe, Herculano acrescenta: «Lembrou-me que, costumado à manteiga frescal, acharia desagradável a salgada estrangeira. Veio tarde a lembrança para hoje; mas ainda lhe posso acudir para o almoço de amanhã. Tenha equanimidade bastante para desculpar esta oferta de saloio. Há nela um pouco de vaidade de autor. Eu creio que essa manteiga está boa; e hoje, meu rico, tenho nisso mais presunção do que no mérito de escritor». E segue-se a irónica perspectiva da própria curva da vida, que citámos no estudo do* Retiro, *e que situa a idade da prosa e da manteiga nos trinta e cinco anos. A experiência pecuária da calçada do Galvão deve pois ser vizinha da década de 50.*

Em 23.11.1854 arrendou Herculano, por nove anos, a grande propriedade que a Casa

de Palmela possui no Calhariz da Arrábida, concelho de Sesimbra, com excepção do palácio, do jardim, do hospício, da ermida e da serra, bem como da ermida Del Carmen e suas pertenças[1]. *O logradoiro dos arrábidos fora arrematado pelo Conde da Póvoa, sogro do 2.º Duque, como bens de mão-morta. Herculano pagaria, de Janeiro de 1855 a Dezembro de 1863, a renda anual de 800$000 réis em metal, em casa do senhorio, em duas pres-*

---

[1] *Sobre o Calhariz vid. Braamcamp Freire,* Os Brasões da Sala de Sintra, *I, pp. 281-282, e* Guia de Portugal *da Biblioteca Nacional, vol.* Lisboa e Arredores, *p. 626. Uma Relação de Bernardo Barbosa Barreto, de 10.3.1759, existente nos papéis do Sequestro da Casa de Aveiro, Cartório da Inconfidência, diz: «Os passos de Azeitão, e terras e propried.es com a Alagoa da Albufeira e serra da Arrabida tudo hera dos Morgados da Casa.» De um «Mapa ou Relação das terras soquestradas a Joseph Mascarenhas nos Almoxarifados de Azeitão». «— Humas terras lavradias» «na Ermida de N.a S.a de Alcarmen outras junto da postiça, outras no citio dos barris, outras no Facho, outras na Rapozeira todas de Rendim.to incerto porq. huns annos são arendadas em pouco outros em mais». «— Duas Ermidas, huma de N.a S.ra de Alcarmen, outra de S.ta Margarida com casas, jardins e Ornam.tos pertencentes». «— Huma vinha». «— Huma propriedade de pescaria e lagoa de água salgada». «— Hum pinhal chamado do Ducado, outro no termo de Sezimbra». (Luiz de Bivar Guerra,* Inventário e Sequestro da Casa de Aveiro em 1759, *pp. 287 e 332).*

tações com vencimento a 30 de Junho e 31 de Dezembro, livres de décima e mais impostos. O contrato, que encontrámos nos arquivos da Casa, menciona como fiadores Joaquim Filipe de Soure e Martinho Teixeira Homem de Brederode, parente do 3.º Duque (consorte) de Palmela. Mas o primeiro fiador era na realidade parceiro do arrendatário, bem como Luís Teixeira Homem de Brederode, em todo o caso interessado na vasta exploração, que nem sempre correu do melhor modo, pois se foi para o lavrador de raiz o seu primeiro campo de experiência agrária «em grande» trouxe-lhe não poucos desencantos e doenças.

Em 1864, reguladas as contas[1], *Herculano entremostra os desaguisados havidos com Luís Teixeira de Brederode, com quem Soure «destampou». «Não sabe» — escreve ao amigo — «que o pobre Luís Teixeira não tem imputação? Perto de um ano a sua mania foi dizer com a maior seriedade a toda a gente que eu me embebedava todos os sábados: a mim mesmo e diante de mim o dizia. Ri-me sempre, e nunca lhe adverti sequer que era uma tolice pouco engraçada. Tinha razão de se irritar*

[1] *Vid.* Cartas *a Soure, ed. de Luís Silveira, pp.* 101-103.

com outro homem que fizesse o que ele fez. Com ele não».

A pilhéria de Luís Teixeira trai a atmosfera de dicacidade que envolvia os famosos «sábados da Ajuda», muitas vezes prolongados em passeios à serra que fora «harpa» do «crente» na sua mocidade e lhe dava algum pão em anos maduros. Mas Herculano, entre outros motivos de engulho, não gostava lá muito da sua condição de rendeiro de um prédio com gravames sumptuários, entre os quais uma incómoda perspectiva de visita do Rei e da Corte. Eram os «hóspedes do senhorio»: «provàvelmente os nossos pobres bois terão de se desalojar e a Angelina de cozer pão fresco dois ou três dias a fio, porque não sei como de outro modo o terão aí». Apesar de haver «cobertores do palácio, e até camas à nossa disposição nos quartos altos ao pé da entrada de cima», Herculano, quando lá levava visitas, preferia bragal seu.

Em 1858, conta Bulhão Pato[1], *«passava todos os meses alguns dias lá. Nesses dias — nunca menos de uma semana — o criado, para poupar a bolsa do patrão, dava-nos a nós, em bifes, a carne que devia pertencer ao cão!*

---

[1] Memórias, *II. p. 209.*

O animal, que precisava de grande mantença, pegou a emagrecer, e, se não déssemos pelo logro, rebentava de fome!». Era um cão dos Alpes, o Tigre, *oferta de Camilo e pretexto de algumas sarcásticas cartas deste ao mestre, que terão seu lugar na nossa projectada* Correspondência *de Herculano.*

O arrendamento permitia ao ousado lavrador ensaiar uma larga exploração mista, e combinar a rotina, que não desprezava de todo, com os processos racionais e modernos de que se ia inteirando através do próprio engenho e da vigilante leitura de revistas e livros agrários. Além dos cereais de pragana, — trigo, centeio, cevada, aveia, — produzia algum vinho, azeite, — que o italiano Gagliardi, pai de um conhecido picador lisboeta, viera orientar como técnico, — e consagrava especiais cuidados ao gado. Saldanha, com quem brigaria em breve, era então um dos seus conselheiros rurais mais ouvidos. Mandara vir de Paris beterraba branca da Silésia, que Herculano ensaiou com a vermelha e amarela, sendo um dos primeiros lavradores portugueses que a empregaram como forragem. Fazia o descasque do arroz com maquinaria inglesa. Nas lavras, sem desdenhar os arados singeleiros, empregava a charrua à-Dombasle e as

grades à-Valcourt, guiando-se, quanto a estas, pelo livro de Jourdier. O Dr. Bernardino António Gomes e o Conde de Fornos forneceram-lhe modelos de prensas. Criava gado vacum, muar, suíno e ovino em quantidade; e, como as pedreiras da Arrábida fossem ricas em mármores e em pedras litográficas, e a «casa do Blanco» recebesse da América uma encomenda de mil palmos quadrados de mármore (pediam 400 réis por palmo em Lisboa), Herculano mandou tirar amostras com destino a Nova Iorque, na esperança de poder «satisfazer a encomenda mais barato».

Mas não o consumia apenas esta febre extractiva. O seu maior empenho punha-o no fabrico do azeite, de que um ano remeteu pelo Seixal, ao cuidado de um tal Alarcão, sete pipas e meia, ou sejam 373 potes: 86 de 1.ª, 158 de 2.ª e 129 de 3.ª, rendimento apurado em 58 moeduras. Por aqui se vê a importância de uma exploração que sempre o entusiasmou. Do volume da pecuária faremos ideia lembrando-nos de que, em dado momento, tinha 40 porcos «altos» e 13 no alfeire, com maiorais diferentes para uma e outra vara: o Pé Curto com os alfeirios e o Quinta-feira com os restantes. Mas o gado gafava e o pessoal treslia... De uma vez a vasquilha levou-

-lhe 31 cabeças de alfeire, e de 220 e tantos bácoros a bexiga matou mais de 70.

Despedido Quinta-feira por falta de jeito e zelo, Manuel Rabadão ficou maioral das ovelhas, entre as quais não era rara a baceira e outras epizootias. As vacas — duas vezes, pelo menos, atacadas de perneira — obrigavam a isolar as reses sãs na serra, a mais de uma légua de distância[1]. *Não faltavam decepções e transtornos. «Vim achar uma das mulas com uma extensão» (sc. «distensão») «numa das mãos» — escreve a Soure: — «o ferrador mandou-lhe dar uns banhos emolientes: veremos o que sai. Mandei-a andar, não coxeia; mas dói-se do jogo da mão quando lha apertam». Enfim: «Tenho tido zangas com os pastores, com burros, etc., mas isso é o pão cotidiano». Ora era uma burra que tinha de mandar «aprisionar» por andar a «pastar na ribeira», ora «o boi cor de trigo do José Carvalho» que cravara um espinho na pata. Em dado ano — «provàvelmente não nos escaparão dez moios de arroz» da «nossa pobre lavoira»: «Eu, que não sou, nem muito tímido, nem*

[1] *Carta a José de Sá, de 30.9.(1867?), in-REV. DE HIST., II, p. 271. A maior parte destas informações são colhidas nas cartas a Soure,* op. cit.

muito apegado ao dinheiro, estou completamente desanimado». E, de outra feita: «eu já não me atrevo a esperar produção de coisa nenhuma» (mel, grão, etc.). «Prevejo grandes embaraços para a cultura deste ano, e estou agora inclinado à sua antiga ideia» (do parceiro e amigo Soure) «de darmos as terras aos terços ou quartos ou por outro modo, por um ou três anos, com a distinção de estercadas e não estercadas, regadas ou não regadas. A medida da nossa perda anual na lavoira de cereais é de 600$ a 800$ rs. nos cinco anos» (1860?). «Parece-me que teimar é tentar a Deus. Já nos podemos dar por felizes se salvarmos o capital empregado ou sequer a maior parte dele no fim do arrendamento». A próxima cultura, aliás, implicava o empate de um conto de réis ou mais.

À pouca sorte nas colheitas e na criação do gado juntavam-se às vezes graves desastres e doenças de pessoal, a começar pelo próprio Herculano, que no Calhariz contraíu a maleita que o atormentaria até à morte («Já meti hoje no estômago dezoito grãos de quinino com seis de sulfato de ferro. Parece-me que não é mau almoço)». Em suma: «Este Calhariz, se não é fértil em produtos, é-o em sezões e desgostos»: um trabalhador, o Marcos, caíu

da rocha abaixo em S. Penedo. Durou vinte e quatro horas. «Imagine os admiráveis momentos que por aqui teríamos». E as cabras «esquálidas», e o mais. Herculano tornara-se vicentinamente um Paio Vaz, com mais de uma Mofina...

Os apuros viriam da vastidão do campo arrendado, da pobreza de um solo serrano e mal arroteado, — da desproporção, enfim, entre a área a cultivar e a modéstia e prudência do capital investido, além do carácter adventício e boçal da mão-de-obra. Herculano, porém, resistia às dificuldades e sabia distinguir entre o fortuito do ano e do pessoal e as possibilidades reais de tractos tão vastos, uma vez sujeitos a métodos racionais e intensivos de amanho. A Apostiça, que dava para cima de três moios de arroz, era irrigável. Arrendou a pedreira de Del Carmen esperançado na indústria dos mármores.

Para aliviar encargos, acabou por dar de arrendamento (dez moedas) a Ribeira de Santo António. Vigiava tão de perto a execução de tudo, que o boieiro, uma vez, não se atreveu a capar um toiro sem o patrão chegar, embora este, na Ajuda, esperasse calmamente a nova do facto consumado. Ia em pessoa à feira do Campo Grande comprar os singéis e

«quadrilhas» de bois. Entregava-se, enfim, de alma e coração à lavoira.

Para meter medo à ladroagem, levara para o Calhariz a sua espingarda de voluntário dos Açores e do cerco do Porto, que estivera arrecadada na Raposa, em caso do Paulo de Belém. Para as chuvas e frios de Inverno equipava-se de botas de água e casaco de borracha, ou com o «capote abado», ao estilo de Riba- e Além-Tejo, com que o imortalizaram na Avenida da Liberdade e que os «bairros» de Santarém tanta vez abanaram com seus ventos. Soure, que era o capitalista, ajudava-o na assistência à lavoira, como se depreende de uma carta do mestre a Joaquim Maria da Silva[1]*; mas o prócere alentejano tinha as suas herdades de Évora para tratar e era ao parceiro gestor que cumpria zelar as coisas.*

Tinop lembra que Herculano «tinha visitado e cantado a vizinha arrábida, e namorara-se do vale, do monte, do seu desamparado convento, das árvores, das avezinhas do céu» [2]*. Tudo isso influiria na decisão de ali tentar a lavoira, pois já vimos como a solicitação do*

---

[1] *De 27.11 (1863?), in-António Baião,* Homenagem da Academia, *p. 10.*

[2] Lisboa de Outros Tempos, *I, p. 2.*

campo o obrigava por igual com motivos poéticos e práticos. Mas o estímulo premente era a firme resolução de passar de simples hortelão da Calçada a lavrador deveras, — primeiro através de um largo tirocínio experimental, com a retirada coberta, e um dia em campos de seu.

O Calhariz e a parceria com Soure — a um tempo fiador de capital e experiência — deram-lhe o ensejo suspirado. Mas nove anos de luta inglória em terras de outrem chegavam para tirar as cascas dos olhos quanto ao excesso de teoria e idealismo, sem tocarem o fundo da vocação e da confiança em si mesmo. Expirado o prazo do contrato, Herculano acertou contas com Soure[1]*, recolheu o seu trem de lavoira, que destinava a Vale de Lobos, e levou consigo o criado Antunes, a quem tinha comprado um relógio de Wintermantel para ele se regular nas safras. Afastado da Serra e farto de aturar o vário poviléu das cercanias, passou procuração a Manuel da Costa, de Sesimbra, «para haver dos foreiros e rendeiros do dito Morgado» (do Calhariz)*

---

[1] *Sobre a liquidação e o* deficit *vid.* Cartas *a Soure, ed. Luís Silveira, pp. 66-67. Em 13.2.1868 devia Herculano ainda 650$ rs. de uma letra.*

«o que deverem, em relação àqueles nove anos, autorizando-o para dar as respectivas quitações, chamá-los à conciliação e usar de todos os meios judiciais, conducentes a realizar a referida cobrança» [1].

Estava feita a experiência. Com a fé renovada pelo sentimento de propriedade e pela entrega de si todo a tarefa que não quer partilha ou intermitência, restava aplicá-la num campo maneiro e seu. Vale de Lobos dar-lhe-ia ocasião para tanto.

Miguel Joaquim da Serra de Morais Peixoto da Silva Garcez e Couto, provedor das Lezírias, era dono de uma quinta com aquela designação na freguesia da Azóia de Baixo, concelho e distrito de Santaréin, que pertencera à família dos Condes de Mesquitela e de que era usufrutuária a Senhora D.ª Domingas. Media quarenta hectares. Situada nos Bairros e composta de terras férteis, mas em larga medida por arrotear ou em pousio, era cobiçada por muitos, entre os quais o coronel José Júlio do Amaral. A política de fomento de transportes iniciada por Fontes animava a lavoira e, assim, o movimento predial. O

---

[1] *Carta a Silva, de 6.ª feira, 17 (sem mês; 1864).* in-Baião, op. cit., *pp. 14-15.*

Dr. Bernardino António Gomes, glória da Medicina de então, comprara também no termo de Santarém a Quinta das Ladeiras; o brigadeiro Gorjão tinha na própria Azóia uma exploração agrícola e avisou Herculano de que Vale de Lobos, que estava para vender, era um bom golpe.

As negociações entabularam-se em Setembro de 1858, sendo Herculano hóspede do brigadeiro. Joaquim Maria da Silva, advogado em Santarém, conduzia a transacção, que se fez pela importância de quatro contos de réis levantados pelo mestre em liquidação dos seus direitos de autor na Livraria Bertrand. A situação jurídica do prédio, complicada por foros, usufruto, etc., tornava o negócio laborioso. Era o «quintalório nas proximidades de Santarém», a que, em 1860, se referia em carta a um amigo[1]. *«Dirigiu-me esse negócio um moço de talento, advogado e professor de Filosofia naquela vila, com o qual conservo desde então relações», — tão cordiais que, pelo menos em 1864, Herculano jantava alternadamente em sua casa e na do brigadeiro.*

A região não lhe era desconhecida. Dera uma «fuga a Santarém» em 1849; e em Se-

---

[1] Cartas, *II*, *p.* 267.

tembro de 1853, vindo de Vila Velha do Ródão, Tejo abaixo, como se pode ver pelos Apontamentos de Viagem, *tornou a passar lá uns dias. Embora só entrasse na plena posse do prédio em 1859, já em Setembro do ano anterior data de Vale de Lobos uma carta dirigida ao Director Geral dos Correios reclamando sobre entrega de correspondência (o* Jornal do Comércio *de Lisboa), carta em que diz residir «habitualmente no campo».*

A quinta está numa fértil planície cultivada e arborizada, sete quilómetros a nordeste da cidade. Rega-a um ribeiro que nasce em Tremês e banha a veiga do Feijoal, com moinhos implantados perto de uma ponte em ruínas, por onde passava, atravessando a propriedade, a estrada que vai de Santarém a Pernes. A veiga ou várzea do Feijoal estende-se até à freguesia das Romeiras, com a quinta de Cabanas. Um quilómetro acima fica a aldeia do Paço e, não longe, a Portela dos Padeiros [1].

De posse do pequeno condado, Herculano tratou de lhe procurar aposentos. A única edificação era uma velha e insignificante casa de abrigo, que Pinho Leal diz dada a almas pe-

---

[1] *Pinho Leal,* Portugal Antigo e Moderno, *X, pp. 53-54.*

nadas. Para não incomodar o brigadeiro, que lhe dava boleto, o novo proprietário mandou levantar dois quartitos em 1859, — e tão bem se sentia nos seus novos domínios, que, nesse mesmo ano, escreve a José Basto: «Vim de Santarém óptimo, tendo passado seis dias excelentes na Azóia. Cada vez me confirmo mais que há gente que nasceu para nunca viver nas cidades». Mas só em 1864 se mudou definitivamente de Lisboa (Ajuda), «sem deixar legalmente o meu domicílio lá, mas com bem pouca tenção de consumir ali muitos dias dos que me restam de vida[1].

Paulo de Morais descreve assim a exploração de Herculano em Vale de Lobos, «ramificação secundária do grande vale do Tejo», que «contém em miniatura a configuração e estrutura geológica dos campos do Ribatejo e dos seus flancos[2]*: «A propriedade de Alexandre Herculano ocupava uma porção desse vale e encostas adjacentes, medindo quarenta hectares de superfície». E diz que era uma ruína.*

---

[1] *Carta a António da Silva Gaio, de 23.10.1869.*

[2] *Planície de depósitos aluviais, grés, argilas, calcários mesozoicos, em camadas alternas, delgadas, de fácil desagregação e lotação, própria para todas as culturas.* Uma recordação — Alexandre Herculano, *in* -CORREIO DA EUROPA, *n.º 35, de 22.8.1909.*

Atribuindo-lhe todos os arroteamentos e benfeitorias do prédio, Morais afirma que Herculano, se tivesse mais sólida preparação, pois conhecia a literatura naturalística e agronómica «apenas como amador, e isso mesmo pela rama», «poderia ter sido um Dala Bella ou um Dombasle português».

«Um dos ramos da exploração que mais me cativou em Val de Lobos» — continua aquele técnico — «foi o chão consagrado à cultura forraginosa. Tudo ali concorria para que os terrenos do vale fossem muito produtivos: a sua natureza aluvial e a abundância de água. A folha de forragens ocupava todo o fundo do vale. Luzerna, trevo vermelho, azevém e beterraba eram plantas que, adubadas e irrigadas, produziam maravilhas. A base das plantas espontâneas dos prados naturais são ali, e em todo o Ribatejo, algumas leguminosas, e gramíneas do género *triticum, bromus, agrotis, festuca,* etc. Há porém uma que, pela quantidade e pela qualidade, se avantaja a quase todas as outras: são as diversas espécies ou variedades de alpistas *(phallaris),* que prosperam admiràvelmente naqueles sítios. Destas plantas soube o sagaz agricultor tirar todo o proveito, convertendo-as em prado artificial, com dupla produção da ordinária.

«Entre outros exemplos de como o notável agricultor resolveu certos problemas de agricultura prática, lembraremos o seguinte. As sementeiras dos trigais fazia-as sempre com bastante precedência, de modo a serem muito temporãs. Eram executadas com o cultivador sobre alqueive precedente. A semente era lançada a terra estando esta em completo estado de secura. Depois de enterrada, era cuidadosamente com-

primida e conchegada à cama com o rolo para evitar a acção destruidora da formiga. Chegadas as primeiras águas do Outono — aproximadamente seis semanas depois da sementeira — o trigo nascia um após o outro, seguindo a ordem por que tinham sido feitas as sementeiras; facto que denota que a semente, quando mesmo não encontre no solo humidade suficiente para germinar no tempo normal, entra contudo, desde que a terra a recebe, num certo estado de seiva germinativa latente, decerto devido à lentura atmosférica, e à acção da capilaridade, indo aspirar no sub-solo partículas aquosas.

«Independentemente, porém, da singularidade deste fenómeno de fisiologia vegetal, a operação oferecia grandes vantagens, tais como: poder-se proceder às sementeiras em condições vantajosas para a economia e comodidade dos trabalhos; não correr o risco de suspensão destes últimos, devida a impedimentos atmosféricos; e fazer sementeiras convenientemente temporãs, sempre vantajosas para certos terrenos.

«Mas é tempo de falarmos de duas culturas a que Alexandre Herculano votava especiais cuidados: a vinha e a oliveira. A escassês de espaço não nos permite sermos longos a tal respeito. Em quanto à vinha, o facto que, pela oportunidade da actual ocasião, merece menção antes de mais, é que, tocado por um feliz pressentimento da já então despropositada plantação geral da vinha, o previdente proprietário *entremeou sempre de pequenas estacas de oliveira* as plantações que fez daquela. Executado este trabalho em camadas delgadas de grés e de margas mais ou menos argilosas, de envolta com o feldespato em fortes proporções, formando a parte arenosa do solo, numas partes, e noutras achando-se o melhor solo calcário com as argilas jurássicas, a vegetação da vinha nada deixava a desejar. E se a constituição geológica desses terrenos era de feição para o presentemente desvalo-

rizado arbusto, a sua aptidão para a olivicultura era sobretudo excepcionalmente favorável.

«Daí a primorosa qualidade dos dois produtos: vinho e azeite. O primeiro oferecia um tipo recomendável pelo agrado, finura, madureza e animação, com cor e casca suficientes, e naturalmente conservadiço. O segundo... foi o *azeite Alexandre Herculano*, o famigerado produto altamente reputado aquém e além-mar, devido à inteligente iniciativa de quem, pela vez primeira em Portugal, se lembrou de seguir o processo italiano dos azeites virgens, isto é, de ser submetido à moenda o fruto acabado de colher.

«Os homens superiores gozam em tudo do privilegiado condão de serem irresistìvelmente imitados. Todos os melhoramentos que Alexandre Herculano introduziu em Vale de Lobos, melhoramentos de uma cultura aperfeiçoada, sem falso brilho, sem ostentação vaidosa, angariaram prosélitos convictos no país; e se a imitação não foi mais longe, é porque o lavrador português, algemado pela escassês de meios ou pela usura, dificilmente pode transpor os limites da rotina.»

Semelhante depoimento, vindo de quem, como Paulo de Morais, sustentara rija polémica com Herculano no Jornal do Comércio *(e o mestre não lhas poupara), assume valor dobrado de o que lhe empresta o excelente perito agrário que o assina. É ele a mais autorizada fonte que nos habilita a avaliar a grande contribuição trazida por Herculano à lavoira portuguesa, contribuição que só o plano desluzido e prático em que se efectuou impediu até agora de ser pareada com os altos*

serviços prestados por esse homem na reforma da literatura e da historiografia portuguesas e na influência moral exercida sobre a mocidade do seu século, e até do nosso tempo.

Deixando de ser «um simples maltês de manta às costas», como dizia em carta ao 3.º Duque de Palmela, Herculano realizara o seu sonho. Ia instalar-se em campo seu, à margem de uma ribeira orlada de salgueiros, choupos, faias, e vendo a Oeste, em anfiteatro, a branca aldeia da Azóia, entre vinhedos, searas, pomares, culturas hortenses, olivais. Vale de Lobos era, para os moços românticos que lá iam receber a senha do mestre, o Éden dos grandes retirados. Bulhão Pato[1] *compara-o a Sorrento, refúgio de Tasso; à Prócida, asilo de Lamartine, e ao que o Vale de Santarém fora para Garrett e Rebelo da Silva, castelão das Romeiras. Para Herculano era talvez um pouco isso, mas acima de tudo a sua jeira. Ao longo de mais de uma década que lá viveu, tudo vigiava e provia. A terra do Crispim, a da Quinta, a da Preta, o mato*

---

[1] *Largas referências de Pato a Vale de Lobos (Inverno, capela doméstica, etc.) in*-Memórias, *I, pp. 237-250; II, 75-103; III, 103.*

da Papoula, o Cervato, o Monte de Cavalharias eram outros tantos subdomínios que o ocupavam, enchendo de um forte realismo agrário as suas cartas rústicas. Nos primeiros dias que passou na nova propriedade alternava as fadigas campestres com a tradução do Orlando *de Ariosto em verso branco. Era o canto de cisne do poeta, já encostado a voz alheia. Mas em breve o lavrador teria mais em que pensar que no ócio estético. Além da interminável e absorvente faina do arroteamento, das lavras, sachas e mondas, da poda e da redra, da colheita e do lagar, havia as questões de gestão a prover: a perpétua, irremível renda de trigo às Sr.as Amarais, as complicações de vizinhança com os herdeiros do brigadeiro Gorjão e com o Alexandre da Póvoa, e — negócios bem mais duros — a construção da ponte da Azóia e as expropriações no prédio, para o canal do Alviela.*

Herculano temia que o desvio da corrente do ribeiro, planeado com o traço da ponte que devia garantir a estrada, viesse a meter águas torrenciais na quinta. Isso o levou a aturada consulta de presença e a farta correspondência com Joaquim Maria da Silva, o seu advogado em Santaréin. Litigando o pleito em 1875, acabou por vencer na Relação, — «e

nunca falei nisso a um só juiz», como se gaba em carta ao seu patrono[1].

O tino e o saber agrários que Paulo de Morais louva em Herculano, no artigo do CORREIO DA EUROPA, *tiveram outro apologista idóneo em F. Júlio Borges, num artigo intitulado* Tributo ao Centenário, *que o* PORTUGAL AGRÍCOLA *de D. Luís de Castro inseriu em 1910. Correspondendo-se com Ferreira Lapa e Bernardo Lima, os dois grandes propulsores das ciências agronómicas em Portugal, Herculano fazia propaganda do* ARCHIVO RURAL *que Morais Soares fundara em 1858 e que ambos redigiam com José Maria Teixeira. Já no tempo da Calçada do Galvão procedia como lavrador esclarecido e afoito, a ponto de merecer um artigo de Joaquim Tomás Lobo de Ávila, depois Conde de Valbom, na* REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE *de 14.2.1958:* Das vantagens da introdução da beterraba como penso para o gado, e experiências da sua cultura em Portugal feitas pelo Sr. A. Herculano *(beterraba e «sorgho»).*

Seguia atentamente a bibliografia estrangeira e nacional sobre coisas agrícolas. Eram-lhe familiares Roville, Dombasle e Bouchard

---

[1] *In-*Homenagem, *por António Baião, p. 16.*

(Constructions Rurales); *e, sempre preocupado com as maleitas do gado, manuseava o* Compêndio de Veterinária ou Medicina dos Animais Domésticos *que Macedo Pinto, lente de Medicina em Coimbra, publicara em 1852, bem como os* Apontamentos para um Compêndio Elementar de Zootecnia Geral *de Bernardo Lima. Isso e uma velha experiência* («Quien te hizo alveitar? Los males de tus burricos» — *escrevia ele deliciado ao Marqués de Sabugosa*) *lhe permitiriam sentenciar: «Hoje o ferrujão que ataca um boi de trabalho, ou o papo que invade um rebanho de ovelhas encontra-me a fronte serena e o ânimo impassível». Para tumores bovinos, unto e pomada canforada... Mas a experiência, punha-a em primeiro lugar: pois, como diz a Soure, «os lavradores gostam de ver e crer como S. Tomé, e têm razão, por causa dos calotes que às vezes lhes pregam os cultivadores de teoria, os doutrinários da agricultura». Os lavradores, que, dando «ao Estado mais de um terço talvez do rendimento» e vivendo «todos a pão e água», quais «novos Sísifos, pedem apenas que os deixem começar desde já a rolar costa acima o seu rochedo». «Desde já» — isto é: depois de cada expoliação ou catástrofe.*

Este sentimento experimental de solidarie-

dade com a classe fazia com que Herculano não hesitasse em acudir a iniciativas e sacrifícios. Interessara-se em 1849 pela Liga que Alves de Sá Nogueira fundara, convidando lavradores ilustrados para reuniões de debate no Teatro de D. Maria; e em 1874, já gasto e abatido, não faltou ao apelo lançado pela Associação de Agricultura de Lisboa sobre as causas e remédios da emigração rural. Em matéria de fomento agrário parecia ter sempre presente o dito que, no Monge de Cister, *pusera na boca de João das Regras: «Quem quer mugir a vaca sem lhe dar feno tira sangue e perde a vaca».*

O mesmo entusiasmo sincero e reflectido lhe mereceu, já em seus dias extremos, um projecto de Cooperativa dos Agricultores do Distrito de Santarém, que devia começar a funcionar em 1 de Janeiro de 1878. A 17.4.1877 o morgado dos Olhos de Água (nascentes do Alviela vendidas à Companhia das Águas) e seu filho, Joaquim José Ribeiro de Avelar, procuraram Gomes de Brito convidando-o para representante da Cooperativa em Lisboa. A 29 juntaram-se os três com Herculano em Vale de Lobos, debatendo a questão, que gorou. A crença do velho lavrador é que não esmorecia com nada, e ainda em Julho do ano da

morte recebia desvanecidamente um convite para enviar amostras dos seus vinhos à exposição de Paris.

Mantivera-se sempre em ligação com proprietários experientes e amigos, de todas as categorias. Soure era, naturalmente, um dos seus melhores conselheiros, e tratavam-se por «vossemecê». Herculano foi vê-lo a Évora na Primavera de 1868, repetindo a visita, com Ferrer e Seiça, em 1870. Desde 68 que Ferrer se dedicara à agricultura, na Quinta do Freixo (Lousã), aproveitando os seus ócios e desalentos de universitário e de político. Rodrigo Pequito, porque aceitara uma pasta num governo, passou a ser, para Herculano, «o meu infeliz colega lavrador». E com o próprio Rei D. Fernando limitara as conversas a assuntos puramente rurais. Dulac, que o daguerreotipou no conhecido retrato do cesto vindimo, era também sobretudo um contertúlio campestre, na sua qualidade de agricultor santareno, bem como, nos heróicos tempos do ermitério já meio rural da Ajuda, os seus honrados vizinhos que moravam nas redondezas hoje civilizadas pêlas tabuletas turísticas da auto-estrada: João Anastácio Simões, à Cruz das Oliveiras; Francisco Simões, de Caselas; Francisco Pedroso, empregado nas obras do

palácio. De gabinardo e botas de água no Inverno, sem pau nem pedra naqueles ínvios e desertos atalhos e apenas com alguma lanterna caseira para a volta a casa de noite, lá ia o solitário visitá-los e entreter-se com eles sobre a baceira dos rebanhos e as mil «nicas» da lavrança.

Dos lavradores mais grados — alguns deles latifundiários, como o Marquês de Nisa, senhor do Paúl e dos Chavões, modelo de exploração naquele tempo, outros particularmente sabedores na matéria, como o Conselheiro Derramado ou a Condessa de Ficalho, senhora de grandes domínios para os lados de Serpa e Moura — tirava Herculano os ensinamentos que a sua esfera de pequeno lavrador não fundia. Neles confirmava, por exemplo, a crença de que a lavoira é uma profissão de sacrifício: «Lembro-me o que me disse uma vez um lavrador do Alentejo (parece-me que foi o Ramalho)» (tronco da casa Barahona): «que esperava chegar a tempo de comprar pão para as comedias dos criados».

A notícia da resolução de Ferrer à vida agrícola, pelo Samiguel de 1868, encheu-o de um misto de regozijo e de cepticismo, que comunica a Soure nestes termos: «Dou-lhe uma grande novidade. O nosso Ferrer está

lavrador. Despediu parte dos caseiros: comprou bois, instrumentos, etc. e anda atarefado com as sementeiras. Durará a conversão? Não respondo por isso». Era o «vício político» do amigo que lhe ditava a reticência, embora Ferrer, no Elogio *fúnebre de Herculano feito no Instituto de Coimbra em 23.5.1878, afirmasse: «O Sr. Alexandre Herculano muitas vezes me disse, gracejando, que eu era o amigo mais prosaico que ele tinha».*

Virava-se porém talvez com mais antenas para a lavoira alentejana, como paradigma correctivo dos critérios de exploração da média propriedade, não a tendo aliás tècnicamente em grande conceito: «essa agricultura alentejana, cujo instrumento mais aperfeiçoado é a divina providência...» O Alentejo afigurava-se-lhe, com as suas grandes extensões charnequenhas, uma «sucursal da África». Fazia justiça, porém: «Há na lavoura alentejana uma coisa que para mim rima em grande parte com o que nela me desagrada. É o sistema dos alqueives, que traz a possibilidade das sementeiras temporãs. Eu nesta parte voto com o Alentejo, e cá nesta minha lavourinha sigo à risca o sistema. O cultivador» (máquina) «com que costumo enterrar o trigo» vai quase «nos calcanhares do rancho da azeitona».

Se Herculano, como todo o autêntico lavrador, fez policultura, combinando a exploração de matos e pastos com cereais, horta e pomar, e constantemente integrado no mais severo realismo do regime económico português, a cultura do azeite mereceu-lhe especiais cuidados, cronològicamente depois da indústria dos lacticínios. Não é este o lugar nem somos economista ou técnico para tratar a fundo a questão, que bem merece uma larga monografia, capital no inventário da nossa lavoira e sua história. Ficam aqui apenas alguns dados reunidos do problema, relíquias de uma investigação herculaniana global.

Os pontos de vista de Herculano sobre oleicultura espalham-se por toda a sua vasta correspondência, avultando numa carta de 15.8.1876 ao mestre de agronomia que foi Ferreira Lapa, a quem responde desvanecido por «me consultar sobre um ponto importante do fabrico do azeite, em que sou um simples curioso». E o fabrico é, depois dos cuidados com a planta, a chave do êxito oleícola. Como sempre, Herculano fixa numa máxima o seu apuro de experiência: «azeite bom e água a ferver excluem-se». Mas, com azeitona delida como a que predomina em nossas safras, a pressão a quente parece-lhe inevitável no la-

gar. Era pois partidário da colheita madura e à mão, que, com temperatura média «em volta do alguergue», garante «de 6 a 8 décimos do azeite total da moedura pela pressão da vara a frio». «Depois pouco importa a cozedura deste último azeite na tarefa. Estragado já ele vai das seiras, e tem a vantagem de ficar logo bom *para a venda, ao passo que o cru precisa de três a quatro meses para clarificar naturalmente».*

No lapso de uns dez anos, que foi o da sua exploração constante e intensiva em Vale de Lobos, a produção de azeite foi beneficiando da experiência progressiva do lavrador e dos melhoramentos fabris introduzidos nela graças ao êxito comercial devido à fama crescente do produto. Mas o rendimento era, evidentemente, condicionado pelas vicissitudes mesológicas. Assim, em 1868, ano de seca, a colheita de azeitona foi grande; no ano seguinte má. Se em 68 o produto bruto passara de 2 contos de réis, — em 69, em vésperas do apuro, o lavrador duvidava que atingisse 800$000 rs. No ano anterior, em doze pipas, fizera quase nove de azeite fino. O resultado fora tão animador que, a 16.3.1869, Herculano esperava montar a prensa que lhe faltava «com o produto do próprio azeite», despesa montante a cerca de

um conto de réis. Com os ganhos de uma colheita em tudo compensadora fizera aliás «a drainage *de dois vales alagadiços, um em Vale de Lobos, outro no Reguengo, que levarão três sacos de trigo de semeadura e que davam junco e erva papeira, e que estão já semeados de milho, grão de bico e feijão», — o que lhe permitia desvanecer-se deste modo perante o seu amigo Soure: «Vê, pois, que nas economias faço para mim a parte do leão ou quase...»*

Como a ano de fome ano de safra, em 70 a agulha vibrou... Vinte e três pipas! Os lucros e a previdência anteriores tinham-no emancipado do lagar colectivo e dos processos rudimentares. Feito industrial lagareiro, pôde então comprar trezentas moeduras de bagaço para remoer na própria prensa. A quinze canadas por moedura, saía-lhe o bagaço a 800$000 rs. por moedura de oito cestos (a tostão o alqueire), podendo ainda vender o retraço depois de espremido, para adubo. Com um rendimento de doze moeduras por semana a 14$000 rs. (incluindo a própria amortização da prensa), «seria uma indústria que montada numa escala um pouco maior sustentaria amplamente uma família».

Em 1872 Herculano esperava ainda maior colheita que no último ano de safra. Em seis

anos conseguira quase triplicar a produção de azeite fino: vinte e quatro pipas em 1874, — colheita «excepcional, imemorial», «com tantos predicados». Comprando por fora o máximo para laborar na prensa, fez mais oito pipas do fino, num total de trinta e duas. Assim podia dispor anualmente de doze pipas durante três anos; e em Março já estavam no mercado.

Fornecia o Hotel Universal, a pastelaria Baltresqui (embora tivesse «sempre medo de contar com italianos...»), contratando enfim com Jerónimo Martins o abastecimento regular do respectivo estabelecimento. A fama do azeite de Vale de Lobos crescera a tal ponto que de toda a parte lhe vinham encomendas e estímulos. O engenheiro Aguiar pediu-lhe uma vez dez almudes, para que os paladares da Madeira também se deliciassem; e, enviada uma amostra a uma exposição estrangeira, uma medalha coroou o esforço do lavrador pessoalmente rebelde a veneras. Bem dizia Bulhão Pato: «sem azeite fino não há mayonnaise...»

O exemplo tornou-se contagioso, não só por vir de quem vinha, mas pela evidência dos resultados. Manuel Vaz Preto, João Ferrão Castelo-Branco, José Augusto Galache, outros la-

vradores esclarecidos e donos de extensos olivais o imitaram. Já podia, pois, O CALCANHAR DE ACHILLES, *a traço de Bordalo, representar em 1870 quem fora até então o protótipo do homem espiritual, como um «azeiteiro ambulante, com as latas ao ombro, e a panela dos pingos, com o funil competente em uma das mãos, enquanto que, dirigindo-se à mercearia de Jerónimo Martins, dizia com a outra mão* adeus... *à Academia, a cujo portal se amontoavam espavoridos e terrificados diversos académicos, Viale, Silva Túlio, Latino e outros»* [1].

Tanto como a oliveira, lhe merecia cuidado a vinha, embora a natureza agro-económica da região dos Bairros o fizesse aplicar mais àquela. Desvanecia-se porém com as possibilidades vinícolas do seu chão, sobretudo na hora de mandar um presente da sua lavra a um amigo prócere. Escreve a D. António Alves Martins: «Aqui, neste país de colinas calcárias ou argilosas, por esses vales e planuras de aluviões tenazes e substanciosos, o médico eleva às nuvens o vinho puro de pasto, o vinho alimentício, em perpétuo divórcio com o álcool adicional». «A minha pequena garra-

[1] *Gomes de Brito.*

feira (borracha *se lhe chama em frase rural destes sítios) não é composta de produtos alheios adquiridos; constituem-na parcelas dos produtos das próprias vinhas, transformados no próprio lagar, onde a entrada do álcool é severamente proibida. Aqui, a saudável bebida (saudável na opinião do Sul) é preservada das fermentações nocivas por alguns dos meios que a experiência e a moderna ciência das indústrias agrícolas aconselham».*

Como sempre, o zelo pelo fabrico coroava em Herculano as canseiras do lavrador. Já achacado e veterano, não faltou às conferências que António Augusto de Aguiar fez sobre vinicultura em 1875 nos teatros de D.ª Maria e da Trindade. E conhecia a fundo o teclado das castas, e onde as havia melhores. Apreciava o «vinho de embarrado», «que se cria pelos castanheiros de Colares». Da experiência da região torrejana aproveitava as selecções de António Nunes dos Reis, de Turcifal, dono da Quinta da Viscondessa, íntimo de Garrett e pai de Jaime Batalha Reis, — que lhe cedia bacelo de arinto, bonvedro do Douro e mortágua. De Coimbra, talvez por intermédio de Ferrer, vinha-lhe malvasia e formosa, que mandava plantar judiciosamente em tiras alternas. Com talhões separados por castas

podia orientar «racionalmente a colheita», como fez com sessenta e nove milheiros e meio de arinto. Mas a filoxera contrariou-lhe a princípio os esforços.

O solo dos Bairros tinha um defeito: «o excesso de maduro». Apesar disso, só no Reguengo, de uma assentada, meteu vinte mil pés. Em 1875, ano das conferências vitivinícolas de Aguiar, plantando cinquenta milheiros, escrevia: «dentro de dois anos não poderei arrumar o vinho no lagar, que quando muito admite vinte pipas. De um ou outro modo a adega é inevitável».

O gado lanígero andava por cento e sessenta a cento e oitenta cabeças, — Vale de Lobos, Reguengo e Cervato juntos. Mas o Cervato era terra «muito daninha», além de forcira, e Herculano (já vimos) parecia ter mofina especial com as reses. O gado que comia erva ennateirada morria. Maiorais e pastores eram surdos aos cuidados com as epizootias. Vacas sim. Até porque a experiência delas vinha de longe: fora a primeira. Enfronhara-se nos preceitos da Memória sobre a Criação de Vacas Turinas, *publicada por Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque no II volume dos* Anais da Sociedade Promotora da Indústria Nacional, — *como aproveitara dos ensinamentos*

de Saldanha, que se jactava de ter abandonado «uma criação de gado que tinha na província de Montevidéu», no Rincão das Galinhas, que num ano chegara a render vinte e seis mil cruzados. E, para se assegurar da boa raça e da estampa das reses, ia em pessoa comprá-las à feira do Campo Grande, como vimos, à da Charneca e à da Chamusca, acompanhado por Dulac.

Finalmente, a horta e o pomar (sem falar no jardim do sacho castilhiano e das predilecções da «patroa») perfaziam o naipe dos cuidados do bom lavrador. Nogueiras, pereiras, gamboeiras, maceeiras, damasqueiros, romeiras (romanzeiras), morangueiros... Mas todos os nomes de Pomona pululam nas cartas do campónio! E as variedades amorosamente coleccionadas e dispostas: pereiras colmares, sorveiras e francesas, etc. No jardim-parque — as tílias, os choupos de Itália sombreando as roseiras, as fúcsias, o «gazon», a alfazema... Em 1876, na horta, óptimos melões dizendo «comei-me!» a João Basto e Caetano de Seixas ausentes... Os presentinhos de mimos à «Il.ma Sr.a D.a Maria José», que perfumam estas cartas... E o cabaz quase mensal, para D. Fernando, dos famosos pastéis de queijo de Vale de Lobos, que Paulino da Cunha e Silva con-

tou a Fialho que o Francisco ia despachar à estação de Santarém, empapelados pessoalmente pelo bibliotecário de El-Rei...

Algumas palavras sobre as relações de Herculano com os seus serviçais e o ambiente de Vale de Lobos arredondarão este esboço de perfil do lavrador de mãos à obra. Com centenas de pessoas a seu soldo e às suas ordens durante uns quarenta anos, as notas que se desprendem do trato de patrão e de chefe são, de par com uma exigência pontual na dedicação ao serviço e na aptidão para o trabalho, uma profunda humanidade no apreço dos inferiores, que ia desde a indulgência genérica diante de efémeras situações de subordinação, até ao apego profundo e grato àqueles que bem e demoradamente o serviam. Disso é exemplo a fidelidade que lhe guardaram os dois homens humildes que mais tempo trabalharam com ele em posições de confiança: o Francisco Filipe e o Antunes, a cada um dos quais legou em testamento 100$000 rs. O Francisco, em Vale de Lobos, tinha «a polícia central»; a sua «exacção» era um dos pilares sobre que assentava o edifício herculaniano da rumorosa colmeia.

Para nos darmos conta da atmosfera que ali se respirava entre patrão e criados bastaria

este passo de uma carta de 8.12.1871: «O Francisco espero que já aqui esteja na segunda-feira; mas vai comandar as mulheres a ajuntarem raspão no Cervato, e eu ando à testa de um troço de homens a dirigir certos trabalhos pequenos enquanto o Antunes anda nos maiores com o rancho maior». Da cena de despedida do Antunes já nos ocupámos na Introdução *de* A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio, *extractando a carta em que ele a narra a um íntimo. É uma das mais comoventes páginas da intimidade do grande homem: o revólver restituído em cima da mesa do patrão, a severidade embargada e sóbria deste, etc. Mas pouco tempo depois (9.8.1871) a ovelha já «estava de volta ao aprisco». Às vezes era — «aquele lesma do Antunes...» Gostava porém muito de soro de leite, «mas conforme seu génio não o pede sem lho oferecerem»; e então o amo, ausente, manda-lho dar. «Ele dói-se de lhe não darem autoridade nas coisas da vinha, e eu não me esqueço de que é um criado antigo, que me tem amizade, apesar de uma ou outra tolice que tenha feito. Não costumo dar menos apreço à amizade e lealdade de jaqueta do que à de sobrecasaca. Digo isto também pelo Francisco, que gosta de trazer sempre uma teia de aranha nos miolos, e que já*

não sei como lha hei-de de lá vasculhar». Por isso, de Lisboa, encarregava José Cândido dos Santos de «examinar com jeito, *quando for a Vale de Lobos, se o Francisco tem relógio, e de me informar a este respeito».*

Reconhecido aos serviços de ambos, determina de longe que escolha cada qual o seu pedaço de terra «para cada um fazer a sua seara». «Na minha opinião o que eles deviam fazer era uma seara a meias; mas não lhes quero forçar a vontade». O Francisco tinha «o vício da terra pelo trigo, vício de que só o tempo o há-de curar». Herculano deu para as despesas da igreja no casamento do «meu Francisco», «que bem o merece», e mandou-o ensinar a ler. Arrumou a filha da criada Florinda. Custava-lhe a mandar embora o Jacinto das vacas, «porque a bem dizer foi criado em Vale de Lobos». Na «metedura de bacelo» não faltava com a aguardente aos homens; e, para o Entrudo dos criados, estando com demora em Lisboa, recomenda que reservem duas dúzias de ovos destinados às filhoses, e nozes, passas, vinho ou água-pé. Numa trasantevéspera de S. João (21.6.1874) escreve a José Cândido dos Santos: «O Jacinto vem na terça-feira ajudar os rapazes a fazerem a fogueira. A coisa promete ser sensìvelmente sensabo-

rona, mas em todo o caso» Mariana «oferece virem cá passar o dia».

Francisco lagareiro «não é grande escriturário» e arranja pretexto de vender laranjas para ir à festa de S. Brás. José Constantino, o carpinteiro de carros, é barato, mas sai caro; além disso «não as deitou em saco roto...» Quanto ao Malacas carpinteiro, «em três coisas que lhe mandam fazer faz seis asneiras». «O borracho do Pataratas» inquietava-o no Casal da Papoila. Tinha pegas frequentes com o Alexandre da Póvoa, que lhe metia o gado no prédio, a ponto de um pastorito (com os queixos!) haver quebrado varetas do «guarda-sol galego» que Herculano lhe estendeu em defesa dos seus territórios...

Mas, impetuoso e assomadiço, voltava ràpidamente à equanimidade natural. O rol dos humildes comparsas da lavoira de Vale de Lobos encheria um arquivo paroquial. O Francisco Cordeiro, da Azóia, perito em tratos de palha; o Vicente Cordeiro, da Póvoa; os barqueiros Alfaiate e Adrião; o Joaquim António ou Joaquim dos Bois («o parvo do Joaquim»); o José César, carreiro do vazilhame; o arrais Joaquim Faustino, o Domingos e o Jerónimo. Valadores, cabouqueiros, pedreiros; tanoeiros e esparteiros aboletados durante dias (e os ta-

noeiros «bebem bem»). O moleiro José da Silva Flor, que, tendo a fortuna de sobreviver longamente a seu amo, a MALA DA EUROPA *fotografou em 1910, por ocasião do centenário.*

Se Herculano, frequentemente em Lisboa, lembrava a José de Sá «a conveniência (bem sabe porquê) de se medir tudo quanto entra para o celeiro», guardando a chave e «dando à Maria Josefa as coisas por medida», também estava pronto a perder tempo e passadas para recomendar e servir a gentinha média e ínfima: pois, como escrevia em 1876 a José Basto, «eu acho-me reduzido a procurador daqueles barrões *que não têm para dar perus, capões, ou barris de vinho aos oficiais de padrinho».*

Enfim, a teoria feminina dos servos completava-lhe o quadro patriarcal: a Piedade e a Marradinha, que lá aturaram anos (um tanto bronca a segunda), a Emília (um pouco ladra, coitada, e criada «do meio»), a Isabel, a Maria Josefa, a Jacinta, a Júlia, a Violante, a Joaquina, a Felizarda, a Alexandrina... E até o pequeno luxo dos criados de quarto do casal: o Manuel e a Helena.

Com o metro de metal articulado que tinha na gaveta para tudo medir e ajeitar, o sinete de marfim das grandes credenciais e o termómetro para ver a quantas andava a pele, a es-

piga e a azeitona, o pequeno mundo de Herculano suavizava-lhe um horizonte que já se perdera por igual nas funduras da história e do mistério da existência.

Lisboa,
Janeiro 1953.

VITORINO NEMÉSIO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Julho 6.

Agradeço e aceito o favor que me quer fazer. Nisto de madeira nada há a esperar senão que seja cada vez mais cara, e a mim não me falta a que a aplicar.

Desculpe não ter respondido às suas cartas. É o que sucede a muitas outras. Não sei para onde me vire com trabalho. É o meu destino não descansar até morrer.

A égua irá quando me avisar.

Estimo que a notícia do incómodo da Ex.ma Sr.a D.a Maria José viesse logo envolta com a das melhoras que desejo continuem.

A Mariana recomenda-se.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

V[ale] de L[obos] 11 Julho.

Estimarei saber que voltou da sua digressão a Lisboa sem novidade e que a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José voltou também com melhorada saúde, ainda que me parece que mais uns quinze dias de ares da capital lhe seriam proveitosos. Talvez ela não concorde comigo. Mas estamos num país livre e cada qual pode emitir francamente as suas opiniões.

Ontem escrevi ao Vicente da Póvoa; mas a carta ficou aqui por engano, ou esquecimento, e o pior é que só pode ir amanhã.

Espero esta semana saques por causa do forro que deve vir amanhã, por cal, e por uma porção de telha. Peço por isso que me remeta uns 30$000 réis vindo algum cobre

(bastam 2 ou 3$000 réis) por causa das férias de sábado.

Sou de V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

P. S.

O tanoeiro, querendo, pode vir na próxima semana. Soube alguma coisa do esparteiro?

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 17 Julho.

Estimarei que fosse e voltasse da sua expedição sem acidente e com a costumada saúde.

O moço leva uma amostra da batata de Vale de Lobos, que a formiga nos obrigou a colher 15 dias antes do que eu quisera, mas que assim mesmo estão sofríveis.

Queria mandar outras bagatelas mas não houve tempo para as arranjar. Irão depois.

Esqueceu-me pedir-lhe que se visse o tanoeiro lhe lembrasse o tonel. Leva tempo a preparar e a tirar-lhe o gosto da madeira, e quando menos nos precatarmos estaremos com a vindima à porta. Também preciso de que ele venha um dia apertar os balseiros sobretudo o grande, que ainda tem de ser preparado antes de servir, e talvez sirva já este ano.

Peço o favor de me mandar 30$000 réis, porque esta semana tenho invasão de cal e telha: peço, por favor, porque embora o dinheiro

seja meu, não deixa por isso de lhe dar trabalho. E tanto assim é que o Estado, as corporações, etc., se querem tesoureiros pagam-lhes.

A propósito disso, não esqueça saber do homem a quem se há-de dar em Lisboa o dinheiro de que lhe falei.

Pedimos que da nossa parte dê vivas recomendações à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.° e c. obrig.mo

HERCULANO

Am.º

[Vale de Lobos] 27 Julho.

Esta serve para prevenir que o José de Sá pediu ontem a égua para ir não sei com quem nem onde, e que até agora não voltou. Se vier a horas, irá, senão venha na jumenta, e o rapaz que venha a pé, que pode bem.

Mando à cautela as duas carretas, porque tenho medo de ajuntar numa o coaltar com o trigo e haver algum fracasso pelo caminho e ficar tudo estragado.

Vai um cesto com pratos seus que estavam cá, e um do João Urbano em que a Mariana lhe falou. Vão muito embrulhados em papéis e veja não vá a moça a tirá-los desatentadamente que quebre algum.

Remeto para irem pelo barco os dois barris para a pozolana, e não sei ainda se irão uns caixotes e outra barrica para o mesmo. O mestre do barco já conhece, creio, o meu procurador, João António do Nascimento, empregado da Câmara Municipal, que previno hoje para

se entender com ele a este respeito e sobre a vinda de um aparador que há-de vir embarcado.

Vão os 9 sacos para a avaria.

Repartindo esta pelas duas carretas, parece-me que poderia vir alguma louça sobre os sacos, e até alguma coisa dentro do cesto em que vão os pratos, entalado com papéis.

As botijas que foram são de azeite. Lembrou-me que me tem esquecido perguntar-lhe se estava já acabado. De prevenção mandei essas botijas.

Vai um cabazinho com abrunhos de França, que é de que temos tido mais alguma coisa, apesar dos furtos. Por baixo vão alguns sôbolo teso, porque os não comam todos num dia.

Até amanhã.

Am.° e c.

HERCULANO

P. S.

O dinheiro já se entregou em Lisboa (200$000 réis). Mandei-o entregar em seu paio. Remeto uma nota de 20$000 réis que recebi aqui, e peço o favor de me trazer 30$000 réis em prata e em cobre que o rapaz pode trazer. Bastam 2$000 réis.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 4 Agosto.

Amanhã leva o rapaz fruta e feijão e creio que tomates. Escuso dizer que deve tirar prova abundante de tudo, mas tomar nota do que vai para a mulher, sobretudo para se ver o preço do bastardo, que é pouco para se fazer vinho que se veja, e que me parece não terá muitos competidores na praça.

Creio que estou com umas amáveis sezões, que me dão mais algum cuidado por me virem sem frio nem febre, ao menos franca. Esta já me custa a escrever com o peso e azamboamento de cabeça.

O rapaz leva a guia para trazer do caminho de ferro que vieram de Lisboa.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 6 Agosto.

Depois de um dia de contrariedades, apenas às 10 horas da noite posso escrever duas linhas por entre um nevoeiro de sono para dizer que precisarei esta semana de uns 30$00 réis que peço o favor de trazer consigo na sexta-feira ou remeter pelo moço.

Não sei se tinha alguma outra coisa que lhe dizer ou de novo, ou em resposta à sua última. Se houver, fica para a vista.

Am.° e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

V[ale] de L[obos] 7 Agosto.

Os óculos recebi-os pelo Caramba. Vieram excelentes e agradeço a resolução de os mandar a Lisboa.

A prensa chegou a porto e salvamento. Creio que nada falta; mas só ao assentar se pode definitivamente ver se não carece de alguma nica.

Sinto que a Ex.ma Sr.a D.a Maria José continue a passar incomodada. Conhecida a causa, porém, do mal, é aplicar-lhe o remédio, que se fabrica na botica da sua autoridade, não lhe consentindo trabalhar tanto.

Por arranjos caseiros e porque o Joaquim tem de ir buscar as encomendas ao caminho de ferro, só de tarde irá a que está cá, e virá a outra na cavalgadura. Assim lá dirá ao Joaquim o que deve fazer.

Se vier pelos sítios esta semana far-me-á favor de trazer consigo uns 15$000 réis em

prata: senão trá-los o Joaquim; e no fim da semana o cobre para as férias.

Tenho cismado em ser o João Carlos quem dá notícias do doente. Se o José de Sá tinha tenção de vir era escusado escrever. Se não vinha, porque não escreveu ee? Que haverá? [1]

Com a prensa vieram uns canos de ferro, cestos, caixotes, barris de azeite. O barqueiro não disse nada a este respeito? Mandá-los-ia o José de Sá?

Se vier aqui, falaremos sobre isso e não é preciso escrever.

Os nossos cumprimentos e creia-me

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

[1] Cuidados pelo estado do Brigadeiro Gorjão.

Il.mo Am.o e Sr.

Eu e a Mariana muito nos recomendamos agradecidos aos seus continuados favores e da Ex.ma Sr.a D.a Maria José, para quem pedimos os nossos cumprimentos.

Dos vinhos o mais encorpado e maduro é o da 2.ª amostra: a Mariana prefere-o. Eu preferiria o da 1.ª, embora tenha um certo travo. Se o homem tivesse algum mais palhete, fraco até, preferi-lo-ia ao n.º 1. Entretanto venha um almude do n.º 2 que irei misturando com dois terços de água, e a Mariana tê-lo-á a seu gosto. Veremos o que entretanto aparece.

Se o homem pudesse dispensar um barrilinho, iria despejado quando o rapaz tornasse: não preciso que seja exactamente de almude, porque tudo tem conta. Eu tenho um garrafão de almude empalhado, mas ainda está com um resto do vinho de Vale de Lobos.

O rapaz que vai tem pouca experiência de despachar encomendas na estação. Remeto por isso a guia de umas encomendas que lá estão

para o meu amigo ter a bondade de o industriar, e bem assim mandá-lo saber se o barco do Alfaiate chegou ou quando se espera.

Tenha paciência com tantas maçadas do seu

obrig.^mo^ am.^o^

[Vale de Lobos] 8 Agosto.

HERCULANO

P. S.

Se o Manuel aparecer por aí faz favor de lhe dizer que alugue uma cavalgadura porque as éguas estão impedidas.

Il.mo Am.o e Sr.

Ontem esperava-se a gente da Azóia e aqui vieram pedir uma égua porque tinham de ir 4. Não apareceu ninguém, nem no comboio das 8 da noite nem mais tarde. Hoje não me consta que viessem. Só ouvi dizer que José de Sá não vinha por ora. Não sei por onde isto se sabe.

Como me fez favor de me dizer que eu poderia vender as batatas a retalho e me vejo embaraçado com elas por causa de não ter onde estender a avaria que tem aquecido extraordinàriamente, pediria que me falasse a alguém que as vendesse ou as tomasse para as vender por sua conta. Também desejaria saber se haveria quem comprasse uma pequena porção de feijão (2 a 3 sacos) que não é preciso para casa. É do branco, do encarnado, e do fradinho, sendo deste o mais. José de Sá disse aqui que o branco estava caríssimo em Lisboa, mas o que tenho é tão pouco que não vale a pena de o mandar para lá.

Como deve acompanhar a romaria esta semana, cá falaremos sobre o assunto. Recomendações nossas à E.ma Sr.a D.a Maria José e a seu cunhado.

Am.°

HERCULANO

[Vale de Lobos] 14 Agosto.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 15 Agosto.

Folgo que voltasse da sua expedição sem quebra da inalterável saúde, e que encontrasse a Ex.ma Sr.a D.a Maria José sem novidade. Para ela pedimos os nossos cumprimentos.

Como no último mercado se não comprou boi por estar quase como o mercado, tenho cá dinheiro mais que suficiente porque também veio esta semana o comprador da lã, e a levou, já se sabe pagando.

Do seu recomendado diz o Galhardo que reputa quase impossível salvá-lo no exame de matemática sem grande escândalo. Duvida de que ele seja capaz de fazer as 4 operações de aritmética. A dissertação escrita era òbviamente feita por outro. Entretanto verá o que se pode fazer se ele não *se estender* completamente no exame oral.

Como os seus hóspedes só vão à noite tomo a liberdade de lhe oferecer essa parte da sobremesa do jantar, da pouca e ruim fruta deste ano.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 15 Agosto.

Não pude aproveitar a ida do barco porque nem tinha todas as barricas de pozolana despejadas, nem podia dispensar a carreta.

Hoje tive aqui o Pedroso que mandei chamar por causa de minha irmã cuja ferida da mão estava com mau aspecto, mas que me parece ele porá em bom caminho.

Com o movimento que por aqui vai, não acho agora a sua carta, e não sei se tinha alguma coisa a responder. Ficará para outra vez.

Bastará mandar esta semana 20$000 réis.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Agosto 21.

Os 47$700 réis a mais dos 150$000 réis são do José de Sá, de azeite fino vendido ao Martins que ele me pediu deixasse ir na penúltima remessa toda do dele por causa daquele dinheiro, que peço me remeta para lho entregar.

Também é provável que eu precise esta semana de 30 a 40$000 réis porque o ferreiro ficou de vir assentar a grade na quinta-feira e terei de lhe pagar o feitio, além da despesa da semana.

Desejo saber pelo moço se o Cordeiro venderá mais uma rede de palha e pelo mesmo preço, porque no caso afirmativo mandarei buscá-la de tarde para ver se depois de amanhã fica fechado o palheiro que o homem talhou um pouco maior do que eu queria.

Dizem-me que há em Lisboa milho a 250 réis. Se o mestre do barco do Alfaiate o achasse

por este preço, conviria mandar vir meio móio, porque talvez equivalesse à avaria de 360.

Se o barco se demorar em Lisboa, desejo que o mestre remeta os barris de pozolana pelo caminho de ferro, pela falta que me faz para acabar de levantar a obra da ponte acima do nível de água antes de ir para Lisboa.

Estimarei as notícias das melhoras da Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José, a quem a Mariana escreve.

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

V[ale] de L[obos] 22 Agosto.

Chegámos da expedição sem novidade. Entrámos aqui depois da meia-noite, e por isso a Mariana não pode dizer nada a respeito do toucinho. Dirá de sua justiça quando o rapaz aí voltar.

Agradeço a lembrança de falar ao Mecheiro no preço das corridas daqui e para. O Paulino também ficou de lhe alegar que ele leva 1$000 réis para a Comenda, que embora fique um pouco mais perto, é de muito mau acesso, pela ruindade de uma grande parte do caminho.

Como tenho hóspedes esta semana será bom que venham pelo Jacinto uns 30$000 réis.

Desejo boa saúde e boas notícias de Lisboa.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 23 Agosto.

Omiti ontem a resposta acerca dos castiçais com a pressa. Depois reparei que era preciso estar lá a resposta amanhã. Parece que não convém comprar sem ver em Lisboa (o que teremos agora ocasião de fazer) se na loja onde esses se compraram os dão pelo mesmo preço de 33$000 réis que eles custaram porque tendo de peso 25$000 réis foi o feitio 8$000 réis e este ourives quer 10$000, isto é, mais dois mil réis, que ou se hão-de dar a mais, ou hão-de diminuir no peso.

Vai a manteiga para o freguês, mais avantajada, porque não aparecendo o outro dia o 4.° de quilo pesou-se pelo meio arrátel com corrente; mas talvez não fosse suficiente: marcou-se a altura no boião para não estar sem-

pre a pesar e hoje acrescentou-se mais alguma à cautela.

Queira dar recomendações nossas à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me sempre

Seu am.° obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

V[ale] de L[obos] 26 Agosto.

Tomo a liberdade, aproveitando a ida da carroça a Santarém, de lhe remeter essas amostras da nossa fruta, que se este ano ganhou em quantidade, perdeu em qualidade pela sequia extraordinária, de modo que pouca tem valido a pena de se aproveitar.

Dos melões franceses já se têm colhido três. Queria agora mandar-lhe algum, mas nenhum está capaz, visto que só se devem apanhar bem maduros, sob pena de saírem inferiores aos nossos. Irão noutro ensejo.

Os meus cumprimentos e de minha mulher à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e creia-me

Seu am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 26 Agosto.

Já aqui tenho perto de um milheiro de tijolo para a abóbada da adega. Vou mandar pagar todo antes que venha o resto. Far-me-á o favor de remeter 30$000 réis.

Hoje vai para Lisboa uma ordem de 100$000 réis a entregar ao Sr. Nunes.

Peço quando tiver ocasião de recomendar os 2 sacos de avaria para remediar.

Leva o rapaz uma dúzia de pêssegos. Do pouco pouco; do muito nada: diz o ditado. Se for possível devolver a cesta pelo rapaz bom será.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 2 Setembro.

Não sei ainda quem amanhã levará esta carta. Provàvelmente o Francisco que chegou esta noite da Golegã da compra de camisas, e que não vi, porque estava deitado, tendo passado o dia assaz incomodado (creio que é do tempo) bem como a Mariana com o seu estômago.

A mulher do Dr. Silva [1] escreveu à Mariana despedindo-se para Lisboa aonde vai a banhos. Nestes termos vamos directamente daqui ao comboio no domingo de tarde.

Deixo um cabazinho de pêssegos para quem for levar. Deus queira que não o esqueçam, porque aqui é o mundo às avessas: quanto mais moços menos memória.

Como me diz na sua última que vem cá esta semana, se o tempo o não impedir peço

---

[1] Joaquim Maria da Silva, de Santarém.

o favor de me trazer trinta escudos, senão mandá-los pelo criado que for.

Peço desculpa de ir esta em meia folha. Estou com a cabeça azamboada e escrevi às avessas.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e eu sou

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 2 7.bro.

As minhas excelentes criadas receberam a sua bilha, guardaram-na na dispensa e não deram cavaco. Podia ter estado cá um ano sem que eu soubesse disso. Destas e piores sucedem todos os dias. Se eu pudesse fazer a minha vontade, não sucediam; mas não tenho remédio senão resignar-me.

Recebi os 30$000 réis que trouxe o rapaz. Diga-me se devo já mandar os 2 sacos para a aveia. Se ela pudesse esperar na mão do vendedor até chegar o barco bom seria. Espero que venha nesta viagem uma quartola de 10 ou 12 almudes que encomendei, e assim iria a carreta pequena buscá-la e juntamente os dois sacos de aveia. Entretanto talvez tivesse ocasião de saber quem venderia por aí 2 ou 3 alqueires de ervilhaca que é para misturar com

a aveia, porque é assim muito melhor o verde. Viria tudo junto.

O moço leva a sua bilha e uma cestinha de fruta. Cai quase toda podre. É a respeito de fruta um dos piores anos que tem cá vindo.

Am.° e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Ajuda 14 7.bro.

Pela sua última a meu cunhado vejo que a Ex.ma Sr.a D.a Maria José teve, depois de me ter V. S.a escrito, um novo insulto da sua dor; felizmente mais brando, o que indica progressiva melhora que oxalá se complete em breve.

Eu desde que vim apenas saí um dia incomodado ora com dor de dentes, ora com os ameaços obscuros de quartãs, de que espero ver-me livre com 30 grãos de quinino que já tenho cá dentro, para começar os banhos que o meu doutor me manda tomar mesmo com o reumático no joelho.

Quanto ao que me diz de Vale de Lobos quase que me fez rir o orçamento da cal do pedreiro. O homem tem tal medo que lhe falte que fazer de Inverno que toda a cal lhe parece pouca. Não tenho aqui meios de verificar; mas segundo minha lembrança não tenho comprado este ano mais de 13 carradas.

Destas ficaram aí de 3 para 4. De modo que com 9 para 10 rebocou-se parte do lagar e ainda se fez uma porção de massame; edificou-se desde os fundamentos o depósito de bagaço com dois andares; alteou-se o palheiro e fez-se metade dos dois gigantes do lado do pátio; fizeram-se os alicerces das paredes do tanque todo em volta com a altura pròximamente de três palmos e largura de cinco, sendo palmo e meio de altura de betão que leva carrinho de cal por carrinho de areia, enquanto a argamassa das paredes leva 2 de areia e um de cal. Além disso dos quatro lados do tanque está feito um em toda a altura e dois a três palmos de altura da guarda que só leva por esse lado: de um dos outros dois lados estão feitos pròximamente dois palmos de parede acima do alicerce, notando que as paredes têm três palmos de grosso quando os alicerces têm cinco, e que ao chegarem a menos de cinco palmos de alto se reduzem a menos de palmo e meio de grosso por causa de uma meia-cana em que acaba a borda do tanque. Pode-se calcular bem que o que falta de paredes acima do alicerce serão 2 terços do total delas. Lá ao pé estão quase três carradas de cal, porque é verdade que já se gastou alguma das três que ùltimamente lá mandei

pôr, mas também lá havia, quando se puseram, obra de meio moio de resto da anterior.

Imagine à vista disto se serão precisas, não para acabar as paredes do tanque, mas só para as pôr acima de qualquer invasão dos enxurros 7 carradas de cal, quando se têm gasto 9 a 10 com tudo o que se tem feito. O homem é largo e grandioso em tudo e não é mesquinho em pedir. Depois não pensa senão em touros, e a paciência para o aturar vai-me faltando. Fico até temendo que ele me consuma ou estrague dobrada cal para me provar que tinha razão, e eu não posso vigiá-lo daqui. Não diga por isso nada e mande ir duas carradas, uma para se guardar no coberto, outra ao pé do tanque. Antes de vir fiz arranjar pelo Antunes as terras de roda do tanque de modo que só com grandes chuvas poderá romper o enxurro para dentro. Quando o pedreiro quiser ir trabalhar no tanque, que o Antunes ou o Francisco com o pretexto de que o servente não pode ao mesmo tempo dar-lhe serventia e fazer o traçadouro, que vão fazer este, até onde a areia da Portela que lá está chegar, deitando por cada carrinho de cal dois de areia, tudo raso.

Quanto ao Nabal, creio que será engano de V. S.ª, porque tanto o Antunes como o Fran-

cisco sabiam que onde eu o queria era ao pé da mina nova, onde tem água para o regar, e não donde se tirou o milho e feijão que a não tem.

O feijão branco basta comprar 2 alqueires porque espero colher algum, e ainda que para o ano quero fazer sementeira dele maior, ainda há-de sobejar para comer.

Quanto às ceiras lá ficou em um apontamento ao Francisco o que há a fazer. Ele lho dirá se lho perguntar.

Não tenho tempo para mais.

Am.° e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Lisboa 16 Setembro.

Ao 2.° dia de estar em Lisboa *estranhei as águas*, coisa que sempre me sucede, mas desta vez a estranheza durou cinco dias apesar de me pôr logo em dieta. Nada pude fazer nesses cinco dias. Apenas hoje tenho três banhos, porque só há três posso sair de casa, e estão por dar quase todas as voltas que trazia no canhenho.

Como ainda pude sair dois dias, fui num deles à Secretaria da Justiça, mas tive o bom juízo de não levar comigo as suas cartas. Agora que melhorei tornei lá. Disse-me o Dulac que o negócio do padre de Abrantes estivera parado por muito tempo, porque o vigário capitular de Castelo Branco estava amuado com o governo e não respondia a nada, nem dava andamento a nenhum negócio. As coisas mudaram agora. Ficou de indagar o estado da questão e o que se poderia fazer. Deixei-lhe para se guiar as duas cartas de Abrantes que

me deu. É opinião dele, que podendo haver algum embaraço neste negócio (tem ideia que o cónego Ferrão, irmão do Martens Ferrão, se empenhava por outro) seria bom que o seu padre fosse botando o olho a algum outro benefício que lhe conviesse, e o requeresse desde já, *para ir adiante*. Era coisa em que não gastava nada, ou quase nada, e que não embaraçava o negócio principal, ao passo que se ia ganhando tempo para apressar o resultado de nova prtensão no caso de um revés, pretensão que se abandonava depois, no caso de se vencer a primeira. A ideia agradou-me; lá verão o que devem fazer.

Já falei no outro negócio do Mestre da Música. Disseram-me que o empenho do D. António de Melo provàvelmente não valia nada; porque ele costuma pedir tudo quanto há para toda a gente, não fazendo caso a maior parte das vezes de que o atendam ou não. Entretanto, eu escrevi um bilhete para ele ver, em que dizia que se ele não se empenhava muito vivamente a favor do tal Mestre do 8, que eu desejaria que cedesse da pretensão. Creio que ele fará algum caso do tal bilhete. Um amigo do Coronel do 2 ficou de se entender com este para dar impulso à vinda do Mestre do 11. Do que houver darei parte.

Agora mesmo chega o correio com a sua carta. Vejo o que me diz. Quanto às cavalgaduras não admiro: Quem deixa ir as suas coisas por água abaixo, não pode levar as dos outros pela água acima. O carneiro faz-me grande favor em o vender. Eu preferia o mercado porque talvez alguém o quisesse para pai porque é de uma excelente raça inglesa. Era o que tinha ajustado com José de Sá; mas como decerto ele não faz nada, deixá-lo ir para o açougue. Assim eu pudesse ver-me livre das bestiagas. Uma levou-a o José de Sá para o Paúl, e a outra que é a que está comendo ração e palha em Vale de Lobos desejaria eu pôr fora por todo o dinheiro, porque trazia moléstia encoberta quando José de Sá ma comprou para a Eira. A que foi para o Paul não espero saber mais novas dela, como não sube mais da burra e cria que ele mandou ir há 4 ou 5 meses não sei para onde. Quanto ao vinho já estou habituado a perder-se. Será mais um ano. Espero em Deus que o poderei fazer para o ano no meu lagar e que não se perca. Da cevada deve guardar-se para ração da égua preta até Abril, e além disso a que o João Carlos disser que quer para semear tanto para farrejo como para seco, porque na minuta de arrendamento me obrigo a empres-

tar-lhe as sementes de que necessitar, havendo-as no celeiro. A questão das rações de fava depende dos preços. Se a fava me custar por exemplo 360 o alqueire e o chícharo valer 180 é claro que devo preferir o chícharo porque uma quarta dele que dê aos bois vale mais do que uma oitava de fava como alimento. Vou encarregar hoje mesmo o procurador de me saber o preço mínimo da fava da ilha, sem o que nada posso resolver.

O porco deve ser tal de tamanho que comprado agora possa estar completamente gordo em 2 a 3 meses só com a bolota. Assim dá lucro ainda que se compre caro, como não pode deixar de ser se tiver de 15 a 20 meses. Porco que tenha de crescer e engordar ao mesmo tempo, tem por via de regra, de se acabar de engordar a milho. Então o lucro, uma vez que o milho não seja de 280 para baixo, não vale uma pitada de tabaco. À vista disto fica o meu amigo sabendo o que se deve fazer. *Às vezes, comprar por 6$000 réis é mais caro do que comprar por 12$000.*

Se o cano está dessoldado é porque se dessoldou ao assentar. Que o pedreiro corte o meio tijolo e o Antunes que chame o funileiro para o soldar de novo mas que vejam como o assentam *que não o forcem.* O funi-

leiro deve torcê-lo antes de o soldar e acomodá-lo à volta da telha sobre que assenta. O betume não sei se foi bem feito. O que sei é que se o puserem sem o cano estar bem enxuto, ou se lhe tocarem com água antes de passarem alguns dias se desfará ainda que seja bem feito. Que onde for preciso o pedreiro que use do outro que já conhece, mas que não lhe deixe chegar água antes de alguns dias de seca.

Quanto ao que me diz do arrendamento do moinho nada posso dizer sem saber se o actual rendeiro pagou. Se José de Sá me aparecer aqui perguntar-lho-ei positivamente, porque a respeito de dinheiro recebido nunca me diz uma palavra. Se me disser que não o recebeu ainda todo, replicar-lhe-ei que vou entregar ao amigo Santos o encargo de o haver do moleiro. Se efectivamente o homem ainda dever alguma coisa, veremos o que o padeiro oferece e faremos o que mais convier. Se o Antunes recebeu 20$000 réis é que certamente tem ido a cal que recomendei fosse para ficar sobrecelente no Inverno, visto que os jornais devem andar por metade disso, ao mais. Talvez também houvesse alguma pequena conta do ferreiro. Deixei-lhe separado dinheiro para despesas da quinta e dinheiro para as despesas de casa. Peço o favor de lhe tomar sempre

estas contas em separado e de lhe dar o dinheiro em separado. Desejo ver de um golpe de vista como as mulheres governaram o barco, porque não costumo tomar nota da despesa de casa senão em grosso, e só vejo onde está a moléstia quando me excedem o orçamento. Peço também que recomende ao Antunes que, de trabalhos, se limite a mato, raspão, e limpeza de valas do moinho, e à limpeza do curral das ovelhas se o calor continuar. Preciso de economizar agora, porque calculo a despesa semanal com rancho e lagar desde que começar a apanha entre 30 e 40 mil réis, e além disso desejo comprar algum bagaço para remoer e tenho a fazer algumas talhas, comprar ceiras, etc.

O boi turino pode ir carreando pedra para a estrada da entrada da quinta, que está muito gasta e pode estragar-se de todo; pode também deitar mais marga ao pé do viveiro, e na encosta das figueiras da borda da vala. Toda a que lhe deitar é pouca. Já se sabe, depois de dar as achegas necessárias ao pedreiro.

O carpinteiro que faça as escadas, as rodelas para as ceiras da prensa, ponha o forro no tecto da bagaceira, e arme com os barrotes velhos que se tirarem do lagar do vinho e paus de pouco préstimo que por lá ache uma

espécie de tecto sobre a lenha do lagar, com umas ripas, só pregadas onde for indispensável para se lhe porem umas telhas por cima. O que não deve fazer sem eu ir é a adufa para a prensa.

Com a maçada do testamento do Brigadeiro, vim daí ficando apenas engrolada a questão do arrendamento. José de Sá pediu-me para os bois transportarem o esterco para os verdes, compensando-me depois esse serviço com algumas geiras que eu precisasse. Convim nisso, porque ainda que o arrendamento se gorasse, era serviço que me ficava feito. Não perdia nada. Desejo, todavia, saber se fizeram alguma coisa.

O Antunes deve dizer a José de Sá, ao Pedro, ou a João Carlos que eu lhe deixei dito que se havia de entregar o que pertencesse à abegoaria por um inventário, e ainda que os valores se não possam puxar adiante sem eu ir, se poderia ir assentando logo tudo o que recebessem. Eu fico só com a carreta mais pequena e uma apeiragem e a carreta do turino, também com os seus apeiros e a pá de brio, a junta de bois mais pequena e as vacas e vitelos pequenos.

Diz-me que desculpe a extensão da sua carta. Já vê por esta que o deixo a perder

de vista. Com a diferença de que a sua era sobre negócios meus, ao passo que esta versa quase toda sobre assuntos que pessoalmente pouco lhe importariam se não fosse a sua boa amizade. Eu, se não estivesse mal costumado é que teria de pedir mil desculpas.

A Mariana vai menos mal, e eu bebendo água das Caldas, o que é extremamente agradável, e chapinhando na praia de Pedrouços. Tomara eu ver-me em Vale de Lobos.

Os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José. Quanto a V. S.a sabe que sou

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 17 7.bro.

Desejo que o restabelecimento da Ex.ma Sr.a D.a Maria José, a quem a Rita agradece cordialmente o seu mimo, tenha continuado a tornar-se completo, e que V. S.a não queira desmentir a boa reputação que tem criado à própria saúde.

Aqui chegámos sem novidade e hoje tomámos o primeiro banho. A fruta e o mais, tudo chegou a porto e salvamento.

Escrevo esta, como se costuma dizer, com o pé no estribo; porque não falta que fazer.

O Sr. Nunes recebeu os 100$000 réis no dia 10, conforme o recibo que encontrei aqui.

Até breve quando houver ensejo para escrever.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Ajuda 27 7.bro.

Recebi a sua de 23 que muito agradeço, e estimei pelas notícias da continuação das melhoras da Ex.ma Sr.a D.a Maria José e da sua boa saúde.

Sinto que o Aguiar não fosse substituído por alguém, que aliás poderia ser meu conhecido, e que tudo dependa do Margiochi, que apenas conheço de chapéu, e que me dizem ser homem pouco serviçal. Veremos todavia quando for a Lisboa (aonde não tenho ido, e onde rara gente conhecida se encontra, porque tudo está a banhos ou no campo) se acho algum diabo para ele.

José de Sá esteve aqui no domingo e também o Jacinto. Por eles recebi notícias de Vale de Lobos; pouco mais ou menos as que V. S.a me tinha já mandado. Hoje recebi carta do José de Sá em que me diz que o tonel, em vez de levar mais de 3 pipas, como o tanoeiro dizia, leva apenas 2 e 20 almudes.

Ainda assim o vinho tinto não o atesta porque rendeu apenas 68 almudes. Foi com receio disso que eu mandei pôr em franquia as vasilhas que havia. Com os 2 cascos que estavam na Azóia, a pipa do vinho branco que se despejou, e as quartolas pode o Francisco alojar o vinho de modo que fique algum em garrafão ou garrafas para se ir atestando. Prefiro isto a comprar algum mosto, porque, depois de provar o moscatel, de que o José de Sá me trouxe uma amostra, e que está estragado com gosto de madeira (o que atribuo a serem novos o selhão em que a uva foi pisada e o dornacho em que se curtiu) antes quero metê-lo em vasilhas servidas do que numa nova. Basta o gosto que lhe há-de ter posto o balseiro.

Entre outras coisas que de viva voz recomendei ao Sá para dizer ao Francisco foi que não se esquecesse de quanto antes mandar picar o rasto do moinho da azeitona, se for preciso, e fazê-lo betumar. Pelo barco, se vier a tempo, ou pelo caminho de ferro mandarei dez panos de azeitona novos e dentro deles os parafusos para se fixarem na vara as duas chapas de ferro que lhe mando pôr e que lá estão prontas. O carpinteiro logo que tivesse vagar deveria ir abrindo as caixas para as

ditas chapas, para o que não me parece seja necessário desaparafusar as virgens. Essa abertura das caixas é que leva mais tempo: o aparafusar as chapas é questão de meio-dia [1].

---

[1] *Termina aqui a carta, na 3.ª página da folha. Na quarta, da letra de José Cândido dos Santos, o seguinte:*

Furar a tamp do balceiro e servir-se do sifão se a altura do mosto o prometir.

O homem que for levar os relojos ade trazer 10 panos. Parafusos de madeira 100. do tamanho de 3 dedos (um pouco mais ou menos). Fazer a bomba para o deposito do bagaço; e desaterrar do lado de sima e do lado da bomba. Esta terra hade ir para a borda do rio, onde se andava deitando.

Saber de qual foi os raios da roda que se partio.

Tão depreça a azeitona este ja capaz deve começar apanha.

Il.mo Am.o e Sr.

Lisboa 5 — 8.bro.

Tencionava escrever ontem, mas as visitas sucederam aqui sem interrupção, de modo que não o pude fazer. De certo espera amanhã o correio antes de ir a Vale de Lobos, e por isso esta chegará a tempo.

Quanto à cal, quando vim a casa ainda tinha muita; estava quase cheia e por isso nada preciso. É certo que os rebocos levam muita, mas para alicerces e parede é suficiente traçar 5 de areia com 2 de cal. Esqueceu-me dizer isto e agora será tarde. A parede do fundo do coberto deve sair três a quatro palmos acima da terra, que é o que se terá de aterrar por dentro, e pode essa altura ser de pedra seca (como foi no curral das ovelhas) sendo só assentes em cal e areia as pedras da face de fora. O mesmo digo das dos topos; mas nestas será melhor fazer só o alicerce em degraus como eu disse ao Francisco até à flor

da terra e deixar o resto até eu ir. O comprimento das paredes do topo deve ser de 24 palmos. Os tufos a correr não gastam cal porque hão-de ser assentes em barro e areia, como foram os do curral. Também o assento das regadeiras que se continuarem pouca cal levam, porque são de pedra seca miúda sobre fundo de areia, sendo só assentes em cal as pedras das faces e o luto dos telhões. O que leva mais são as telhas da bordadura, que na falta de outro trabalho o pedreiro pode ir fazendo. À vista disto o Francisco que mande ir 4 a 6 carradas de cal, sobretudo por causa do tanque novo que é o que leva mais e suspenda rebocos, salvo o do topo do palheiro novo, recomendando ao pedreiro que não o faça muito grosso, o que não serve para nada. O que o segura muito é ser caiado bem, em fresco.

Desejo saber se o Antunes ajustou ou não as covas para as tanchoeiras no Reguengo e Murtinhais, e a razão porque não trata de cortar o mato que se há-de deitar nas covas, e que conviria transportar para o pé delas enquanto as chuvas não tornam o transporte mais dificultoso. Não deve esquecer o matagal grosso que houver aqui ou ali em Vale de Lobos e ir cortar o resto no mato mais alto

que houver no Cervato. Disto é que ele deve tratar.

Pelo barco vai um caixote, um barril, dois cestos do lagar, dois sacos de trigo, a quartola e devem ir mais uma ceira com pregos e outra com rolhas que o ferrageiro lá havia de mandar pôr.

O Francisco que não se esqueça de semear mais um bom canteiro de espinafres e ter outro pronto para planta de chicória que espero mandar-lhe daqui bem como semente da boa, de que logo deve fazer um criadeirozinho.

Logo que chover deve semear de cevada o chão onde se teve o faval, que pode assim dar um corte de erva e depois o grão.

Sábado e ontem mandei em procura da fruta: não tem chegado. Mando hoje: veremos. Os homens querem obrigar a gente a mandar a fruta por grande velocidade. Notei que a guia não traz data, e assim não se pode provar o dia em que se entregou no caminho de ferro. Bem sabem que a fruta abafada 4 dias se estraga.

O preço da vaca não deve ser menor do que custou levando a mais um vitelo. O que se pode pedir depende do estado em que ela estiver, quanto a lustro, quando se vender.

Sempre será bom medir a cal quando se

derregar porque se tiver a conta é barata, mas se não a tiver pode ser cara.

As ameixas brancas se não estão vendidas podem passar-se metendo-as no forno quando se coze depois de tirar o pão.

A terra em que esteve o milho basto depois de lavrada deve ser estorroada e endireitada à enchada, a puxá-la da valeta para o meio, sem o que há-de criar mal.

Se o cabeçalho da carreta não vier, poderei talvez escolher para iso uma das faias novas, o que é muito melhor que o choupo. Se a carreta estiver presa por alguns dias, servirá o carro. O que é preciso é ver como estamos de taipais que andam por lá espalhados e se se arranjam taipaleiras.

Já disse, a respeito de carpinteiro, noutra carta, o que devia fazer.

A semente da chicória vai pelo José de Sá que sai agora daqui. Basta semear no encadeiro a décima parte da que vai.

Se o Francisco vir que já tem bastante bolota apanhada pode comprar no dia 11 dois porcos para engorda mas que tenham de 1 a 2 anos ainda que custem caros.

A Mariana vai melhor. Abriram-lhe um bolso de sangue derramado que tinha acima do sobrolho e há esperanças de que não crie.

O corpo está cheio de pisaduras, mas isso pouca importância tem.

Os meus cumprimentos e lembranças dela para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José, a quem não pode escrever.

De V. S.a
am.° obrig.mo

HERCULANO

P. S.

O pedreiro não seria capaz de picar as galgas e a vasa, e betumar esta? Tinha uns poucos de dias que fazer.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 11 — 8.bro

Só ontem, 10, o moço trouxe de Santarém a sua carta, e só amanhã levará a resposta, porque isto anda por aqui muito atrapalhado com a vindima à falta de gente, e não tenho hoje quem possa dispensar para ir ao correio.

Mando a carta inclusa para Carlos Bento, que mora na vizinhança de seu concunhado. Não só o negócio me parece que não é daqueles com que se deva incomodar o Marquês, mas ainda há pouco o incomodei com coisa mais séria como sabe. É preciso distribuir o serviço pelos amigos, sobretudo os pequenos serviços, de modo que as nossas recomendações se não tornem banais. Fazendo-se assim não se inutilizam para as grandes ocasiões. Carlos Bento é um homem importante e estou persuadido que terá no Banco a quem recomendar o seu negócio. Não me lembra tê-lo

ocupado há muitos anos e creio que ele fará fàcilmente esse pequeno milagre.

Admiro que comecem aí a vindima tão tarde. Por estes sítios há já muitíssima uva podre.

Sou de V. S.ª

Am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Não lhe escrevi ontem porque estava caindo de sono por me ter levantado antes de amanhecer e lidado todo o dia.

Mandei aquele punhadozinho de azeitonas porque as achei curtidas já pelas mulheres e em estado de se comerem: estão outras que em poucos dias se acharão no mesmo estado, e de que também repartirei. Agora no varejo (em Vale de Lobos deve-se chamar colheita) veremos a que é mais grada e dessa irá em quantidade conveniente para guarda e fornecimento do resto do ano.

Quanto à cevada o homem aqui me falou nisso anteontem: respondi que não sabia se V. S.a já tinha disposto dela, e que por isso não podia ceder-lha. Eis porque ele lhe escreveu. Saiba que há nisto uma comédia, com que há-de rir como eu ri. Como vem cá esta semana à vista falaremos.

Peço que se vier carta de Lisboa com sobrescrito da letra da Mariana ou de meu

cunhado Meira a abra e examine se vem lá a guia dos livros.

Amanhã começamos com a apanha da azeitona, e o lagar quero ver se fica em ordem até o meio-dia, de modo que de tarde se possa fazer uma moedura da que tem caído e está em tulha.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e creia-me

Seu am.° obrig.mo

[Vale de Lobos] 16 — 8.bro

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Mais um motivo de agradecimento tenho eu na deliberação que tomou de obter o caixote dos livros, cuja perda me seria bem pouco agradável. Logo a tardança da guia me fez suspeitar que o galego a tinha perdido, mas como os livros estão a salvo é o que importa.

Faz-me agora grande desarranjo por causa da azeitona e do lagar mandar a carreta do turino à Ribeira e para cavalgadura o caixote faz péssima carga. Nestes termos pedir-lhe-ia que abrisse o tal caixote para o Joaquim vir trazendo pouco a pouco os que pudesse, no saco do alforje em que não trouxesse coisa que os pudesse sujar. Tanto importa que venham num mês como em dois ou três.

Posto que a féria seja esta semana avultada (só o rancho da azeitona é de 34 pessoas) chega-me bem o dinheiro que daí trouxe. O que preciso é de trocar duas libras que o rapaz leva, uma em cobre, outra em prata miúda, se a houver.

Estimo que seu cunhado obtivesse um mês de licença, e é possível que venha a obter a transferência que deseja. O Mouzinho disse-me que com mais algum tempo se poderia fazer. Creio que lhe repeti isto mesmo.

Da Mariana é natural que eu tenha carta amanhã. Se ela pedir para irem as nozes, amêndoas, etc., peço que não faça a remessa sem me prevenir porque lhe quero mandar conjuntamente umas coisas daqui.

Cá o espero, em conformidade da sua promessa, para ver funcionar a minha prensa, que começou hoje os seus trabalhos, portando-se muito bem.

Peço o favor de dirigir o rapaz para me trazer as duas botijas que leva, com aguardente de beber (agradável, mas baratinha) que é para os lagareiros matarem o bicho pela manhã. É foro do estilo.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e V. S.ª continue a considerar-me

Seu am.º obrig.mo e c.

[Vale de Lobos] 18—8.bro à noite.

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 29 8.bro

Escrevo duas linhas para satisfazer as indicações da sua carta que acabo de receber. Nós contamos com ir daqui no próximo domingo, e aí lhe vamos pôr a dispensa na espinha se o tempo se mantiver, e a chuva não nos obrigar a partir em direitura para Vale de Lobos. Por isso é inútil que o Francisco mande nada. O rendimento da azeitona é realmente desanimador: não me lembro de a ver vender tão pouco. No princípio atribuí-o a estar muito sobre o verde, mas agora essa explicação não basta, porque já deve estar geralmente sazonada. Sempre receei que este ano rendesse pouco, mas não imaginava tanto. À vista do facto é claro que se deve arranjar toda a azeitona de vara que se puder negociar a troco de azeite velho até onde este chegar, ficando o suficiente para o gasto de casa que o Francisco pode calcular pela média do gasto do último ano, e mesmo se aparecesse tanta

que o nosso azeite velho não chegasse e que se pudesse vencer fazendo azeite fino na vara e na prensa não deve o Francisco hesitar em comprar algum azeite novo para dar em troca de azeitona, uma vez que veja que pode vencê-la trabalhando a vara e a prensa, e ficando o bagaço (para remoer e tirar o azeite ordinário) bem acondicionado no depósito para se fazer mais tarde. Não importaria mesmo que pela azeitona, sendo boa, desse mais algum alqueire de azeite do que ela renderia ao dono em qualquer outro lagar contando no rendimento a maquia; isto é, que se rendesse não maquiado 8 ele não tivesse dúvida em dar 8 ½ ou 9. A conta é fácel de fazer. No Alentejo já há azeite novo a 1$700 e 1$800; aí não pode valer mais de 2$000 réis em os lagares trabalhando, e eu tenho a venda segura até 16 pipas a 5$10 réis. Assim ainda que compre a pipa a 50$000 réis ganho em cada uma 75$000 réis fora o custo do fabrico, e o menor valor da porção de ordinário que cada moedura há-de render, mas abatendo nesta o azeite a mais que produz a pressão da prensa. Isto é, o lucro em cada pipa não se pode calcular em menos de 50 a 60 mil réis.

Como nós temos uma porção de azeite feito soblo verde para dar aroma a todo ele, não

vejo inconveniente a que o rancho vá fora e que o resto da nossa azeitona espere (não havendo o perigo de se estragar) uma vez que essa concessão do rancho traga azeitona boa para trocar por azeite ordinário.

Folgo com as notícias que me dá das melhoras da sua vizinha que indirectamente são também melhoras para a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José, a quem terá a bondade de nos recomendar.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

P. S.

Junta achará a resposta que me mandou José de Torres. Parece-me que quanto ao resto é melhor esperar pelo Aguiar, que segundo consta vai muito melhor.

2.º P. S.

Como vai a Vale de Lobos peço que recomende ao pedreiro, que me não deixe a mínima terra nas paredes do tanque, nem me meta pedra suja ou grossa de mais, e que o melhor seria ir deitando a beirada do lagar do vinho para o lado do jardim, ou a beirada do telhado novo do depósito do bagaço até eu ir.

Il.mo Am.o e Sr.

Lisboa 3 9.bro

Finalmente está resolvida a volta para Vale de Lobos no comboio do sábado 6 do corrente que parte daqui pela manhã.

Peço o favor de prevenir o Eduardo para nos ter na estação um *char-à-bancs* em que possamos seguir viagem até casa.

Veja se se lembra de alguma encomenda que daqui precise e que possa ir na nossa bagagem.

Se por aí aparecer o nosso rapaz far-me-ia favor se avisasse para Vale de Lobos de que íamos no sábado.

Recomendações de toda esta gente e creia-me

Seu am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 9.bro 5.

Tinha já tenção de lhe mandar a carreta para trazer 4 cestos que estão no caminho de ferro, e que não se foram buscar hoje, por causa do serviço da azeitona, e porque não pude prevenir as coisas ontem por ter estado assás incomodado com as minhas quartãs escondidas, apesar de ter tomado pela manhã 9 grãos de quinino.

No barco devem vir dois relógios, um consertado, além dos pés de ferro e cabeceira de uma barra. As peças da barra e os cestos podem vir sobre os sacos de sal (irão 7 à cautela). Mas quanto aos relógios, se houvesse aí homem ou mulher de propósito e pacato que trouxesse um por cada vez à cabeça eu preferiria a despesa do frete a arriscá-los na carreta, ou mesmo confiá-los ao estavanado do rapaz. Se V. S.ª achar aí jeito disto, faz-me favor de lá os guardar até que haja portador seguro.

Tinha trazido comigo 17 a 18 moedas para as despesas da semana e para ocorrer a qualquer arranjo de azeitona que quisessem antes trocar a dinheiro do que a azeite; mas cheguei tarde para impedir uma grossa asneira do meu Antunes que me foi comprar *a olho* a azeitona de um homem da Póvoa por 15 ½ moedas, fugindo das instruções que se lhe deram. Pelo próprio cálculo que ele fez de render 8 moeduras e cada moedura 8 alqueires, tendo de a apanha, à minha custa, o lucro leva-o um grilo nas asas. Se o rendimento for menor, apanho pontapé, e é o que espero, porque para si próprio ele está costumado a exagerar os produtos que espera, por isso vai tão medrado.

O Francisco tem arranjado 20 ou 21 moeduras com o ajuste de se dar o que elas renderem em azeite velho ou novo, ou em dinheiro como o preço correr, e fornecendo a gente do rancho para a ajudar a apanhar, à custa dos donos, quando nos não fizer falta. Isto sim; é negócio.

O Pedroso não tinha razão em não querer os 30$000 réis. Calculei bem o que lhe devia dar. Meu cunhado queria mandar-lhe 3 ou 4 libras por vir tratar minha irmã. Não consenti por ser em minha casa. Se não desse ao

Pedroso uma média desse dinheiro, roubava-o. Eu entendo assim as coisas. Entendo também que o partido é mais para ter um facultativo que não falte e que venha logo que se mande chamar. Isto no campo tem dobrada importância. Mesmo em Lisboa, quando o médico teve de fazer durante o ano um certo número de visitas, sempre se acrescenta alguma coisa ao partido ou em dinheiro ou em presentes. Ora este ano o Pedroso fez um par bom de visitas a Vale de Lobos, e eu governei-me pelos usos da minha terra, porque não sei os de cá. E não me alarguei demasiado.

Visto o bom negócio do Antunes me levar quase todo o dinheiro que trouxe, bom será que me fiquem aqui uns 100$000 réis para o que der e vier, podendo o rapaz trazer amanhã 50$000 réis e na sexta-feira outros 50$000 réis.

Talvez eu tenha uma encomendinha de fruta para casa de meu cunhado Meira, e mandá-la-ei para aí com tempo, visto saber que vai no sábado, para ter a bondade de a remeter oportunamente, de modo que ela lá esteja quando V. S.ª chegar, fazendo favor de a despachar e mandá-la para a Calçada do Marquês.

A Mariana provàvelmente aproveita a sua

volta para voltar também. Deve então ter já recebido uns centos e tantos escudos. Mas, conforme aqui pintar o negócio da azeitona, terei talvez de lhe pedir o favor de me levar uma cartinha para receber da casa Bertrand uns vinténs que por lá estão.

Estimo a notícia que me dá de continuarem os alívios da Ex.ma Sr.a D.a Maria José. Deus queira que os não transtornem ou a boca ou a devoção.

V. S.a creia-me sempre

Seu am.° obrig.mo

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

Apesar da sua portentosa saúde, também a doença lhe chegou por casa, ainda que felizmente não passe de uma contipação. Servirá para lhe provar, ou pelo menos lembrar, que ainda as organizações mais robustas são obrigadas a ter cautelas.

Agradeço a oferta que me faz por ocasião da sua ida à Golegã; mas nada me ocorre que de lá me seja preciso. Hoje escrevo porque tenho necessàriamente de mandar o Joaquim a Santarém e até para ver se tenho carta da Mariana ou de meu cunhado. Apesar das notícias que mandou a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José não deixo de estar com cuidado.

Quanto a dinheiro, apesar de ter cá suficiente para a despesa sabida, bom será que venham 4$000 réis em miúdos e 6$000 réis em cobre, não só porque me faltam trocos, mas também porque não sei a quantidade de moeduras de bagaço que me irão chegando esta semana para a minha pequena especulação.

Encomendei-o para diversas partes, e ainda que donde se me prometeu mais não espero nenhum, pode vir muito donde se prometeu menos, e conforme o meu sistema quero comprá-lo de pronto.

Na minha carta de ontem falava a V. S.ª nas talhas de azeite. É negócio em que estou embaraçado. Tem-me faltado o latoeiro de quem esperava me viesse acabar o fabrico de três, de que só duas me deixou prontas. Contando a comida que dou ao latoeiro não me ficam mais baratas as que se fazem aqui do que as que se vendem em Santarém e que V. S.ª me diz serem de 30 almudes e custarem 5$500. A questão é a qualidade da folha e estarem bem soldadas de modo que não vertam. Se antes da sua partida para a Golegã tiver ocasião de as ver far-me-á particular favor em me comprar logo duas, avisando-me no sábado pelo Joaquim (que nesse mesmo dia pode trazer os 10$000 réis) para eu mandar no domingo a carreta com o resto do milho e virem as talhas no retorno. Nesse dia terei quase todas as vasilhas cheias.

Como me diz que vai no sábado à noite para Lisboa e só volta na terça-feira terei ocasião de o incomodar com mais uma das minhas impertinências e que é pedir-lhe para me com-

prar uma torneira de ferro para o que mandarei no sábado a nota relativa a ela.

A vinda da Mariana com a Ex.ma Sr.a D.a Maria José e com V. S.a deixa-me tranquilo a respeito da viagem. Só sinto o incómodo que lhes vai dar, por não poder vir logo para Vale de Lobos atendendo à hora da chegada. É mais uma consequência que sofre do seu génio serviçal.

Sou de V. S.a

Am.o e c. obrig.mo

A. Herculano

V[ale] de L[obos] 9 de Novembro.

P. S.

Se for à Golegã, peço o favor de me comprar meia dúzia de pares de peúgas de lã do tamanho do que vai para amostra.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 12 Novembro.

Desculpe-me não lhe ter respondido, mas tenho estado tão atrapalhado com cartas a escrever e zangas, sendo uma delas o ter de arranjar rancho, para a pouca azeitona que há, no último momento, por me faltar o que estava ajustado, que tenho deixado de dia para dia o escrever-lhe.

Quanto às seiras de cairo fizeram-se em Santarém a 2$500; resistem mais, mas não fazem grande serviço. As dobradas de esparto são melhores. Tenho-me desenganado de que nas condições ordinárias a prensa não faz rebentar as seiras. Mas se faz muito frio, ou se a massa a espremer está arruinada, ou se a pressão quando se aperta com o sarilho se não faz serenamente, dando de espaço tempo para sair o azeite, é que elas rebentam, ou quando estão velhas. Estando a massa muito fria, ou ardida as de cairo não rebentam, mas

também não deixam sair o azeite, como as outras. Aqui já têm ido à prensa seiras singelas de vara, e não têm rebentado. As de cairo parecem-me, portanto, uma despesa inútil. Que os lagareiros não sejam brutos; que o lagar seja agasalhado o mais possível, sobretudo quando a massa se está espremendo, e que esta esteja sã, nisso vai tudo.

Duvido de que se faça azeite bom, ou pelo menos tão bom como o daqui, porque me consta que a azeitona daí é má de si.

Aqui veio ter a junça que é muito boa. Assim o fosse o junco que este ano é péssimo.

Está aqui um barril em que veio o vinho que lhe mandou o Caldas. Creio que é dele porque tem por fora um bilhete por sua letra dirigido a ele. Aonde o devo mandar?

Entreguei à Mariana a sua nota com o nome dos fregueses a quem me havia de dirigir. Não sei onde a pôs. Faz-me o favor de me mandar uma nota dos nomes e moradas do faz-tudo, do barbeiro e do sapateiro? Do alfaiate já eu sei.

O horroroso temporal desta noite passada é provável que também por lá chegasse. Os estragos por aqui são enormes, segundo dizem. O nosso olival não sofreu muito por an-

darem as árvores rebaixadas. Ainda assim no cerrado das Figueiras está uma oliveira quebrada pelo pé, e na folha da Preta contei 7 ou 8 com grandes troncos lascados. A faia grande adiante do curral das ovelhas está no chão, e dos pinheiros à entrada da quinta e no abrigo do pomar foram-se quatro dos maiores, além de vários choupos e choupas por outras partes. O vento descoseu as parreiras de cima da armação e atirou com elas para cima das laranjeiras. Enfim é uma derrota como ainda cá não houve em meu tempo.

Terá a bondade de dar recomendações minhas à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

V[ale] de L[obos] 23 — Nov.bro

Remeto a carta para o Pequito[1] a favor do Padre. Demorei-a porque tenho tido muito que fazer e assentei que era melhor explicar-lhe o negócio, não sabendo se o Padre teria capacidade suficiente para bem o fazer, ou o desembaraço necessário para se não acanhar. Teve por isso a carta de ser mais comprida e levar mais tempo a escrever.

Peço que me diga se lhe consta que o barco chegasse. Deve trazer-me uns 4 carros de ferro, que me avisam de Lisboa foram entregues ao Alfaiate.

A compra das talhas foi magnífica, não só porque estão muito bem acabadas, mas tam-

[1] Conselheiro Rodrigo Afonso Pequito.

bém pelo valor das torneiras, tudo comparado com o preço. Há milagres e milagres. Este é dos melhores dos seus.

O negócio do bagaço continua com episódios divertidíssimos. Há-de rir quando cá vier. O que é certo é que ele vai aparecendo, e os bons resultados também.

Tenho aqui obra de 15 a 16 moedas, pela maior parte em ouro (de que mando 4 libras para fazer favor de trocar em prata); mas sempre será bom virem no sábado ou na sexta-feira (conforme o rapaz for) uns 20$000 réis porque, além do bagaço que já cá está, não sei o que me entrará pela porta dentro o resto da semana, e quero mandar no domingo ajustar contas por toda a parte. Os 20$000 réis podem vir metade em prata metade em cobre.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José; e adeus que são duas horas da noite e ainda tenho muito que escrever.

Am° e c. obrig.mo

HERCULANO

P. S.

O Pequito está de camaradagem com o Caetano de Seixas e Vasconcelos ajudante do

Procurador Geral da Coroa[1], na Rua de S. Mamede (à Sé). Não estou certo do número mas creio que é 31 num primeiro andar. O Padre fàcilmente atinará, senão procure-o nas Cortes.

[1] Amigo de Herculano, a quem hospedou na viade recolha de documentos pelos arquivos do país. (Vid. *Scenas de um Ano da Minha Vida).*

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 6 Dezembro.

O rapaz que vai hoje a compras pode trazer 60$000 réis que com os 40$000 réis que vieram ontem servirão para ajustar contas (as novas) com José de Sá, e na quinta-feira trará os 75$000 para as despesas da semana e ir satisfazendo os meus fornecedores.

Desejo que continuem de saúde. Nós vamos sem novidade: só com muito frio.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

V[ale] de L[obos] 16 Dezembro.

Com esta achará os papéis do marido de Maria Josefa e uma carta de meu cunhado em que dá conta do mau resultado do negócio. Não foi por mal cozinhado; mas porque estava em contravenção com a lei.

Nós por aqui vamos resistindo ao frio; eu bem, e a Mariana mal. Pensei que em velho me desse melhor com o Verão; mas não é assim. O Inverno ainda continua a ser para mim a boa estação.

Pediram-me aqui, à vista de uma das famosas mantas, para eu mandar vir uma. O pretendente não o reputo muito abonado; mas como tem uma empreitada que lhe dei e que importa em mais do que o custo da manta, estou com garantia na mão. Quando, por isso, tiver ocasião far-me-á favor de a comprar e remeter-ma pelo criado.

Mando por este correio uma ordem de

77$700 para se receber do Martins, de azeite que foi o mês passado. Deste dinheiro são 38$000 réis do José de Sá. Esta e outras garantias recebidas em Lisboa deixo-as lá porque talvez as precise quando for, sobretudo se comprar algumas vacas, e deixar encomendada a prensa do lagar do vinho. Assim peço o favor de me remeter os 38$000 réis para os dar ao Sá.

Desejo que a sua audácia em ir através do frio da noite dormir os seus sonos preparatórios no Clube continue a não dar mau resultado.

Peço os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José e creia-me sempre

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 17 Dezembro.

Vi as cartas que me remeteu sobre o vinho do Porto e sobre a avaria. Fico ciente e devolvo-as.

Vai o rapaz das vacas com a carreta, porque já não era possível fazer com que estivesse aqui de madrugada o José César, não estando prevenido e sendo hojedomingo. Vamos a ver se ele dá conta do recado. Leva 2 barricas para o arrais trazer cheias de pozolana, comprada no cais de Santarém em Lisboa.

Recebi pelo Domingos o recado a respeito do casco. Em relação aos outros é um pouco caro, tendo custado o que levou 37 almudes 7$000 réis. Entretanto isso pode proceder do maior preço da madeira, e como não posso deixar o vinho sujeito à eventualidade de haver ou não castanho e o tanoeiro fazer ou não fazer outro a tempo, não haverá remédio senão ficar com este, e com a lição de não encomendar obra senão com ajuste quanto ao preço e ao tempo.

Lembro, quando lhe calhar, as informações a respeito do destino que dão aos despejos e resíduos do matadouro. Desejaria também saber se na Ribeira haveria alguma estrebaria onde se recolhessem só cavalgaduras, e portanto vendesse estrume destas estreme, mas onde houvesse pátio ou quintal de depósito de modo que se pudesse mandar buscar quando conviesse. Tive esta ideia, porque não podendo dispensar ter uma junta de bois por causa da azeitona e enquanto houver obras, visto que o turino não pode com todo o serviço, aproveitaria as vagas para se conduzir aqui, e sendo estrume estreme de cavalgaduras faria com cada carrada a cinco ou seis, condição impreterível para ser vantajosa a compra de estrumes em Santarém na distância de 7 quilómetros.

Estas informações não têm pressa, mas pode oferecer-se ensejo de as obter e por isso as lembro aqui.

São mais de duas horas da noite e por isso despeço-me de V. S.ª pedindo me recomende à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e V. S.ª considere-me sempre como

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 23 Dezembro.

Deus queira que o incómodo da Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José não seja obstáculo à sua expedição de amanhã. O rapaz leva a cadeirinha e V. S.^a mandará dizer por ele ou pelo moço dos bois a que horas quer lá a égua.

O carro irá de tarde, e seria excelente que o barco tivesse chegado. Escusaria de voltar cá por causa das encomendas de Lisboa ou esperarem estas que fosse o casco de azeite para baixo. Bom seria saber do arrais quando o barco parte (que de certo será depois do Natal) porque talvez o azeite possa ir embarcado.

Como é festa, e tenho grande rancho, peço o favor de trazer ou mandar 30$000 réis.

Desculpe o borrão, que caiu depois da escrita.

De V. S.^a
am.^o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Desejo-lhe boas festas e boas entradas do novo ano que está a bater-nos à porta.

Tenho tenção, se tornar a haver em Portugal alguns dias em que não chova, de dar uma saltada a Lisboa com minha mulher, nos primeiros dias de Janeiro. Desejava saber, antes de ir, para quando teremos em estado de se beber o vinho do campo, por que hei-de estar com o amigo a quem o prometi e queria mostra-lhe, informando-o disso, que não me esquecera da sua encomenda.

Eu provàvelmente também hei-de querer um pouco para mim, porque, segundo aqui disse o Brigadeiro, o da vinha de Vale de Lobos não dá grandes esperanças de sair capaz.

Recomendações minhas e de minha mulher para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

V[ale] de L[obos] 27 — 10.bro

Il.mo Am.o e Sr.

V[ale] de L[obos] 28 Dezembro.

Vejo da sua carta que, apesar deste Inverno, vão por aí resistindo. É o que eu também faço. O pior é a Mariana não me seguir o exemplo, posto que eu esperasse que ainda se desse muito mais mal com tempo tão agreste.

Não era possível, com a tarde de hoje, mandar à Ribeira levar 2 bilhas de azeite (que o barco há-de levar para a Conservaria do Pucci na Rua dos Capelistas) e trazer a pozolana. Se o dia estiver melhor amanhã mando a carreta com o azeite e para trazer a pozolana, certo já, pelo costume, de que o barco sempre se demora mais do que o arrais diz. Se, porém, tiver partido peço o favor de me guardar aí as duas bilhas para irem na seguinte viagem.

Pelo José César, ou por quem for com a carreta, há-de ir um embrulho com uns pedaços de madeira para meu sobrinho Joaquim, os quais devem ser entregues na Calçada do Marquês de Abrantes. Se o barco tiver par-

tido, peço a V. S.ª que também os guarde. Vai igualmente um conhecimento ou guia do Caminho de Ferro respectivo a uma pouca de ferragem que José César deve receber, se já a entregaram, senão dará a guia a V. S.ª para fazer o favor de a receber oportunamente e mandá-la pôr no seu celeiro.

Quanto a dinheiro, esta semana de fim de ano e de mês é de arrasar um pobre lavrador que tem a pagar malta, mineiros, carpinteiros, pedreiros, limpadores, etc. e por cima de tudo soldadas, e empreitadas de não sei quantas covas para tanchoeiras e lajedo para o lagar. À cautela queira mandar-me uma dúzia de moedas, vindo o que for possível em miúdos e cobre, se houver.

O moço leva umas poucas de tangerinas, e uma amostra do feijão de Soissons, que passa pelo melhor feijão branco da Europa. É para provar. Este ano já tenho semente para semear em escala maior, e se produzir bem poder-nos--emos alargar para o ano.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José. V. S.ª creia-me sempre

Seu am.° obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 28 Dezembro.

Todos nesta casa têm andado adoentados com a estação que mais faz aparecer o caruncho. Eu próprio que sou o valentão desta velhada estou sofrendo na perna direita uma série de furúnculos ou não sei o quê, os quais sofrìvelmente me apoquentam. Desejo que o agreste do tempo não tenha feito por essa casa iguais gracejos.

Conto com esta semana a pagar na Póvoa mais de cinquenta moedas e por isso fará o favor de me remeter 60$000 réis (sessenta mil), porque talvez me não chegue para as despesas ordinárias, férias e soldadas o que tenho aqui. Podem vir 30$000 réis amanhã e 30 no sábado.

Da fava que houver preciso de um saco, que pode vir em porções, visto ser para a ração dos bois, e escuso de mandar de propósito buscá-la.

Começam a tardar os novilhos à vista da

carta do Seixas[1], mas à vista do tempo, e à vista do que são as estradas da Mealhada até a Meda, que por meus pecados já andei[2], não admiro a tardança.

Previno-o para não adiantar muito à mãe do Joaquim. Falaremos a respeito do *menino*, quando V. S.ª por aqui aparecer.

A Mariana, que esteve com um dos seus antigos ataques de estômago, diz-me que peça à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José 3 dúzias de ovos.

Terei por aqui uma bagatela de trigo e cevada para vender, deduzidas as sementes que emprestei aos rendeiros e o que fica para casa; mas isso mesmo não posso mandá-lo sem virem os sacos da avaria e do sal, porque os que restam são fracos.

A tarde não tem estado má. Teremos alguns dias de refrigério?

Já apurei exactamente o rendimento de 20 moeduras de bagaço comprado. Renderam 30 ½ almudes. A cousa pinta.

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

---

[1] Caetano de Seixas e Vasconcelos.

[2] Na viagem de recolha de documentos pelos arquivos do país (1857). Vid. *Scenas*.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] Dezembro 30.

O dinheiro chegou a porto e salvamento. A história das tangerinas (que eu não tinha contado) poderia explicar-se pelo mau estado da tampa da cesta, que as deixasse cair dentro dos alforges em que ia metida; mas o sujeito já está um pouco suspeito e *debaixo da vigilância da polícia,* por isso é possível que o rombo não fosse *queda,* mas *siza.*

Se o tempo estiver bom na terça-feira (2) aí vamos ficar para partirmos no comboio da manhã do dia 3, e nesse caso, como tem tenção de vir por aqui com o Sr. seu Cunhado vimos todos para baixo. Nesse dia temos tenção de mandar a bagagem menos necessária como mercadoria, que o José César pode despachar, deixando a guia em sua casa para a levarmos connosco. Dado o caso de mau tempo iremos no dia 3 de tarde directamente à estação para embarcarmos no comboio da noite.

Em ambas as hipóteses, o caleche deve estar aqui às 4 da tarde, ou no dia 2, ou do dia 3, para o que peço o favor de prevenir o Patroni.

A Mariana manda o ferro das filhós de polme. Diz que será bom metê-lo primeiro em pequena porção de azeite a ferver porque, não tendo servido há tempos, pode esverdear o azeite, que nesse caso fica para luzes, limpando-se de novo o ferro, e pondo novo azeite em que ele aqueça sem o alterar.

Desejarei que V. S.ª e a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José continuem a resistir ao caramelo que só nos deixa quando a lama o vem substituir. Com chuva ou com geada, disponha do

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Dom.o 15.

Vai o rapaz com a carreta para trazer as encomendas que vieram por pequena velocidade e a bagagem que veio connosco.

Com esta vai a carta para C. R. [1] que serve de prevenção à que V. S.ª há-de levar, e que peço que, depois de ler e fechar, mande pôr no correio.

Os nossos cumprimentos.

Am.º e c.

Herculano

[1] Casal Ribeiro.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] Dom.^o 29.

Vai o Pedro com os bois, visto não terem hoje que fazer, e a vaca ter talvez de ir à nora.

Remeto as duas cartas para Espanha. Não há pressa. Basta quando por outro motivo for a Marvila, fazer o favor de saber se as tomam aqui ou se é preciso entregá-las no correio geral em Lisboa, e no caso de as receberem aqui pôr-lhes as competentes estampilhas.

A Mariana, por ora, vai passando sem novidade. Recomenda-se muito.

Peço os meus cumprimentos à Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José e V. S.^a creia-me

Seu am.^o obrig.^mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 2.

Vão estas linhas em aditamento à minha carta de ontem e que até certo ponto servirá de resposta à de V. S.ª do mesmo dia, que acabo de receber.

Do que me diz acerca das coisas de Vale de Lobos em relação com a Azóia [1] só achei motivos para me entristecer; não por mim, que decerto não fico arruinado com se me irem pela água abaixo mais seis ou oito ou dez moedas, mas pela sorte que espera no fim àqueles patetas se conduzirem os seus próprios negócios com a mesma pontualidade e lisura. Deus lhes dê juízo, e a nós não nos desampare.

Peço-lhe que diga ao Antunes para o recomendar *na abegoaria* que depois de consertada a carreta com que fico que me não trabalhem

[1] Quinta de Gualdim, dos herdeiros do Brigadeiro Gorjão.

com ela, porque não quero ter de a consertar de novo no meio da colheita da azeitona em que ela tem de servir todos os dias, e que o carpinteiro tenha cuidado em ter sempre reparada a do turino pelo mesmo motivo, ainda que para isso deixe de trabalhar algum dia, indo o José César fazer o serviço que o Antunes lhe indicar.

Na minuta do arrendamento deixei em branco a quantidade de sementes que deviam pagar. Se, quando se tratar de fazer os duplicados de que lhe falo na minha carta de ontem e em que é necessário declarar as sementes que hão-de pagar eles oferecerem *duas* sementes de *tudo* quanto semearem, não faça questão e aceite: se oferecerem menos diga-lhes que eu, talvez por esquecimento, não lhe indiquei o que pedia, e que assim passaria a perguntar-mo, sem me dizer o que eles entendiam dever dar, porque podia querer mais ou menos, e não desejava que o negócio fosse mau, nem para mim nem para eles, e o mais que lhe ocorrer, como mestre que é nestas coisas. Creio que não exijo muito pedindo 2 sementes. Isso paga o Antunes das ribeiras estragadas do Cervato, e eu deixo-lhes as terras pobres poupadas e em parte estercadas e duas das melhores ribeiras (quarteirões e cerrado

grande) uma das quais livre de cheias e a outra em restolho de milho.

O meu amigo Duque de Palmela pediu-me que lhe descobrisse um procurador capaz para aí lhe tratar de um pleito que vai ter em Santarém. Lembrou-me logo que se houvesse algum honrado ou pelo menos pouco velhaco, o meu amigo havia de conhecê-lo. Se houver, e ele quiser aceitar a procuração do Duque peço o favor de mo mandar dizer.

Recomendações de todo este gentio e os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 17—4 da tarde.

Tenho o máximo empenho em que essa carta que o rapaz lhe entregará com esta, chegue amanhã por toda a manhã a Lisboa. Se não fosse possível já ir pelo correio, não havia alguém do caminho de ferro que a levasse e a deitasse de manhã nalguma caixa em Lisboa?

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 20.

Os cuidados que tem dado às minhas coisas, se por um lado me são, como devem ser, sumamente agradáveis, penalizam-me por outro lado porque lhe causam incómodo, ainda que o meu amigo o encubra. Não é grande divertimento andar passeando da Ribeira até Vale de Lobos para atender às mil nicas que envolve a administração de uma quinta por pequena que seja. É o inconveniente de um génio serviçal, útil para os outros, mas pesado demais para quem o tem.

Vejo o que me diz a respeito dos chícharos. Criados em terra pobre, e quase sem amanho, duvido de que sejam bons e que possam obter os 300 réis. Embora, porém, valham menos, e a fava regula aqui de 360 a 380 (porque não a há das ilhas) disponha deles como entender, salva sempre uma porção de 10 a 12 alqueires para semente. No caso de se venderem, tenha a bondade de mandar que entreguem ao Al-

faiate seis sacos na próxima viagem para eu comprar 36 alqueires de fava que devem chegar para as rações enquanto estiver aberto o lagar. Eu mandarei procurar os 6 sacos ao barco.

O negócio do Mestre de Música do 11 creio que está arranjado. Digo *creio;* porque, apesar do próprio D. António de Melo me afirmar que, não obstante ter-se ele empenhado por outrem, faria transferir o do 11 para o 2, eu não me fio destes amigos. Se a transferência se não fizer, avise-me.

Quanto aos padres o negócio precisa de mais jeito. Em sendo eu que fale a favor de um padre, supõe-se logo que é daqueles *que não servem*. Quando digo *padres*, é que o Dulac me deu informações a respeito de dois, um P.e Portugal que quer uma tesouraria, e outro P.e J. Custódio que quer a igreja de Vale de Prazeres, e que é aquele de que tratam as duas cartas que me entregou. Não sei se há nisto equívoco do Dulac, porque me não lembra de que me falasse em nenhum P.e Portugal. Pelo que toca ao P.e J. Custódio o chefe da repartição dos Eclesiásticos põe umas dúvidas tolas, que talvez encobrem o desejo de satisfazer o empenho de Vaz-Preto. Veremos a volta que se lhe dá.

Mando esse bilhete ou carta para José de Sá, que verá. Entendi que era melhor mandá-la assim, porque ele fica sabendo que o meu amigo conhece que está autorizado completamente para fazer as minhas vezes e que tem as mãos desembaraçadas. Vai também uma carta para mostrar, e nela algumas coisas relativas a Vale de Lobos para não parecer que foi ùnicamente para acompanhar a de José de Sá.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 26 à noite.

Não me lembrei de que o mês acabava na terça-feira e de que esta gente talvez queira soldadas nas vésperas de Entrudo. Queira por isso mandar-me 25$000 réis pelo rapaz e depois verei o que mais preciso esta semana.

Tenho estado desde o anoitecer com uma impertinente dor de estômago e por isso não sou mais extenso.

As pedras chegaram bem e amanhã vai uma carreta ao resto e ao sal.

De V. S.a
am.o obrig.mo e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Dom.o

Não dei ordem ao Manuel para trazer a farinha de que V. S.a fazia favor, porque o moleiro mandou dizer ao Francisco que trazia esta semana a que lá tinha a fazer, e que o rapaz já podia trazer na sexta-feira dois alqueires como efectivamente trouxe.

Acredito mais em que a relojoeira queira vir para *dar fé,* como V. S.a parece suspeitar, do que na doença do filho. Entretanto a calcular o dia que estará hoje pelo de ontem não terá esse incómodo. Veremos como as coisas se arranjam. Se não houver outro remédio sujeitar-nos-emos à *revista* da mulher.

Diz a Mariana que venham os *Amores de Luís XV* 2 volumes para ver. Depois se lhe parecer virá mais. Já se sabe seguindo daqui por diante a assinatura dos que forem saindo.

A égua não é cá precisa, porque o mais que faz é andar a pasto. Faça a sua viagem

com todo o sossego. Até por isso, deixaremos a tratar da vinda da mulher para outro dia santo se não se puder evitar.

O rolo da prata que fez favor de me trazer tinha por fora 35$000 réis. Achei dentro 32$000 réis. A Mariana diz que não tirou de lá dinheiro, nem a mim me lembra de o ter tirado, nem as quebras do papel indicam que se lhe bulisse. Faz favor de verificar lá o que veio? Isto basta quando voltar, porque não é negócio de pressa, como vê.

Estimaremos que a Ex.ma Sr.a D.a Maria José continue a não sentir novidade, e que o tempo permita vir espairecer por aqui alguns dias.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos) Domingo à noite.

Hoje foi a festa da Azóia: não houve remédio senão quebrar o rigor da disciplina e dar licença sem limite. Por isso não tinha lá quem mandasse sem injustiça relativa.

Entretanto o Manuel ficou citado para ir de madrugada à Ribeira levar esta carta. Acordará ele a horas? Não respondo por isso.

José de Sá aqui tem estado em Vale de Lobos e já a noite passada dormiu alguma coisa. Como é natural, o homem está consternadíssimo [1].

Estimarei que nos traga novas mais satisfatórias da Ex.ma Sr.a D.a Maria José. O Pedroso aqui esteve, e aí me fez um receituário para a minha gosma. Veremos.

Am.o e c. obrig.mo

Herculano

[1] De certo pelo falecimento do Brigadeiro Gorjão.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 2.ª f.ª

O meu amigo está realmente com um terrível medo de morrer! Mandar aqui um próprio para me advertir de um engano de soma parece-me demais. Penso pouco na morte, que no sentir dos filósofos é, segundo uns, um adormecimento perpétuo sem sonhos; segundo outros, a passagem rápida para perpétua vida; mas à vista do seu exemplo, vou qualquer dia alinhavar um testamento que não há-de levar muitas linhas, e depois vou aí fazê-lo aprovar por algum tabelião seu conhecido.

Meu sobrinho naturalmente partiu ontem, porque o dia não estava para passeios com a duvidosa saúde dele. Não sei se lhe esqueceria um recado que levava para V. S.ª e era pedir-lhe que mandasse ver a marrã de Vale de

Lobos por algum salchicheiro mais capaz que conhecesse e que a ajustasse e levasse, porque o leite de manteiga está a acabar e o melão ruim também, e tenho medo que ela retraia.

O moço leva umas calças para modelo das calças de mescla para trazer aqui em que lhe falei. Feitas as calças irá a jaqueta.

Hoje se o dia o permitir mandarei a carreta com o foro do mato da Papoila que ainda não paguei por não poder dispensar o boi, e de caminho levará os caixotes ao João Urbano. Se puder arrumar em cima alguma hortalica irá também. Far-me-ia favor, saindo, de deixar prevenido em casa para onde há-de levar-se no caso de ir.

Estou livre do azeite ruim. O último que já levara misturado algum do *bom* foi a 2$450. Far-me-ia favor de se informar dos últimos preços, porque se me quadrassem iria pondo fora algum do tal *bom*. Estou com medo do florescer dos olivais para a Primavera que vem, ainda que tenho de reservar uma porção para dar por azeitona fresca (se vier ano de safra) enquanto a prensa não fornecer do novo.

Os nossos cumprimentos e muitas saudades à Ex.ma Sr.a D.a Maria José, que não deve esquecer-se da sua promessa, se o tempo o

permitir, e guardado o devido respeito à novena da Imaculada Conceição, que por sinal é uma grossa heresia.

De V. S.ª
am.° e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 2.ª f.ª

Espero que hoje vá um carro levar os barris de azeite à estação. Não tenho certeza disso porque ainda não falei com José de Sá que há-de vir encher os barris. Entretanto é altamente provável ir o carro. Este pode trazer duas talhas, e a outra virá quando houver ocasião que será breve. Visto que não posso dar já certeza absoluta da ida do carro, nem posso demorar o rapaz, não se prenda com este negócio. Basta deixar um bilhete autorizando o carreiro a receber as duas talhas e indicando o lugar onde estão. Não me parece haja perigo de o homem trocar alguma das grandes pela mais pequena. Era uma porcaria que não passava de tolice, o que se remedeava descontando alguma coisa no pagamento da 3.ª visto que logo aqui se conhecia a velhacada.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 2.ª f.ª à noite.

Estimarei que continue a gozar de boa saúde e que se não tenha assustado com a aurora boreal que acaba de nos visitar. É fenómeno raro no nosso país, e não me lembro de ter visto senão três ou quatro na minha vida. Desejarei também que tivesse boas notícias da Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José.

O rapaz vai para trazer o dinheiro necessário para esta semana. Como parto para baixo na quarta-feira, e não estarei provàvelmente cá no princípio do mês, quero deixar pagas as soldadas de Outubro. Tenha pois a bondade de me mandar 60$000 réis. Antes sobeje.

Se souber a que horas parte o comboio da tarde peço o favor de o dizer ao Joaquim. Senão, ele que o vá saber à estação.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo
A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 2.ª f.ª à noite.

Esta tarde soube por José de Sá que V. S.ª já não ia a Lisboa. Tinha uma encomenda de dois cestos de fruta meia alinhavada e ele ofereceu-se para os levar consigo. Aceitei; mas depois reflecti que isto podia ter algum inconveniente, visto ele ir só no comboio das 6 da tarde, e talvez não seja tempo de despachar fruta. Assentei que o mais prudente era deixar ordem para quando o Pedro chegar, meter o boi à carreta e ir a casa de V. S.ª levar os cestos para lhe indicar o que há-de fazer ou deixá-los na estação para serem entregues a José de Sá, ou despachá-los como fruta, o que suponho só pode ser até o meio-dia. Lá guiará esse barco.

Vai esta pelo rapaz que deve chegar aí mais cedo.

Am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço infinitamente as notícias que me deu de minha mulher, porque as que tinha por meu cunhado eram da manhã de sábado, em que as melhoras poucas eram. Dá-me algum cuidado a nova forma que tomam os ataques, de lançar fora sem arrancos.

Esperava-o hoje, em conformidade da sua carta, para me ajudar a comer o lombo de porco assado à Alentejana. Se vier amanhã, ainda, porém, achará o seu quinhão, posto que já não seja a mesma coisa.

É natural que se não vier amanhã, apareça algum destes dias e então combinaremos o que se há-de fazer a respeito do Padre.

O rapaz vai para trazer o arroz. Eu chamei *pote* à talha, ao modo de Lisboa onde estas coisas muitas vezes se confundem. A que veio é excelente, porque efectivamente tem o fim que supôs.

No caso de não vir amanhã desejaria que se informasse se as talhas de folha de 30 almu-

des a 5$500 são sólidas e de folha dobrada, porque nessa hipótese pouco mais caras são do que as que faz aqui o funileiro dos Casais, e eu provàvelmente precisarei de alguma ou de algumas. A primeira experiência que fiz com o remoer o bagaço de fora deu óptimo resultado; e espero arranjar porção dele em conta.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

[Vale de Lobos] 2.ª f.ª à noite.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 3.ª f.ª

Duvido de que hoje se possa prevenir o Jerónimo para amanhã, porque o Francisco saiu para arranjar dois rapazes com que quero, se for possível hoje mesmo, substituir os dois filhos do Alexandre Montês da Azóia. Não sei quando voltará. O mais certo é ficar a coisa para quinta-feira, visto que não dá incómodo grande.

A mulher do Silva[1] escreveu à Mariana oferecendo-lhe a janela para ver sexta-feira a procissão. Consultámos o ponto, e como tenho de ir fazer uma visita ao Silva, aproveito a ocasião e satisfaço a patroa. Se souber a que horas costuma sair o tal embrechado, faz favor de mo mandar dizer pelo rapaz na quinta-feira e por ele prevenirei, no caso de não ocorrer algum obstáculo imprevisto para fazer

[1] Dr. Joaquim Maria da Silva, advogado em Santarém.

favor de dar ordem ao homem do caleche para nos vir buscar a horas que cheguemos não muito antes da procissão sair e prevenindo-o de que nos há-de reconduzir para aqui. Tínhamos vontade de dar aí antes uma saltada; mas seria forçoso que depois subíssemos a pé a Atamarma, ou Santa Clara, no meio do povoléu, o que seria incómodo para a Mariana e até para o meu joelho. Fica para viagem especial.

Não mais; porque esta tem de ir pelo moço do Francisco Cordeiro.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 3.ª f.ª

Sinto a notícia que me dá do incómodo grave da Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e desejarei que o Manuel traga hoje notícias mais favoráveis.

Não contamos partir para Lisboa desde sábado até segunda-feira próximas. Se contra a nossa expectativa, a enferma não estiver restabelecida, a Mariana quer ir por aí vê-la, e nesse caso mandaremos vir o caleche mais cedo, indo de sua casa a pé até à estação.

Hoje mando ordem para entregarem em Lisboa 100$000 réis ao Il.mo Sr. Nunes, que desse dinheiro poderá pagar a alimpadura sem ser necessário ir daqui.

Se houver alguma resposta da criada a Mariana desejaria sabê-la para deixar as coisas dispostas antes de partirmos.

Am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 3.ª f.ª

Escrevo esta, tarde por causa de uma visita que tivemos aqui. Tencionamos ir para Lisboa na quinta-feira 8 do corrente. Pedimos o favor de avisar o Eduardo para nos mandar buscar a horas de irmos no comboio da tarde.

Não sei se teremos alguma despesa extraordinária antes da partida. De prevenção, seria bom mandar pelo rapaz dez ou doze mil réis.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e eu sou como devo

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 3.ª f.ª à noite.

Nem hoje pude nem posso amanhã mandar buscar o carvão, porque o ajuda do Pedro está doente e o serviço é bastante. Irá na quinta ou sexta e levará as tábuas que oportunamente mandarei buscar a casa do José de Sá.

Ao rapaz dei ordem de ir bem cedo levando a égua. Assim ele se não demore. Leva uma cesta com peras pardas de Agosto e tomates, visto que por aí ainda são raras.

Junta vai a carta que me escreveu o Chamiço, para mostrar ao homem e ele ver que se fez a diligência.

Peço os meus cumprimentos para a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e cá o espero às 3 horas para jantar.

P. S.

Peço o favor de trazer 50$000 réis por causa das soldadas e de cal. Pode vir metade ou mais em libras para não pesar tanto.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 3.ª f.ª à noite.

Acaba de chegar aqui um sobrinho meu que vem adoentado da mesma moléstia (peito) que receio vá levando todos os irmãos. Escrevo por isso duas linhas, e tanto mais que o espero cá depois de amanhã.

Se o Peixoto ainda cá estiver peço que lhe entregue a inclusa conta da loja de ferragens do Fernandes ao pé de S. Julião para mostrar ao caixeiro Correia e dizer-lhe que no caixote em que veio a folha e que *se despregou diante de mim* não vinha o estanho incluído na dita conta, e que é provável lá esteja por algum canto do armazém.

Quanto à diafa do rancho sigo a regra do ano passado. É ao mesmo tempo mais cómodo e mais barato. Quanto ao azeite à vista falaremos.

Am.º e c.

Herculano

Il. Am.º

A carta que ia aberta sem selo e que devolvo é a que há-de levar quem for apresentar o rapaz na quinta regional da Granja (entre Mafra e Sintra) [1] onde deve estar antes de 20 deste mês.

Am.º e c.

Herculano

[1] Da «Quinta da Granja» data José Cândido dos Santos cartas escritas em 1877, depois da morte de Herculano, ao Duque de Palmela.

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço o seu cuidado a respeito da criação que está grave: creio que quase sempre é assim por este tempo, concorrendo, talvez, o alto preço da carne em Lisboa, o que há-de derivar para aquele mercado as aves, cujo valor deve ser proporcional ao da vaca. Não há remédio senão acomodar com o que aparecer, bastando que haja para a Mariana, cujos incómodos de estômago posto que mais fracos, são mais frequentes, sendo raro passar três dias sem eles, e que, por isso, tem de recorrer ao arroz de frango ou ao de galinha muitas vezes.

Pela minha parte, tendo vindo já de Lisboa com uma secreção extraordinária dos brônquios (gargalos desta espécie de garrafas chamadas os pulmões) que ainda me aumentou cá, a ponto de me começar a dar cuidado, tenho-a ido domando com os meus raspalhismos, de modo que me parece estar subjugada.

O bacelo vai devagar pelo tempo e pelo

preço dos homens. Esta semana creio que não terei mais de quatro ou cinco; porque da praça não viriam para bacelo a menos de 280 ou 300 réis. Também apenas estou preso por 2 a 3 milheiros, que vão em terras mais fortes e húmidas, que podem esperar. Tem razão em supor que o perigo desta plantação é o excesso da chuva; mas como se não sabe o tempo que há-de vir é preciso correr-lhe o risco. Entretanto logo que os preços desçam pode-se fazer numa semana o que se havia de fazer em duas ou três.

O meu bagaço também tem diminuído de rendimento em consequência de aparecer algum ardido, resultado do mau acondicionamento, o que era inevitável, por não ter ainda localidade com as condições necessárias para se conservar bem. Este ano é o das experiências. Felizmente a coisa dá para todos os contras, que se remediarão noutro ano.

Quanto ao azeite, é claro que hei-de pôr embargos à venda enquanto puder, e talvez que ainda escape de Março e talvez de Abril, apesar da despesa feita de há 4 ou 5 meses para cá, que bem sabe qual tem sido, só a que lhe tem corrido pelas mãos. Já dei ordem para entregarem em Lisboa a seu cunhado por um lado 30$000 réis e por outro 90$000.

O moleiro disse que pagava este mês dez libras, e há a receber em Lisboa noventa e tantos mil réis de azeite vendido, que foi quase todo meu, porque o José de Sá comeu adiantado e agora já não lhe restava de azeite velho senão 2 ou 3 almudes, e o novo dele ainda não está capaz de se vender pela frialdade do lagar onde o conserva. Assim, não faltando o moleiro, apurar-se-ão ainda em Março umas 50 moedas que com uns 130$ ou 140à réis que devo receber em Abril e a minho quota de azeite que temos à comissão no Mendes e que deve estar quase vendido parece-me que poderei fazr face a todas as despesas dos dois meses, afora o que vai suprindo e o que ainda resta.

Entretanto sempre agradecerei o ter de olho a questão dos preços do azeite ordinário. Pode sobrevir um caso. O Jerónimo não larga de dor de ilharga o José de Sá para a venda dos dois retalhos que pegam com o Reguengo e José de Sá não me larga a mim. Fomos ver bem a coisa. Prometi como quem não tem vontade de comprar. José de Sá teve uma boa ideia. Foi dizer ao homem que se lhe compravam os retalhos livres de foro e que se arranjasse ele com o senhorio directo. Assim livre, ofereci 200$000 réis o que equivaleria

comprando sujeito ao foro a obra de 30 moedas. Veremos o que o homem diz. Se quiser algum dinheiro para transigir com o senhorio dar-lho-ei fazendo-me um escrito de promessa de venda com declaração da dívida, que foi o que Dr. Silva[1] fez quando foi a compra do Reguengo.

O meu azeite novo fino já está capaz de se pôr à venda, porque o armazém é excelente para o clarificar. Também era tempo porque o velho está acabado. Aí vai uma amostra dele.

Cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a continue a ter-me na conta de

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

P. S.

Se o moleiro pagar esta semana as 10 libras não precisarei de dinheiro daí. Se não as der, mandarei na sexta-feira ou no sábado buscar o necessário. Se vier na quinta-feira cá falaremos.

---

[1] Joaquim Maria da Silva.

[Vale de Lobos, fins da Primavera].

Il.mo Am.o e Sr.

Avisaram de Lisboa que tinham remetido os géneros do mês dirigindo a guia a V. S.a. Devem ter chegado, e nesse caso a Mariana pede que os traga o rapaz de preferência ao outro cesto que veio no barco, porque estão acabados alguns géneros, e escusa comprá-los em Santarém.

Esta semana serão precisos uns 20$000 réis.

Dei ordem para entregarem uns 50$000 réis ao Sr. Nunes e como V. S.a me disse que vinha cá antes de ir para Lisboa reservo para à vista lhe dar o bilhete para fazer o favor de me receber no Martins o dinheiro de que lhe falei.

Vão uns poucos dos nossos figos lampos.

Pedimos os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.o obrig.mo e c.

A. Herculano

[Vale de Lobos].

Il.mo Am.o e Sr.

Bem desejava não o incomodar com as minhas impertinências enquanto cá tivesse os seus hóspedes; mas há casos que podem mais que as leis. Partimos daqui depois de amanhã, e é necessário expedir hoje umas encomendas. Vai o moço Pedro com elas, e como hão-de ser 3 guias em 3 sobrescritos diversos receio que ele as troque. Para meu cunhado Galhardo é o barril que leva o nome dele, para o Meira os 2 cestos e outro barril: para o Morais Soares o caixote. Peço o favor de introduzir as guias nos sobrescritos respectivos.

Será bom virem esta semana 30$000 réis para deixar dinheiro ao Francisco e à Florinda.

Recomendações nossas a todos os seus.

Am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Creio que o garoto que vai aos recados a Santarém sai daqui. Vou indagar se um homem que na Ajuda me fazia serviço quererá vir para Vale de Lobos. Se não quiser, e o garoto abalar, terei de arranjar outro. Não desejo tomá-lo da Azóia ou da Póvoa; dos Sítios, em suma. Pedia-lhe o favor de perguntar se haveria por aí algum rapazote que se quisesse assoldadar, havendo dele boas informações. Isto sem urgência, porque ainda que o garoto se vá, tenho com que remediar provisòriamente. Depois veríamos as condições. O principal é que saiba tratar de cavalgaduras, ceifar erva, etc.

A Mariana recomenda-se e eu igualmente à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Esta semana têm aparecido bicos de obra que alargam a verba do orçamento. Peço o favor de me mandar 20$000 réis.

Depois das notícias de anteontem que não eram muito boas (eu nunca acreditei muito na solidez das melhoras) não tem havido carta de José de Sá, e por isso nada sei do Brigadeiro. Estou receando que ele insista na vinda, e vinda a cavalo desde a estação.

Desejo que a Ex.ma Sr.a D.a Maria José se ache restabelecida do seu incómodo, e peço os nossos cumprimentos para ela.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Estimarei que tenha passado com vigorosa saúde desde que aqui esteve e que a Ex.ma Sr.a D.a Maria José goze da mesma fortuna que é o maior bem deste mundo. Nós por aqui vamos com o nosso caruncho de trastes velhos, mas sem incómodo notável.

Peço ao meu amigo o favor de receber essa letra quando for a Marvila e lhe cair a jeito.

Não há pressa alguma, e far-me-á o favor em guardar o dinheiro até que lhe calhe vir por estes sítios, porque me não é necessário agora. Por quem é não venha cá de propósito por causa disso, até porque assim me impossibilita de lhe tornar a pedir igual favor.

Recomendações minhas e da Mariana.

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

[Vale de Lobos].

Il.mo Am.o e Sr.

Mando o rapaz com um caixote contendo queijos e requeijões de forno para D. Fernando[1] devendo ir por grande velocidade por causa dos requeijões. Peço o favor de o encaminhar. Leva uma carta para o Manuel aberta, para se meter dentro a guia. Vai também a nota para esta se passar.

A égua irá amanhã. Não é preciso vir dinheiro. Dei ordem para entregarem uns 50$000 réis que tinha de receber em Lisboa ao Sr. Nunes. Se não os tiver já, entregá-los-ão por estes dias.

Nós vamos sem novidades. Queira Deus que por aí suceda o mesmo.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

---

[1] O Rei D. Fernando.

[*Sobrescrito na própria folha:* «Il.mo Sr. / JoséÂnd.o dos Santos»].

[Vale de Lobos].

Il.mo Am.o e Sr.

O rapaz leva a égua. — Não é preciso dinheiro esta semana. Até logo.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Peço desculpa de remeter essa amostra da fruta que vai aparecendo por Vale de Lobos. Este ano é pequena e desenxabida, mas não a temos melhor. É o resultado, creio eu, da falta de humidade.

Quanto ao homem parece-me que ele não tem razão em atribuir a maus motivos o exame da capacidade relativa dos pretendentes. Em negócio próprio poderiam escolher *só* em atenção ao pedido deste ou daquele. Apenas sacrificariam o seu interesse a servir um amigo, o que não passaria de generosidade imprudente. Mas gerindo dinheiro e interesses alheios, a coisa seria um pouco pior que imprudência.

Se quer que escreva ao Aguiar recomendando de novo o homem para que em igualdade de mérito o prefira, fá-lo-ei com gosto. Isto pode pedir-se decentemente.

Desejamos todos aqui as melhoras da Ex.ma

Sr.ª D.ª Maria, a quem pedimos os nossos cumprimentos, recomendando-nos igualmente ao seu amigo.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Pelos viajantes soube que a Ex.ma Sr.a D.a Maria José continua a passar incomodada, como na sua última me dizia. Espero que hoje nos mande notícias mais agradáveis.

Nuns 30$000 réis que me trouxeram de Lisboa vieram os inclusos 20$000 réis em nota do Banco. Peço o favor de me mandar o troco, porque me parece que não será difícil o tomarem-na depois em Santarém quando lhe calhar trocá-la, do que tenho medo de encarregar o rapaz.

Recomendações dos nossos hóspedes e da Mariana e V. S.a continue a ter-me em conta de

Seu am.o obrig.mo

Herculano

[*Sobrescrito na própria fl.a:* Il.mo Sr. / José Cândido dos Santos / Ribeira de Santarém].

Il.mo Am.o e Sr.

Remeto a carta a favor do Padre para ele levar ao Dulac ou fazer-lhe entregar por procurador, porque vai redigida de modo que serve em qualquer dos casos. Escrevo-lhe além disso pelo correio. Muita gente persuade-se de que as cartas de recomendação dadas em mão são melhores. Não é assim. À vista delas a pessoa a quem se escreve não sabe se a carta que se lhe apresenta é espontânea ou foi só para satisfazer. A que vai pelo correio não é assim.

Hoje recebi carta do Brigadeiro, que tem passado melhor em Lisboa, e que me parece estar com fé no Brilhante. Isso mesmo é uma vantagem e ajuda o tratamento.

Se por acaso ouvir por aí falar em venda de palha triga e no preço de cada rede dela, te-

ria curiosidade de saber. Todo o lavrador este ano deve ter apreensão pelo Inverno. Pode ser que eu me resolva a comprar alguma, apesar de não ser, em proporção ao gado, dos que têm menos de lavra própria, e de estar resolvido a não vender um só alqueire do chícharo que tenho.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a tenha-me sempre por

Seu am.° obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Também eu tive carta de João Carlos, dando-me as mesmas notícias do nosso doente, a respeito das quais infelizmente só posso repetir o que mais de uma vez tenho dito [1].

Vai esta pelos carreiros que mando de tarde. É o carro para trazer as peças mais pesadas e carreta do turino para o resto. Os outros dois bois chegaram às 8 horas da Ponte da Asseca com uma carrada de feno que lá mandei comprar por saber que era bom e, em atenção ao ano, muito barato. Quero deixá-los descansar. O turino pode quase tanto como eles.

Já que quer ter a bondade de superintender o carregamento das peças da prensa, mando uma nota das que devem vir, e que me lembram. Pode esquecer-me alguma, mas recebe-se o que vier a mais.

Mando também à cautela desenho da pren-

[1] O Brigadeiro Gorjão.

sa, porque talvez por ele possa conhecer se falta alguma coisa. Em todo o caso peço que mo devolva, porque me há-de ser necessário ao assentar da prensa por causa das medidas.

Não sei ainda se precisarei para a semana algum dinheiro em prata. Depende isso de vir o canteiro acabar a tarefa da pedra e de ter de chamar outro pedreiro para o ajudar a assentar a prensa. Se for, avisarei antes da quarta-feira. Quanto ao cobre para férias trá-lo-á o Joaquim no fim da semana.

Recomendações da Mariana e os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

HERCULANO

P. S.

Será bom, havendo ocasião ajustar contas com o arrais.

[Vale de Lobos].

Il.mo Am.o e Sr.

São 2 horas da tarde. Os bois chegaram com estrume de Santarém e José de Sá tem os seus em serviço. Não vejo vantagem em ir um, com os bois cansados, e só irem amanhã os outros, além de que os boieiros indo juntos ajudam uns aos outros a carregar. Acho mais conveniente pagar a um homem que guarde a madeira esta noite, e irem daqui cedo os carros juntos.

Tinha avisado o rapaz para ir à tardinha aí. Estava pronto um cabazinho com damascos para ele levar. Mando-o pelo portador da sua carta. O mais que pode suceder é ele tirar a prova pelo caminho. O cestinho vai bem cheio. Ao de cima vai o dedal da Ex.ma Sr.a D.a Maria.

No sábado há-de levar o rapaz um tacho e uma condeça que hão-de acompanhar os 4 cestos para casa de meu cunhado.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Suponho que esta o irá encontrar de volta da sua digressão.

Vou incomodá-lo pedindo o habitual favor de receber a letra junta, quando por outro qualquer motivo tenha de ir a Marvila.

Antes que me esqueça. No sábado precisarei de ter aqui 10 ou 12$ réis em prata e miúdos.

Agradeço o cuidado de me avisar da chegada do barco. Não mandei logo porque me fazia desarranjo; mas já tudo cá está a porto e salvamento.

Quanto à avaria, como o trigo tem subido, vamos a ver quanto esta custou, antes de encomendar mais.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

P. S.

O nosso amigo Brigadeiro vai o mesmo. Conta ir para Lisboa na quinta-feira.

Il.mo Am.o e Sr.

Hoje recebo uma carta do ajudante do procurador da coroa, Caetano de Seixas e Vasconcelos, que me avisa de que vem aqui amanhã com um amigo seu, e que parte de Lisboa no comboio das 7 ½ da manhã. Pedia a V. S.ª o favor de ver se prevenia o Patroni para o procurar na estação e combinar com ele o modo de o transportar aqui ou nalgum veículo que tenha disponível na estação ou indo eles por Santarém no *char-à-bancs*, ou por outro qualquer modo. Se fosse um só mandava a égua mas não tenho para dois, e não quero mandar pedir a cavalgadura à Azóia. Os sinais do Seixas são — homem pela minha idade, estatura mediana, magro, com toda a barba, mas pouco barbado e cabelos meios pretos meios brancos e muito vivo e esperto nos movimentos. Com estes sinais e perguntando pelo nome dele será fácil encontrá-lo no meio das poucas pessoas que costumam apear-se para ficar em Santarém.

Não sou mais extenso porque conto cá vê-lo depois de amanhã. Falaremos sobre azeite, foro, etc., para o que sempre há-de haver um pedaço porque o Seixas não é de cerimónias, e havemos de estar muito à nossa vontade. Tenha paciência com mais esta maçada.

De V. S.ª
am.° e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Como hoje esteve o dia bom talvez amanhã o tempo lhe consinta a viage até Vale de Lobos.

Esta semana acaba o meu rancho. Resolvi pagar a dinheiro a adiafa para evitar barulho de bêbedos em casa. Tenho também a pagar bagaço e não é provável que falte ninguém do rancho por ser a última semana. Será por isso bom virem uns 60$00, havendo além das despesas extraordinárias as soldadas do fim do mês.

Se vier na quinta-feira já achará cheia de azeite uma das *bichas* que daí vieram.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Aqui chegámos e nos conservamos sem novidade desejando que por aí aconteça o mesmo.

Vai amanhã o rapaz com a carreta. Amanhã irá a égua.

Não creio que esta semana haja nada a pagar extraordinário, e trouxemos connosco algumas libras. Entretanto podem vir uns 15$00 em prata.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Fica recomendado que vá amanhã a égua e bem assim a cadeirinha que deve aí ficar.

Espero esta semana uma porção grande de madeira que estava encomendada e que além disso venha cal. Assim será bom virem uns 60$00, bastando serem em prata 15 ou 20 escudos.

A criada Violante já marchou. Cá ouvirá essa história, em que tive de ceder à pressão da *opinião pública*. Maria Joaquim fica até a volta da Mariana por oferta própria.

Até amanhã.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Foi às 3 da tarde quando vim jantar que recebi a sua carta e vi a recomendação da carreta para o carvão. Estavam fora os bois e o Pedro estava longe carregando pedra. Calculei que era impossível chegar aí de dia, e como vi que me dizia que as sacas podiam ir depois de àmanhã, inferi que o barco se demora até então e que portanto não seria desarranjo irem-se buscar ámanhã. Dei ordem para se avisar o Pedro quando chegasse para logo que viesse pela manhã, marchar para a Ribeira.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Como aqui o esperamos amanhã, esta serve só para lhe dizer que não preciso de dinheiro esta semana, e que talvez mesmo o não precise na outra apesar de ser fim do mês, salvo se me aparecer algum extraordinário, ou me vier a conta da cantaria para o lagar do vinho.

Am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Remeto a condessa que a Mariana quer mandar à família com amostras de fruta, e que ela pede queira fazer lá vhegar do modo que entender mais conveniente, como mestre que é nessas coisas.

Mando pelo rapaz uns sapatos para modelo. Peço que ensine ao portador a morada do seu sapateiro para por eles a recomendar-lhe que os faça tais quais só com a diferença de lhes dar mais algum comprimento.

Desejamos que a viagem seja feliz, e que depois tenham em Lisboa saúde para se divertirem porque não lhes faltará com quê.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Vai o rapaz pela manhã e por isso lhe escrevo esta noite.

Efectivamente à vista dos assentos do Francisco lagareiro as vasilhas do azeite levaram de menos canada e e meia. Segundo ele afirma, disse-mo nessa ocasião. É possível que assim fosse e que eu estivesse distraído a pensar noutra coisa. Assim peço o favor de restituir $30, se já recebeu toda a importância do azeite.

Como me disse que recebia uma parte do dinheiro em cobre, podem vir esta semana 20$00 — 15$00 em cobre e 5$00 em prata. Há aqui ainda alguma para despesas de casa, e algumas libras, que escuso de trocar. Vamos pondo fora o cobre. Como este é pesado pode vir algum ámanhã e o resto no sábado.

A Mariana continua a passar mal. Começou a experimentar uma dieta severa. Veremos. Se este estado continuar, fá-la-ei ir para Lisboa, onde o facultativo a pode observar

mais detidamente, e modificar o tratamento conforme as novas observações que for fazendo. Inquieta-me já o seu estado.

Desejarei que a Ex.ma Sr.a D. Maria José tenha passado melhor dos seus habituais incómodos. V. S.a continui a ter-me na conta de

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Foi dada ordem ao rapaz para levar a égua. Deus queira que vá cedo, porque o Sol de ámanhã é natural que diga com o de hoje.

Não espero ter esta semana despesa alguma extraordinária salvo alguma carrada de cal. Por isso basta que venham 20$00 em prata ou parte em prata.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D. Maria José.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

P. S.—O carro só vai de tarde buscar o carvão por que faz desarranjo ir de manhã, lá deixará isso providenciado.

Il.mo Am.o e Sr.

O Jerónimo aqui esteve hoje para dizer que não se podia fazer ámanhã a escritura, por dificuldade de vencer o trabalho o Patroni, e ficou de ir pela manhã cedo aí explicar a V. S.ª isso mesmo; dizendo aliás que se poderia ultimar o negócio na sexta-feira. Não me parece que haja grande risco ou inconveniente em se darem os passos prévios, porque não faltam testemunhas de que o homem contratou, e a escritura não é mais do que a prova escrita do contrato. Não faz nem desfaz o ajuste de com compra e venda.

Se o tempo e aquilo em que assentar com o Jerónimo sobre o dia da escritura lhe permitir vir aos sítios, e quiser, tem aí perto a égua. O Jacinto mandou-a pedir para vir na segunda-feira e até hoje nem ele nem a égua cá apareceram. Assim, pode o Manuel levar recado para cima a fim que ele a mande aí pelo aprendiz ou por quem lhe parecer.

A Mariana escreveu hoje à Ex.ma Sr.ª D. Ma-

ria José. Se ela resolver ir na sexta-feira a Marvila será bom que o caleche venha da uma e meia para as duas horas, a fim de darmos a volta por baixo.

Quanto a dinheiro será bom virem uns 20$00.

Am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Tenho andado tão atrapalhado estes dias com trabalho de papel e pena (no qual figura um bom número de cartas inevitáveis) que me faltou o ânimo para pedir desculpa à Ex.ma Sr.a D. Maria José de lhe mandar quatro cachinhos de uvas; mas tinham o merecimento de serem os primeiros que davam uns bacelos franceses de que me fizeram presente há três anos. Estes parecem de um bastardo bem temporão.

O rapaz leva a égue. Bastam vir 15$00 em prata. Como tem feito aí diversas despesas além do dinheiro vindo para aqui, desejaria uma nota sobre *o estado dos fundos*.

De V. S.a
am.° obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Vai o J. César com o carro buscar uma rede de palha, e juntamente levar as ferramentas dos tanoeiros.

Aproveito a ocasião para avisar uma coisa que me esqueceu ontem e é que desejo me remeta pelo Joaquim 30$00 sendo em miúdos e cobre obra de 5 ou 6$00.

Segundo o seu aviso cá o espero.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Receando que o dinheiro que trouxe na carteira, me não chegue até a volta da Mariana, peço o favor de me deixar 30$00 do que teve a bondade de me guardar.

Não me parece conveniente mandá-lo vir pelo rapaz. Seria melhor deixá-lo na mão de alguém, e o meu Antunes, que vai no domingo a Santarém, trazê-lo, mandando-me o meu amigo um bilhete, que possa apresentar para lho entregarem.

Também peço que diga à Mariana que me ficou lá a outra caixa de tabaco, e que não se esqueça de mandar o João António à loja do Tiago (esquina da Rua do Amparo para o Rossio) tratar da compra das 50 folhas de Flandres dobradas ou para virem com as compras ou com os canos de ferro pelo barco; que igualmente não esqueça o arrátel de cera amarela que me escapou de lançar na nota para

o João António, nota que está no próprio papel em que deixei o dinheiro embrulhado.

Faça boa viagem e divirta-se.

Am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Ontem esqueceram-se de dar o rol e o dinheiro ao moço e ele foi lá pedi-lo. Veremos como daqui em diante se remedeiam os esquecimentos. Remeto os 1$50 que deu ao rapaz.

Peço o favor de recomendar ao seu amigo, o Sr. Aquilino, para indicar ao rapaz que aí há-de ir, a ocasião em que nos poderá mandar uma arroba ou 15 quilos de bacalhau que faça conta em qualidade e preço. Entretanto trará um quilo dele para o leva dinheiro.

Vai essa condessa que a Mariana manda à Ex.ma Sr.a D. Maria José.

Desejo que a sua viagem de amanhã seja feliz e que ache tudo na sua nova situação conforme os seus desejos.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Peço o favor de dizer ao nosso freguês do vinho para me arranjar o barril dele do costume. Ainda há algum, mas desejava prover-me agora para o Manuel o engarrafar antes de partir para Lisboa aonde tem de ir nos primeiros dias do mês.

Desculpe esta nova impertinência. Os meus cumprimentos e da Mariana para a Ex.ma Sr.a D. Maria José e para V. S.a.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço de novo os repetidos incómodos que quer ter por minha causa.

Como estou só e não aparecem hóspedes porque lhes vai cheirando a Inverno, tenho criação de sobejo. Quanto ao vinho, pelo mesmo motivo, por me restar algum, e porque os meus rins me não têm consentido que o beba, basta que o homem me reserve o barril do costume (3 almudes); mas é escusado vir antes da volta do Manuel de Lisboa, porque só então se poderá engarrafar. Entretanto se ao homem não fizer falta o barril até os princípios do próximo mês, virá logo que caia a talho de foice.

Os meus cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D. Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

Herculano

P. S. — As encomendas do latão já vieram.

Il.^mo Am.^o e Sr.

Vai o Joaquim ao caminho de ferro entregar uma caixote com o meu foro anual de queijos para el-rei D. Fernando e são os primeiros que pude apurar, emprestando-me alguns José de Sá. Aproveito a ocasião para prevenir a respeito de cobre, de que precisarei 15$00 para empurrar com alguma prata que cá tenho, visto ser no sábado fim de semana e de mês.

O Vicente, que esteve aqui, incumbiu-se de muito boa vontade do negócio do foro.

Se houver alguma notícia de vinda e partida do barco, faz favor de o dizer ao rapaz?

Os meus cumprimentos à Ex.^ma Sr.^a D. Maria José.

Sou como sempre

Am.^o obrig.^mo

Herculano

P. S. — Peço o favor de indicar ao rapaz onde se venderá grão de bico bom o qual é para semente e de que preciso um alqueire?

Il.mo Am.o e Sr.

Como a obra do oratório não custou tanto quanto eu pensava, e me trouxeram algum dinheiro de Lisboa, não é preciso trazer nenhum consigo àmanhã.

Não me lembra se me disse que o barco estava cá ou em Lisboa. Se casualmente devesse partir àmanhã, pediria que recomendasse ao arrais, antes de vir, que me trouxesse de Lisboa uma barrica de *cimento de Portland,* que o Condeixa, defronte do cais de Santarém terá, ou indicará ao arrais onde se vende. O custo de cada barrica regula por uma libra.

Até amanhã.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Não dou ordem para o rapaz levar a égua, porque estou na ideia de ir amanhã de tarde à Comenda, visita há muito prometida, e a respeito da qual já me envergonho de faltar à palavra. Mandarei ir a égua depois de amanhã.

Como é fim do mês peço o favor de virem 50$00. Pode o rapaz trazer 15 ou 20$00 em prata e V. S.ª fazer o favor de trazer os 35 ou 30 no sábado, podendo ser parte em oiro.

É natural que no correio haja amanhã cartas das nossas viajantas. Como o rapaz volta aí no sábado espero a carta da Mariana para escrever.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Não me recordei hoje de que depois de amanhã era sábado e de que havia de precisar de prata para as férias e despesas eventuais. Escrevo pois para lhe pedir me remeta 20$00 em prata.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Esperamos que amanhã nos traga notícias do restabelecimento ou pelo menos da continuação das melhoras da Ex.ma Sr.a D. Maria José. Isto por aqui tem estado na mesma afinação: eu pouco tenho dormido há 3 noites com tosse, e a Mariana tem tido hoje uma grande carregadeira.

O dinheiro do José de Sá são 61$20 e será bom que venham além disso uns 40$00 porque espero esta semana telha, cal e ripa.

O Manuel leva o saco com alfazema e outro com uma amostra das nossas batatas que não produziram mal, apesar de que as batatas do sítio estão péssimas.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Ontem à noite a Mariana quis por entrada dar logo incómodo à nossa hóspeda porque teve um dos seus grandes ataques de estômago. Hoje está melhor mas ainda não boa e a Ex.ma Sr.a D. Maria José também se tem ressentido um pouco da noitada. Já lhe aconselhei que se deitasse um pouco mais cedo. Parece-me que o que ela tem pior são os nervos, e provàvelmente é essa a causa única dos seus habituais padecimentos.

Pode ser que amanhã apareça o José de Sá e quero pedir-lhe a conta dos garrafões de grés e de um barrilinho de moscatel que mandei para Lisboa. Assim em lugar dos 30$00 será bom virem 40$00 até porque é provável que no domingo apareça o esparteiro com o resto das ceiras.

Desejo-lhe saúde e venturas e que chegasse à Ribeira sem novidade.

Seu am.o obrig.mo

Herculano

P. S. — Faz favor de mandar o rapaz saber do Alfaiate se ele trouxe o fio de mealhar que lhe encomendei, e conjuntamente o dia certo em que conta partir, porque lhe quero mandar um saco para me trazer 3 ou 4 arrobas de puzolana.

Il.^mo Am.^o e Sr.

A nossa Felizarda ainda até hoje nada disse a minha mulher. Parece que a causa disto é um facto que ninguém podia ter previsto lhe causaria desgosto, mas que se agora se alterasse seria mostrar grande empenho em que ela ficasse e estava o negócio perdido. É o caso que em tempo de Maria Josefa o Manuel e a Elena jantavam depois de nós, sòzinhos, e depois é que jantava a Maria Josefa com os rapazes. Eu não sabia disto e talvez esta costumeira de Lisboa de comerem à parte os criados de quarto não seja boa. Entretanto a coisa saiu assim. Quando veio a Felizarda continuou o costume e é disso que parece estar ela queixosa, mas nem a minha mulher nem a mim disse nada. Resmunga pelos cantos. Assim peço ao meu amigo que não mande suspender o arranjo da criada e deixe ver o que dá de si a natureza.

Amanhã lá mando para o favor das laranjas.

Os nossos cumprimentos à sua Senhora.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Hoje vai o rapaz para trazer as encomendas de Lisboa. Aproveito a ocasião para escrever estas duas linhas.

Os nossos hóspedes vão efectivamente amanhã e a Mariana vai com eles se não tiver alguma das suas trabuzanas hoje. Eu fico tomando conta do castelo.

Os queijos que vieram são excelentes; pelo menos o que se partiu.

O Antunes disse-me que queria vender a parte do seu azeite de que podia dispor. Disse-lhe que não era preciso fazer nova venda; que não tendo eu calculado vender mais de 4 pipas, lhe daria do que excedeu a estas a importância dos almudes que quisesse ficando com outras tantas do dele. Aceitou isto e quis deixar-me nove. Assim peço o favor de me remeter quatro moedas e meia.

Para despesas não preciso esta semana de dinheiro.

Am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Aqui chegou o casco apenas com uma ligeira amolgadela no arco do pente. Acho-o muito bem feito e a madeira com grossura suficiente. É fácil que leve os 30 almudes. Vou mandar pagar ao homem.

Dei ordem para ir a égua.

Ainda cá tenho dinheiro que sobra para a despesa da semana, mas podendo chegar de repente 2.000 talhas que encomendei ou vir buscar o homem da cal o dinheiro de 2 carradas que já mandou. Será bom virem 15$00.

Até depois.

Am.° e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Desejo que voltasse e chegasse sem incómodo e que a Ex.ma Sr.a D. Maria José continui em tão boa disposição como me pareceu que estava.

Com esta vai uma carta para a Mariana, dentro da qual se há-de meter a guia do caminho de ferro de um caixotinho com dois boiões de manteiga que ela me recomendou lhe mandasse. Peço o favor de o despachar em seu ou em meu nome e dirigido a meu cunhado.

Quem o leva é o Pedro que vai com a carroça. Falta-me uma pequena porção de massapez para acabar a obra do tanque. É uma grande zanguinha. O Pedro vai ver se o acha à venda em Santarém. Se não o achar di-lo-á a V. S.a e nesse caso peço o favor de meter também na carta para a Mariana o bilhetinho que vai junto.

O Pedro, quer ache, quer não ache a puzolana, vai sempre por aí para trazer as varas

de castanho, e uns 20$000 em prata. Se tiver tempo de escrever, dir-me-á o que há a respeito de criada para o meu governo.

Não tenho tempo para mais.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Aqui chegaram anteontem as encomendas que aí estavam de Lisboa e além disso o zinco que me parece excelente. Tudo chegou com a madeira a porto de salvamento.

Vai a égua como recomendou e cá o esperamos.

Far-me-á o favor de trazer 20$00, sendo possível em prata.

Até logo.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Vai o rapaz, o Jacinto, com o jumento e a égua, posto que não fosse necessário que V. S.ª trouxesse o dinheiro, não havendo perigo em vir pelo rapaz, mas talvez não desagrade a V. S.ª fazer uma excursão por aí fora nestas bonitas manhãs. Em todo o caso, vai a égua de prevenção, e se não servir, volta pelo mesmo caminho ou vem nela o rapaz trazendo o jumento com loiça. Nada disto obsta a que a égua volte aí no domingo.

Vejo o que me diz da vinda do Sr. Nunes. Dei ontem ordem para lhe entregarem 200$00 parte dos quais hão-de ser recebidos no sábado. Não sei se o apanharão ainda em Lisboa, ou se irão entregá-los no próprio sábado. Em todo o caso lá está a Ex.ma Sr.ª D. Amélia que já de outras vezes se tem encarregado de receber o dinheiro que mando entregar.

Ou vindo V. S.ª ou pelo Jacinto será ne-

cessário que venham uns 20$00 em prata, se a houver.

A Mariana escreve hoje à Ex.ma Sr.ª D. Maria José.

Sou de V. S.ª

Am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço a notícia da vinda da criada. Peço que assim que lhe constar o dia da chegada me avise para se mandar buscar.

Quanto a melancias esperaremos pelas de própria lavra, mas a sua lembrança a tal respeito é mais um motivo para o meu agradecimento.

Cumprimentos nossos para a sua Senhora e creia-me

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.º e Sr.

Como mudou o dia da sua viagem para amanhã, e o Joaquim tem de ir necessàriamente hoje a Santarém por causa do aparelho da égua, aproveito a ocasião para lhe pedir que me faça pôr uma cana da Índia nova nessa armação do meu guarda-chuva de campo, que o maioral das cabras do Alexandre da Póvoa me quebrou com os ossos da cara, andando com o gado a pastar nos ramos pensos das oliveiras do Reguengo. O pano cá se porá: o que desejo arranjada é a armação.

Também, à cautela, peço o favor de mandar ou trazer consigo amanhã 15 ou 20$00 em prata.

Am.º e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Aqui chegámos ontem sem novidade e posto que a Mariana não tenha passado inteiramente bem, não passa pior que em Lisboa.

Dou ordem ao moço para que vá amanhã ao correio, e entregue a V. S.a as cartas, ou carta que houver e peço o favor de abrir, porque lá deve estar a guia de cinco volumes que vem pelo caminho de ferro (2 baús, 2 cestos e uma condessa dentro do saco). Os dois cestos e a condessa pode ele trazer na cavalgadura que leva as couves, e os baús mandarei buscá-los por uma carreta no domingo, e supondo que neses dia já aí esteja o barco poderá vir ou tudo (ou pelo menos parte do que trouxer o barco) juntamente com os baús.

Deus queira que o tempo se vá sustendo não só para lhe permitir algum dos seus passeios militares até esses sítios, mas também a marcha da azeitona, que começa a apodrecer, das oliveiras para o lagar. Parece-me que a minha ficará pronta toda a semana que vem.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D. Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

P. S. — Se tiver ocasião de encontrar o carpinteiro de que já falámos, desejaria saber quando ele poderia vir, advertindo-o de que é para obra de um madeiramento e que por isso só se pode fazer com bom tempo.

Il.mo Am.o e Sr.

Mando pelo rapaz a amostra do vinho velho, que não tive ocasião de medir mas que deve andar por um móio, mais saco menos saco.

Vai junta também a nota dos 20$00 de que lhe peço me mande em cobre 5$00 ou 6$00, porque não há por aqui quase nenhum para as contas de quartéis e meios dias.

Disponha do

Seu am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Como diz o ditado — o homem põe e Deus dispõe. Ontem o Joaquim chegou de Santarém muito tarde. Eu estava no Reguengo onde trago alimpadores. Não me foram levar a sua carta e esperaram que eu viesse. Cheguei depois das 3 horas. Lendo a sua carta, corri ao lagar para *embargar* a carreta pequena. Já tinham partido ambas para o olival a carregar azeitona. Deviam estar meias carregadas, e não podiam voltar a horas que uma delas chegasse a Santarém de dia. Fui, pois, forçado a deixar ainda para hoje.

É possível que esta carta o vá encontrar pelo caminho. Nesse caso peço o favor de indicar ao carreiro onde há-de ir carregar as talhas, depois de ir a sua casa tomar o baú da Mariana, que me recomenda pergunte a V. S.ª se soube alguma coisa do Alfaiate a respeito do toucador e da estante. Provàvel-

mente, se V. S.ª vier, dar-lhe-á de viva voz a resposta.

Esta é só de prevenção. Como conto com a sua vinda cá falaremos.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Tenho brigado o que tenho podido; mas o céu declarou-se há pedaço contra mim, deixando brilhar um sol esplêndido e limpo de nuvens. Sinceramente acredito que o tempo não está seguro, e que nada mais fácil do que apanhar a Ex.ma Sr.a D. Maria José um aguaceiro; mas ela está pouco disposta a crer nesse perigo, e muito a partir. Que lhe hei-de fazer?

Recebi ontem os 30$00. O azeite lá foi ontem. Ainda não tive ocasião de falar com o Francisco lagareiro, que foi quem o mediu e deu a nota dele ao homem que veio assistir à medição. Lá o arranjaram e lotaram como entenderam, porque o estar constipado, os hóspedes e o mau dia só me consentiram chegar lá de carreira quando já os cascos estavam cheios, e que pelo que me disseram levaram quase cinco pipas.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Vai o rapaz com a jumenta para vir a criada.

Parece-me que foi pouco prudente mandá-la sem perguntar se a queriam, visto que ela não sabe de cozinha que era justamente para o que se queria. Eu preferia, na verdade, dar os 12$00 ou 3 moedas, e ter uma criada que não se andasse a ensinar para depois abalar, e não menos preferia o ter uma criada muitos anos dando-lhe mais, a ter de mandar vir no ano três ou quatro, o que no fim de contas vem a sair mais caro. Mas o que não tem remédio remediado está; e só sinto a maçada que tem tido com este negócio.

Àmanhã mando buscar as laranjas e a dúzia de limões de cuja compra fez favor de incumbir-se. Recebe para a sua Senhora e para si os cumprimentos de minha mulher e meus.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Remeto três sacos com batata que pelo uitom que houve que fazer nem se mediram. A mulher, como é capaz, as medirá. Vai uma amostra dos nossos pêssegos e uvas. Um cesto grande que vai para Lisboa peço-lhe que faça com que seja despachado hoje, e que arranje um moço que leve a carta com a guia ao Correio Geral para que a carroça que talvez possa trazer algumas tábuas não tenha de vir por Marvila. Inclusa achará uma guia de duas peças de linhagem que vieram de Lisboa. Se puderem ser tiradas hoje e virem na carroça, bem. Se não peço o favor de as fazer despachar àmanhã, ou quando lhe calhar e guardá-las para o Joaquim as trazer uma a uma, porque não fazem por falta.

Os seus estão bons. Recomendações nossas.

Am.° e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

A Mariana tenciona ir àmanhã. Eu por esta repugnância que tenho a mexer-me daqui, e também porque faço falta para certas coisas, visto que o Antunes tem de andar com os homens, fico no castelo.

Chegou-me uma porção de madeira para a obra do lagar do vinho com que ainda não contava esta semana e para a semana imediata virá mais a cal. Assim peço o favor de me mandar outros 20$00 sendo 10$00 em cobre e 10$00 em prata, para aqui ter alguma e não trocar uma meia-dúzia de libras que aí estão. A que tinha quase se varreu ontem e hoje.

Am.o

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Conto com partir daqui na quarta-feira, depois de amanhã, no comboio da manhã.

Hoje procurarei o Marquês. Levo uma carta para o caso de não o achar. Sei que poderia encontrá-lo na Câmara; mas se aparecesse em S. Bento, aonde não vou há mais de 15 anos começavam logo as conjecturas e as bisbilhotices. Disso estou eu farto.

Na carta ao Marquês lembro fazer a V. S.ª adjunto ao agente do Banco hipotecário, porque nenhuma outra coisa vejo que plausìvelmente se possa lembrar. Mostrei-lhe quanto o Banco poderia ganhar com isso e por fim pedi-lhe que não dissesse nada a V. S.ª da minha lembrança, porque V. S.ª tinha os olhos fitos no lugar de fiscal, mas que havia afinal de ir para onde ele o colocasse.

Tenho nestes dois dias de dar tantas voltas em negócios meus e alheios que não tenho tempo para mais.

De V. S.ª
am.o e c.

Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

Já agora esperaremos que o vinho esteja capaz para enviarmos a amostra dele ao meu amigo de Lisboa, que não intressa tanto no preço como na qualidade, e que por ora, não está descalço, como se costuma dizer, porque lhe arranjaram um vinho de Torres Vedras palhete, mas com o qual não está contente, nem quer continuar. Quanto a mistura, se lhe quiser mandar algum posso mandar-lhe da minha, que ainda não provei, mas que José de Sá diz estar boa.

Minha mulher recomenda-se e eu peço os meus cumprimentos para a Ex.^ma Sr.^a D. Maria José.

De V. S.^a
am.^o e c. obrig.^mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Desejarei que esta impertinente chuva não tenha causado por aí algum incómodo de saúde. Nós por aqui vamos menos mal, e os nossos hóspedes, que se recomendam, também passam sem novidade.

A Ex.ma Sr.a D. Maria José deu-a em cheio aproveitando a aberta, sem o que ter-se-ia fartado de estar em casa a ver chover.

Remeto essas duas notas de 20$00 em prata, para ter a bondade de trocar quando lhe cair a jeito, não sendo por ora preciso que venham, porque além do dinheiro que José de Sá trouxe com elas de Lisboa, o moleiro já deu algum, sendo grande porção em cobre.

Não mando conta em forma do azeite porque não sei o nome todo do comprador. Se ele a quiser, tenha a bondade de mo mandar dizer como ele se chama. Se é só para saber o que deve foram dois cascos de 36 almudes e

um de 38 ½ o que corresponde a 221 alqueires (4 pipas e 10 ½ almudes).

Disponha V. S.ª da sincera vontade do

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

P. S. — José de Sá trouxe os bichos e o relógio. Agradecemos o seu cuidado.

Il.mo Am.o e Sr.

Dei ordem para pela manhã fazerem dois feixes da rama menos roída (porque a limpa já acabou) para a carreta levar quando for buscar o massapez.

Peço o favor, se vir o Alfaiate de lhe pedir e pagar a conta do dito massapez e respectivo frete. Não sei se haverá lá alguma coisa anterior; mas José de Sá disse-me há pouco que fizera contas com ele. Desejaria também que lhe perguntasse se tinha indagado acerca de milho avariado que houvesse no Ferreiro, conforme lhe mandei pedir.

Como vem na quinta-feira cá falaremos.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D. Maria José.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Estimo que voltasse com a costumada saúde, e que a Ex.ma Sr.a D. Maria José continui a desfrutá-la para poder gozar da sua Lisboa. Excelente terra, à qual acho ùnicamente um defeito: é o não estar senão a 16 léguas de Vale de Lobos.

Agradeço o cuidado que teve com o Alfaiate, que ainda assim, não sei se me deixará a madeira na fábrica. Felizmente não me faz isso transtorno.

Do mais falaremos quando aparecer.

Tenho aqui para lhe dar a guardar, segundo o costumado favor, umas 24 libras do resto da venda do moinho e de um casco de azeite fino de bagaço que mandei a um comprador entendido na matéria a razão de 2$50 o almude. Queria comprar-me tudo. Para me livrar da importunação, fiz-lhe a caridade de lhe vender um casco do de bagaço puro; mas o homem era pessoa de verdade. Confessou que era excelente.

O de que preciso é de uns 20$00 em prata e cobre, que o Joaquim pode trazer.

Este leva uma pouca da manteiga feita ontem para o seu almoço de hoje, se chegar a horas; se não será para o de amanhã.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Quando ontem à noite lhe escrevi creio que estava com tanto sono que transtornei o que lhe dizia ou queria dizer a respeito do dinheiro. O que pretendia viesse eram 47$70 que pertenciam a José de Sá para lhos entregar e não os 150$00 que são meus. Destes e do resto que lá está é que calculava precisaria 30 ou 40$00 esta semana por causa da gradaria de ferro e dos jornais. Devolvo por isso os 150$00 menos 15$00 em prata e 4 libras que posso dar ao forneiro, pedindo que me mande mais 7$00 em cobre ou miúdos, ficando lá a conta redonda de 110$00.

O anunciado arrendatário do moinho ainda não mandou ninguém cá. Se a demora é cálculo, pode ser que o erre, apesar de ser negociante.

Esta vai pelo J. César que tenho por seguro, e tanto mais que não sabe a quantia que leva.

De V. S.a
am.o obrig.mo e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Sei que chegaram sem novidade. Desejo que continuem todos a desfrutar boa saúde, e que não tenham motivo de arrepender-se da diãressão a Vale de Lobos.

Consta-me que o barco do Alfaiate ainda não chegou de Lisboa, mas que ele está em Santarém. Se tiver ocasião de saber quando o barco chega e quando torna a partir far-me-á favor de o perguntar, porque espero que venham agora os relógios e tem de ir para baixo uma partida de azeite.

Esta semana precisarei de uns 20$00 em prata que talvez seja melhor vir por duas vezes vindo pela mão do rapaz que é estouvado.

Muitas e muitas recomendações nossas para a Ex.ma Sr.a D. Maria José.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Como amanhã vem dar o seu passeio militar até Vale de Lobos, esta serve só para avisar do que me lembra na sua última. Bastará que venham 20$00 em prata.

Desejarei que traga mais agradáveis notícias da Ex.ma Sr.a D. Maria José do que as que de ordinário nos tem dado por escrito.

Pode verificar antes de vir se umas cinco sacas de grossaria que daqui levou o Pedro estarão ainda cá ou iriam para Lisboa?

O Jacinto que ficou aqui e que há-de ir na égua em que V. S.a tem de vir, há-de mandar aí umas sacas que tem de ir com as outras (se ainda cá estiverem) para virem com carvão de Lisboa.

De V. S.a
am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Limitando-me hoje a responder a respeito do tanoeiro, antes que me esqueça acrescentarei três coisas. 1.ª — Pedir que, como vem na sexta-feira me traga ou mande pelo rapaz uns 30$00; 2.ª — Saber do homem do tabuado se ele espera tê-lo com muita ou pouca demora; 3.ª — Mandar ao esparteiro o cairo que que veio ùltimamente para ir fazendo outra ceira como a que já fez. Veremos se à segunda a faz mais barata. Vamos ao tanoeiro.

Quanto à madeira para os 4 balseiros tem ele já as medidas lá nos traçados que delas mandei, devendo-se advertir que a aduela para os 2 maiores deve ter mais um palmo de comprido do que o do traçado porque este indica a altura até onde se enche, mas para certos fins, a borda ou boca do balseiro há-de subir $^3/_4$ ou um palmo mais. O mesmo digo dos dois pequenos, que hão-de subir acima das medidas que dei $^1/_2$ palmo ou $^3/_4$.

Agora quanto a tonéis, fico arranjado ainda

para o ano que vem com os dois cascos que o homem está fazendo e com um tonel de 4 (quatro) pipas. Parece-me mau cálculo e imprudência estar desde já a comprar madeira para daqui a 3 anos, podendo neste decurso de tempo aparecer algum arranjo que me seja vantajoso ou em madeira ou em obra feita. Agora, com que o homem deve contar é com a madeira necessária para a loiça miúda do lagar, de que nada tenho. Quanto a tinheiros para transportar as uvas para o lagar, parece-me que o melhor será comprá-los de pinho em Rio Maior, onde me dizem que se vendem mais baratos. É coisa que não importa seja ordinária.

Até à vista.

Am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço a sua carta com as notícias de Vale de Lobos que também recebi por via do Francisco. Como vem a Lisboa, teremos ocasião de falar. Entretanto será bom lembrar que não se descuidem da cava dos talhos dos quarteirões, porque a terra não ficará tão boa cavando-a depois de molhada como agora e a rua que há-de ser semeada de erva (que mal dará alguma neste primeiro ano) é menos urgente que os talhos onde a aveia pode dar cortes no Inverno. Parece-me também que o Francisco devia semear de nabo os dois talhos mais pequenos para o lado onde bebem as ovelhas. Se for preciso meter mais gente para aviar com essa cava que a metam para a semana que vem.

O Francisco que verifique se há aveia à venda em Santarém; porque se não a houver é preciso quanto antes procurá-la aqui.

Eu cá ando diligenciando descobrir mais

garrafões de grés. Se os apanhar, remetê-los-ei imediatamente.

Até à vista.

P. S. — O Francisco pode dar 2$40 de gratificação ao guarda e dizer-lhe que continua a servir.

Il.mo Am.o e Sr.

Hoje a Mariana tem passado todo o dia com um dos seus ataques de estômago, de que só começou a melhorar perto da noite, e não saiu da cama.

Assim, só pela manhã poderá arranjar a chapeleira que irá, não pelo rapaz, mas pela carreta em que quero mandar o relógio, porque tenho medo que de outro modo leve algum tombo. Irá por aí um pouco mais tarde para ensinar ao Pedro aonde o há-de levar. O barril irá também, não o de dois almudes que me emprestou o Sá e que depois de cheio vertia vinho por todos os lados, mas o de almude e meio que eu cá tinha. O homem que se contente. Provei-o, e não saiu este ano nada mau.

O rapaz leva o seu guarda-chuva, mas mutilado. Ele estava um pouco doente da ponteira. Fui-me encostar a ele e rendeu de todo. Se lhe faz falta em Lisboa pode levar o meu; porque tenho cá o de seda com que me posso remediar bem alguns dias.

O homem do foro do Jerónimo morreu: o genro veio hoje ter comigo dizer-me que os herdeiros estavam resolvidos a vender-me o tal domínio directo. Tem de o oferecer primeiro ao Jerónimo que decerto o não compra. De prevenção seria bom deixar as 15 moedas a alguém que lhe pareça porque terão de ser entregues em Santarém e eu já falei ao José de Sá para com procuração minha ir assinar a escritura, se os homens aviarem as coisas antes da sua vinda o que é natural, porque me parece que tem vontade de o receber. Para os direitos de transmissão registo e mais despesas darei cá o que for preciso sem me fazer falta.

A Mariana manda o bocal da lâmpada, e pede o favor de pelas medidas dele comprar 3 chaminés de vidro que não se vendem em Santarém.

Se ocorrer mais alguma coisa escreverei pelo Pedro. Vivas recomendações nossas à Ex.ma Sr.a D. Maria José.

Am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço, como devo, os seus repetidos obséquios e provas de boa amizade.

Nós contamos com ir daqui no domingo, se o tempo se conservar até lá como esteve hoje, aliás será impossível para a Mariana atravessar pela vereda que, passando o Casal da Papoila, vai dar à estrada velha da Azóia e dali à estrada nova, além da ponte de Vale de Lobos, porque o Eduardo decerto se não atreveria a passar esta, e temos de ir meter-mos lá no veículo que ele trouxer. Em todo o caso, se formos, mandarei até depois de amanhã (sábado) o rapaz com a decisão, e o favor que que a Mariana pede é de prevenir desde já a Felizarda de que, se formos, tem de vir no sábado com o rapaz.

Quanto à remessa do milho e a mandar vir a pedra e a madeira, nada posso dizer sem vir o José de Sá, que foi a Lisboa na terça-feira e só deve chegar esta noite, se chegar. Há tempo que eu devia ter mandado buscar uma

carrada de palha do moleiro que está dando da minha às cavalgaduras, mas confesso que não tenho tido ânimo de meter os bois à ponte. O Alfaiate que tenha paciência e deixe estar isso lá para um canto até ver se o tempo enxuto torna a ponte menos perigosa, ou se podemos trazer isso pela minha ponte provisória subindo pela ribeira da Papoila.

Recebi as amostras do vinho. O defeito que acho em todos é o muito maduro, qualidade que sobretudo me admirou no do campo. O n.º 1, engarrafado e guardado, parece-me que há-de perder o doce e fazer-se forte. O do campo é o menos doce, e hei-de querer para mim uma porção, que mandarei buscar logo que volte de Lisboa. Agora ao que não me atrevo é a remetê-lo à pessoa que me falou nele sem que o prove. Peço por isso o favor de obter outra amostra, tirada da vasilha mesmo no domingo (no caso de irmos) para eu mandar ao sujeito logo no outro dia, porque receio que sendo vinho fraco, se altere com pequena porção com a demora. Irá para isso um vidro no sábado, com as 3 garrafas que vieram com as amostras.

Se o Alfaiate trouxe de Lisboa um barril que muito se lhe recomendou que trouxesse, peço o favor de lhe dizer que o deixe ficar

em casa de V. S.ª porque servirá para ir o vinho do campo para Lisboa, se o homem não o achar doce demais e o quiser.

V. S.ª é o culpado de aturar esta saraivada de impertinências porque me tem posto em mau costume.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D. Maria José e V. S.ª creia-me

Seu am.° obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

O rapaz deve legar a égua. Não sei a que horas chegará, porque é novo no serviço; mas a recomendação é que vá cedo.

Basta que venham uns 20$00 sendo possível, em prata.

Até depois.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Peço o favor de dar hoje ao correio quando passar à noite, essas cartas para Lisboa.

Os meus respeitos à Ex.ma Sr.a D. Maria José cujo completo restabelecimento, do coração desejo.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

O dia amanheceu duvidoso, e não sei o que teremos amanhã. Depois de consultarmos o negócio, assentámos no seguinte: Se amanhã não chover, ou apenas estiver de borraceira ou nebrina, a que geralmente chamam chuva de molha tolos, fazermos de tolos e irmos. Neste sentido peço o favor de avisar o Eduardo pedindo que no caso de haver a tal borraceira, traga ou mande antes o caleche que o *char-à-bancs*. Se for chuva decidida nesse caso entenda-se que não vamos. O mesmo aviso peço para a Felizarda que deve vir no veículo em que nós formos, não só porque ainda hoje a nossa ida está duvidosa e dependente do tempo que fizer amanhã, mas porque, examinados os caminhos e veredas que temos para evitar a ponte, achamo-los em tal estado que não nos atrevemos a mandá-la vir por aí, e nós mesmos resolvemos atravessar antes a ponte num carro de bois e irmo-nos meter no caleche na extremidade da estrada que não foi batida,

onde o caleche nos deve esperar, e donde ela virá no carro que nos passar para lá. Em consequência disto teremos aí alguém que nos avise da chegada do caleche para então nos metermos no carro e passarmos a ponte, devendo, portanto, o caleche vir mais cedo (das duas horas até duas e meia estar cá) para haver tempo para a passagem da ponte e estarmos a horas na estação.

Devolvo as garrafinhas das amostras e mando o frasquinho para a amostra do do campo em que lhe falei. Quanto ao barril aproveitarei o seu favor se o meu amigo de Lisboa quiser o vinho; porque para nós mandá-lo-ei vir em um ou dois garrafões empalhados.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço as compras. Os presuntos parecem-me excelentes, ainda que eu destas coisas de comestíveis sou fraco entendedor.

Dei ordem ao rapaz para ir cedo. Não sei o que fará, o que sei é que se não o fizer não lhe faltarão trinta desculpas, a qual delas melhor.

Desejava mandar-lhe uma amostra capaz dos melões franceses, mas o diabo tece-as, ou, como outros dizem, o homem põe e Deus dispõe. Se o ditado é verdadeiro, podia às vezes dispor as coisas melhor. Desde que caiu aqui um aguaceiro quase todos racham antes de maduros. Assim mesmo vão, visto não os haver de outro modo.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D. Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Escrevo esta de prevenção para amanhã o correio levar. Não sei a que horas irá, porque tem de se atamancar pela manhã a carreta, que não sei como deitou hoje do olival até o lagar. Não sei mesmo se se lhe poderá pôr em cima todo o milho que tem de ir. Em todo o caso espero que leve algum. Quanto ao preço era escusado perguntar-me nada. Por doze vinténs que o vendesse, eu ficava certo de que ninguém o venderia melhor.

O Padre deve efectivamente fazer o que o meu amigo diz. Veja se acha aí nalgum periódico o nome todo do novo ministro da justiça, e se mo traz quando vier.

Agradeço o lombo que me preparo para fazer assar à Alentejana, coisa que se ignora do Tejo para cá.

Pedia-lhe o favor (não é coisa urgente) se casualmente falasse com alguém que soubesse o que em Santarém estão levando este ano pelas talhas de azeite de 25 e de 30 almudes,

tomasse nota, que é coisa que me serviria para meu governo.

Agora acabo de saber que é preciso ir o Joaquim amanhã a Santarém. Vai por isso a carta por mão dele e não do carreiro.

Até à vista.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

P. S. — Faz favor de indicar ao rapaz onde melhor poderá comprar um pote ordinário?

2.º P. S. — Dizem-me agora as moças que não há arroz para os rapazes. Poder-me-á arranjar por lá algum em conta?

Il.mo Am.o e Sr.

Ontem é que fiz correição para ver os estragos da trovoada em Vale de Lobos. Foram de um bom par de vinténs. São ossos do ofício.

O azeite não vai pelo barco, porque o próprio Martins recomendou que fosse pelo caminho de ferro. Nem, por causa de ser o casco novo, poderia estar pronto na segunda-feira.

O moço há-de ir ao barco buscar as bilhas e o barril, deixando este aí porque não pode trazer tudo junto.

O que hei-de mandar na segunda-feira é umas medidas para uma porção de ferro que desejo que o Alfaiate me traga, e os moldes de uns buxins da carreta e carro para ele me mandar fundir uma porção deles na fábrica da viúva Peters.

Como não levou nota das medidas para o barril ou antes balde para a manteiga, ponho-as aqui à cautela $2\,^1/_4$ palmos de altura 9 polegadas de diâmetro no fundo e pouco

mais ou menos 7 polegadas de diâmetro na boca: duas aduelas defronte uma da outra saindo para baixo do fundo obra de meio palmo ou três polegadas.

Infiro da sua carta que a Ex.ma Sr.a D. Maria José passa sem novidade. Folgo que a impressão da trovoada não se lhe reflectisse na saúde. A Mariana tem passado hoje um pouco incomodada.

Disponha do

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Aproveito a sua oferta e o rapaz recebe ordem para estar aí às 5 ½. Diz a Mariana que precisa de frangos e se houver batata nova quer um alqueire dela porque a nossa está agora em flor.

O Marquês ainda não me escreveu a respeito do negócio do seu homem.

Estimamos as melhoras da Ex.ma Sr.a D. Maria José a quem pedimos nos recomende.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço o despacho das encomendas, em que suponho que por engano, mandaram de Lisboa um caixote, que devia vir pelo barco, e que por isso não trazia a direcção de Santarém. Milagre foi não se extraviar. Trouxe dinheiro para as férias, e talvez chegue de sobejo para a outra semana. Recebeu-se o quilo de chouriço. Veremos a casta, ainda que por ora não é provável haver carne de montado. Veio também o lombo e a banha. Esta conveio bastante por causa do unto sem sal. Por ora, quanto a cabeça de porco, esperemos pela carne do Alentejo. Além dos 3 alqueires de nozes que são para cá, a Mariana quer mais dois (2) para Lisboa, e que por isso convém que fiquem aí. A azeitona com a gente que anda no rancho deve ficar toda apanhada na próxima semana, e talvez não a leve inteira se não chover. Vai o José Mau com a carreta, tenha ou não vindo o barco, porque vêm coisas nos baús, que fazem cá falta. Se

tiver vindo, e com os baús não poderem vir todas as encomendas que ele traz (o que é provável) o que é mais necessário é uns 3 vergalhões de ferro I bandeta e 15 quilos de chumbo, que são para a ponte e que quero mandar obrar ao ferreiro. Do resto virá o que couber na carreta, sendo de preferência uma ou duas alcofas com pregos e os caixotes do João Urbano que lhe quero restituir depois de despejados, não esquecendo um pacote com parafusos que já na passada viagem o Peixoto recebeu na loja do Tiago, e que ainda está na mão dele.

Muito senti a tonteira do moço a respeito da couve, não pelo valor da oferta que era nenhum, mas porque era a maior que se criou na horta. Se amanhã o tempo permitir irá outra substituí-la, mas duvido de que ache coisa pròximamente igual. Nas que foram hoje é que ia a que mais se lhe aproximava.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Vai com esta a guia de 5 ceiras de esparto para o lagar. Peço o favor de mandar logo alguém com recado de Vale de Lobos para na segunda-feira (em que na estação a devem entregar) vir infalìvelmente um boi com a carroça buscá-las.

Se o amigo Santos aí não estiver peço à pessoa que abrir esta carta queira mandar o dito recado a Vale de Lobos com ordem para o homem que vier com a carroça ir buscar a guia para receber a encomenda na estação.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Escrevo esta para o moço a deixar aí à espera da sua volta, que desejo se verifique porque será sinal das melhoras da Ex.ma Sr.a D. Maria José.

À vista da sua carta entendi que o mais seguro era suspender a carta para o Vicente, e deixar para a próxima semana o preveni-lo, depois de saber com certeza da volta de V. S.a visto que o negócio não é sangria desatada.

Nós vamos por aqui sem novidade e recomendamo-nos.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Nem sempre Deus ajuda os audazes. O nosso conselho de ficar em Vale de Lobos ter-lhe-ia poupado a tremenda molha com que chegou à Ribeira. Mande dizer se o facto não teve o efeito ordinário de uma reverenda constipação, que desejaremos tenha evitado.

O Francisco Filipe aí vai amanhã (domingo) para ver o estrume e ajustar. O rapaz das vacas também há-de aparecer cedo com a carreta para trazer o casco novo, e o barril do Porto, se fizer geito, visto não urgir a vinda dele.

Pelo moço podem vir os 30$00 para as férias, de que desejo parte em miúdos e algum cobre.

Mando agora também os sapatos em que lhe falei para o mestre arranjar cobrindo-os com uns rastos novos por cima dos antigos, coisa de lavar e durar.

Se o meu jaquetão fica hoje pronto pode

vir no domingo pelo Francisco ou pelo rapaz da carreta.

Muitas recomendações à Ex.ma Sr.a D. Maria José e V. S.a sabe que sou

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

O rapaz leva a égua e aqui o esperamos.

Agradecendo a nota que me mandou e pela qual vejo o dinheiro que tem vindo, o qual ùltimamente não tinha assentado, vejo que ainda restam uns sessenta escudos. Será bom ficarem aqui uns cinquenta, porque na próxima semana é fim de mês e tenho pagamento de soldadas. Hoje é natural que venha aviso da entrega dos 150$00 que ordenei que recebessem e entregassem o mais tarde até anteontem.

Devolvo uma carta de V. S.a para Abrantes que vinha no saco da correspondência provàvelmente por engano.

Até depois.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Recebi o favor da sua carta e o dinheiro do milho com que fiquei suficientemente habilitado para a despesa desta semana que todavia não será pequena, porque já tenho seis ou sete credores por bagaço com os quais hão-de ficar as contas justas amanhã.

Se o tempo melhorar cá o espero na próxima semana, conforme a promessa.

Remeto essa letra de 200$00 que peço o costumado favor de cobrar. Queria mandar vir mais uns vinténs que lá tinha por Lisboa; mas o correspondente do Marques Sampaio disse ao Basto que não tomava mais de 200$00 sem do dito Marques Sampaio ter ordem para isso. Dá-la-á ele, ou poderia o dinheiro ser entregue a seu cunhado ou, para melhor dizer, concunhado, na forma que V. S.a já uma vez me lembrou e ofereceu? A coisa não tem pressa porque estamos remediados; mas como na soma, que orça por uns trezentos e tantos escudos, entram, pouco mais ou

menos, uns 80$00 que pertencem a José de Sá, e não suponho que a este sobeje o dinheiro, não se me daria que viesse, aliás deixá-lo-ia estar para vir com uns 130$00 que terei de receber em Lisboa até o dia 12 de Dezembro.

Sou como sempre

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Há no fim da sua carta de ontem duas ou três linhas, que me obrigam a escrever-lhe esta, antes de sair, porque entendo que devo preveni-lo quanto antes.

Haverá dez ou doze dias, que alguém esperando na casa de fora de um escritório ouviu discutir quem seria assás influente para fazer com que eu e o Dulac caminhássemos para a esquerda e não para a direita, ou que ao menos não caminhássemos.

Parece que não há, ao menos pela minha parte, influência assás forte para me fazer ir para a direita ou para a esquerda, estar parado ou andar, quando tenho ou não tenho vontade. Desconfio que não há.

Posso assegurar-lhe que ninguém tentou intrigá-lo senão um indivíduo que por certo adivinha. Nunca lho disse, nem por que modo, porque não servia para nada. Esse mesmo parou, aconselhado pelo desengano da inutilidade dos seus amigáveis serviços.

De outro qualquer pode dizer da sua ou da minha parte, ao oficioso denunciante que *mente*. Parece que eu devo saber o que há de verdade ou de mentira nisto.

Peço ao meu amigo que olhe por enquanto sempre para o chão antes de pôr os pés. Veja não os ponha em sítio, onde esteja algum laço estendido.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

O seu padre trata os próprios negócios com singular indiferença. Porque (em Lisboa!) se não encontra um homem certo dia, abandona-se uma questão grave e urgente e vem a gente meter-se em casa! O homem certamente não tem grande necessidade de obter o benefício. Eu, meu amigo, escrevo raras cartas de empenho; raríssimas com a eficácia com que escrevi esta. Não mo agradeça. Indignou-me a injustiça feita ao padre. Mas foi injustiça? À vista do procedimento dele, começo a titubear. Parece que ele tem medo de aparecer, de ser apresentado, de gritar. Pois quem sofreu uma denegação da justiça é o que faz num país de liberdade, até porque é o meio mais seguro de obter reparação, sobretudo quando se sabe que o indivíduo, ou alguém que está atrás dele, tem dentes e garras.

Vou mandar a carta com um *post scriptum* declarando o nome do padre e da igreja que

pretende agora. Mas como o *post escriptum* briga com o estilo da carta, e não se compreende como o interessado abandonasse assim à revelia os seus interesses, só me ocorre a mentirinha de que o padre tendo ido a Lisboa falar ao Pequito não o encontrou e logo depois adoeceu o que obrigou a voltar para casa, achando-se em terra estranha. A mentirinha, casa sim, agradeça-ma, porque está pouco na minha índole e nos meus hábitos.

Cresce o monte de bagaço. Não creio que me chegue o dinheiro que me resta desta semana de compra de boi, de rancho, de adiafa, de soldadas, etc., para pagar as minhas dívidas. Peço o favor de me mandar 30 ou 40 escudos e de me dizer se lhe consta que já fossem entregar algum dinheiro a seu cunhado.

Como tem passado a Ex.ma Sr.a D. Maria José?

São quase 3 horas da noite. Vou-me deitar.

Am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

P. S. — O menino Joaquim fez-me o favor de partir de noite (não sei porquê) para San-

tarém, de modo que, levantando-me antes de amanhecer para lhe dar esta carta já não achei rasto dele.

À vista da sua última carta aminha última pergunta está respondida. Por estes dez ou doze dias devem entregar mais na Rua do Caldeira 120$00 ou 130$00 não havendo nisso inconveniente. Havendo-o, fará favor de me prevenir.

Dos 300$00 pertencem a José de Sá pouco mais ou menos 80$00 que com 14 a 15$00, de folha de Flandres, que mandei vir por via dele, prefarão pròximamente 20 moedas. Como esta semana deve vir mais bagaço e o pagamento do que está em dívida fica transferido para o próximo domingo, e além disso conservo alguma gente para coisas que há a fazer, será o melhor virem vindo aos poucos esta semana os 173$35 e ficarem lá os 300$00. Vou avisar o José de Sá que já se recebeu o dinheiro do azeite *em Lisboa* e para o meado da semana entrego-lhe a sua parte. Creio que ele vai para baixo na véspera da Conceição.

O Mousinho não faltou ao que disse. Não o conhecia; mas logo lhe achei cara de homem severo e sério. Com homens assim entende-se a gente.

Il.^mo Am.^o e Sr.

O tempo agreste que temos tido ainda me não deixou livrar de todo da minha catarreira; mas está quase fora e quase reduzida ao incómodo ordinário. A Mariana também vai andando na forma do costume. Desejaremos que a inverneira não se tenha feito sentir à Ex.^ma Sr.^a D. Maria José. De V. S.^a não se fala, porque zomba de todas as intempéries.

O rapaz leva a bilha do azeite, à qual foi necessário fazer todos os exorcismos que se usam cá nesta iigreja para afugentar, não o demónio, mas o ranço, que também não é nenhum santo, e de que estava suficientemente iscada.

José de Sá disse-me que não tinha falado às velhotas senhorias do Cervato, mas que incumbira *alguém* de lhes falar, e que lhe dissesse quanto dera pelo corte dos 4 anos (e era o que eu já lhe tinha explicado). O que inferi daquilo é que não tinha mais pensado

em tal e provàvelmente não tornará a pensar.

A Mariana requer três ou quatro quilos de toucinho para ir entretendo enquanto se não chacina a marrã, do que se não pode tratar antes de acabar a colheita da azeitona.

Quando tiver ocasião de escrever para Abrantes desejaria me obtivesse informações acerca de uma cal acinzentada que de lá vem, e que é altamente hidráulica. O seu emprego em certas coisas poupar-me-ia alguns tostões bons de puzolana. 1.° Qual é o seu preço por moio; 2.° se vem em pó ou em pedra; 3.° se a haverá em Santarém à venda ou se é preciso mandá-la vir; 4.° se pode vir em qualquer ocasião que se encomende; 5.° qual será neste caso o custo lá e o frete do barco; 6.° se tem de ir de cá sacos sendo em pó, ou cesto sendo em pedra, e se hão-de ir pelo mesmo barco que a há-de trazer. Enfim outra qualquer informação que se julgue conveniente. Isto não tem pressa. É quando calhar.

Os meus fregueses da azeitona tem em parte preferido levar dinheiro em vez de azeite. Consta-me já que um que tem quatro moeduras quer vendê-lo todo. Dizem por aqui que o geral pelos logares é pagarem-no a 2$15. Assim paguei algum esta semana. Se casual-

mente souber os preços daí faz favor de me avisar. Pelo rapaz podem vir 40$00, e provàvelmente mandarei buscar mais na quarta ou quinta-feira sobretude se os almocreves não derem na próxima semana os 2$15 porque não desejo deixá-lo ir com perca, e o preço anda sempre a variar.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço cordealmente o seu cuidado e o tão amigável convite da Ex.ma Sr.ª D. Maria José, para quem peço os meus cumprimentos. O ataque de que a Mariana estava ontem ameaçada ficou em ameaça. Adormeceu daí a pouco e dormiu até às 11 horas. Quando acordou estava muito melhor, e a noite passou-a sem novidade. Atribuo aquilo ao passeio extraordinário e a algum sol. Apesar disso, lá foi para a missa. O corpo pode perder, mas ganha a alma. Nestas questões entre corpo e alma nunca eu me meto, aliás opor-me-ia, porque o sol está muito quente, e receio que passe depois incomodada.

Reitero os meus agradecimentos e disponha do

Seu am.° obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Passei esta manhã e até às 10 da noite a rever um papel que hei-de levar comigo (coisa de imprensa) e que ainda não sei se irá acabado. Pela manhã tenho de deixar as coisas ordenadas para me não fazerem alguma tolice enquanto estou em Lisboa. Assim, far-me-ia desarranjo ir cedo. Agradecendo o seu cordeal oferecimento reservo-me aproveitá-lo para a volta.

Estou resolvido a ir a cavalo, e por isso é escusado prevenir o caleche. Se o joelho me incomodar alguma coisa, tenho tempo de deixar passar a dor no comboio e na tipóia que me levar a casa de meu cunhado.

Se a Ex.ma Sr.a D. Maria José se resolver a ir a Lisboa, renovo a oferta de lhe servir de companhia.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

O Francisco vai a Santarém fazer compras de objectos necessários para a abegoaria. Peço o favor de lhe dar 30$00 porque o que sobejar fica para despesas desta semana. Com o barulho em que tenho andado, tenho perdido o tino do dinheiro que tem vindo de Lisboa, e apenas tomei nota do que tem vindo para aqui. Além disso C. S.a tem lá feito despesas, e portanto não faço ideia do *estado dos fundos*. À cautela vai amanhã ordem para entregarem ao Sr. Nunes 100$00.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Agradecendo os seus repetidos obséquios respondo à carta que ùltimamente a Ex.ma Sr.a D. Maria José teve a bondade de dirigir a minha mulher, que não escreve por estar incomodada bastante com as suas costumadas dores de cabeça.

Só hoje podemos determinar o dia da partida para a próxima terça-feira 12, e é justamente hoje que o tempo se torna a apresentar de chuva. Se na terça-feira estiver bom, procuraremos aproveitar-nos do favor da sua companhia até aquela hora em que convenha partir para chegarmos com dia a Vale de Lobos. Se porém chover, partiremos logo da estação, para evitar alguma molha à Mariana que não passa bem. Assim, peço que previna o Eduardo neste sentido. Se o tempo estiver de chuva ir à estação; se estiver do Norte e seguro ir a sua casa.

Não tendo a certeza de que amanhã venha alguém de Vale de Lobos ao correio, peço o

favor de mandar lá um garoto com um bilhete (que podem pedir ou ao carpinteiro ou ao moleiro lhes leia) para terem alguém àquem do atoleiro a esperar o *char-à-bancs* e ir avisar para o carro de bois nos vir passar para além.

Tenha paciência com estas maçadas e creia-me

Seu am.° obrig.^mo^

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

O Governador Civil não apareceu ontem; mas parece-me que posso responder às suas perguntas, sem o consultar. As certidões pode exigi-las o Governador Civil de Santarém. O de Lisboa há-de fazer obra pela requisição deste ùnicamente, e a este, portanto, é que incumbe verificar se a rapariga está no caso. Quanto a vir a rapariga só pode, decerto, ser isso depois de responder o Governador Civil daqui que a pode admitir. Sem isso o de Santarém não creio que lhe dê guia.

De V. S.a
V.or e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Em minha consciência entendo que vindo as senhoras perfeitamente sòzinhas, e havendo em Lisboa, como há, quem lhes despache as bagagens na estação seria quase uma loucura ir V. S.ª dar um passeio de 15 léguas, ùnicamente para ir e voltar.

Entendo também que a Ex.ma Sr.ª D. Maria José faz excelentemente em vir até Vale de Lobos ver a labutação desta fábrica. Posto que para o lagar já tenham entrado 12 pipas de azeite, das quais 10 ou 11 já deram alta para o armazém, ainda há muito nos olivais, de modo que não duvido de que venha a ter razão o Antunes que apostava pelas 18 enquanto eu apostava pelas 16.

Com o meu hóspede, com as férias do sábado e com a expedição do Antunes que foi hoje fazer uma correria por causa de arranjar bagaço, e pagar algum que já tinha vindo esta semana, não tive tempo de escrever ontem à noite, nem pude mandar hoje o rapaz. Não creio porém, que isso fizesse transtorno a V. S.ª quanto a tomar resolução sobre ir ou não ir, visto que por uma carta da Mariana

infiro que as senhoras vêm só na terça de tarde.

Parece-me que quando elas viessem para Vale de Lobos, não faria lá um grande pecado se viesse também ver a minha fábrica.

Não mandei o resto do milho, porque quero aproveitar a ida da carreta para trazer as talhas, fazendo assim de uma via dois mandados. Irá pois na quarta-feira dizendo-me V. S.ª aonde há-de ir carregar as talhas.

Agradeço o cuidado que teve com a minha torneira. Sinto só que fosse incomodar com isso algum amigo. Confiava este negócio antes de V. S.ª do que de mais ninguém. Mas, na sua falta, encarregava de ma comprar o procurador que tenho em Lisboa.

A quem me tem lembrado escrever a respeito do padre é ao Pequito que foi da Secretaria da Justiça e depois ministro daquela mesma pasta, mas desejava antes falar com V. S.ª. Até por isso era bom vir de rancho na quarta-feira embora o negócio não tenha pressa enquanto o padre instrui e entrega o requerimento, tanto mais que o concurso não pode durar menos de 30 dias.

Sou de V. S.ª

Am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Amanhã deve o Manuel levar a bilha. Supunha-a já lá há muito tempo. A culpa foi principalmente do rapaz, mas também o Francisco teve alguma.

Tenho razões particulares e gerais para não assistir à coisa do cemitério. Além de que, para maçada basta o Te-Deum. Assim evitarei o estar em Santarém a horas de me poderem filar. Esperarei em sua casa que as senhoras lá cheguem, e sairei de lá pouco antes das 4 horas que é a hora marcada para o Te-Deum.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Ontem e hoje tenho estado escrevendo um longo ofício para a Academia das Ciências e umas cartas o que tudo há-de ir hoje mesmo para Lisboa, e por isso o rapaz há-de voltar a Santarém. Aproveito a ocasião para mandar as duas amostras de azeite em que não tive tempo de pensar ontem. Uma é do mais antigo e doirado, outro do mais recente e que ainda conserva a cor um tanto esverdeada. Com o tempo será igual ao primeiro que é o que leva o trapo atado. Escuso dizer que é daquele que tenho maior porção. Sabe a razão disso e que é o que desejo ir pondo primeiramente fora, não havendo grande desigualdade de preço. Entretanto, quer de um quer de outro, se vender, não serão mais de quatro pipas.

Ontem veio aqui um genro do Jerónimo falar comigo. Dei-lhe a mesma resposta que levou José de Sá, e que estimaria que achasse outro comprador, porque já me parecia que

tinha prometido demais. Não sei o que o homem fará.

José Basto escreve-me que entregou em casa de seu cunhado 90$00, de que ele lhe deu recibo. Talvez ele já lho tenha comunicado, e se o barco lá estava ainda é possível que lho mande pelo Alfaiate.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D. Maria José, a quem a Mariana escreve.

De V. S.a
am.° obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Aí o vou apoquentar com essa cangalhada de remessas que tinha de aviar antes da nossa partida.

Vai uma bilha grande de azeite para o Porto, cuja guia deve ser remetida para Lisboa aos Martins no sobrescrito que achará junto.

Vai um cesto grande com marmelos para D. Fernando cuja guia (pagando cá o porte) deve ir dentro do sobrescrito a Manuel da Cruz e Silva.

A guia ou guias da bilha pequena de azeite dos 3 barris de vinho, das duas cestas com fruta e do caixote comprido também com fruta vão no sobrescrito ao Meira.

Destas é indiferente que se pague cá ou em Lisboa o frete do comboio.

Naturalmente o vinho e o azeite hão-de ir por mercadorias e a fruta pela tabela especial, mandando-se buscar esta no dia imediato e o vinho e azeite no seguinte.

Vão mais um baú e uma caixa-mala que

hão-de ir como bagagem nossa e que mandaremos buscar no dia seguinte com a fruta.

Com os sobrescritos para as guias vão duas cartas que peço mande deitar juntamente no correio com os dois sobrescritos.

Até depois.

Am.° e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o

Como ontem achou bons os nossos fradinhos (e diga lá que não gosta de frades!) aí vai essa mão cheia deles, acompanhada de outra mão cheia dos brancos que também não saíram maus.

Ontem esqueceu-me perguntar-lhe se já tinha feito a encomenda das 4 dúzias de solho. Se não tiver, aproveito a ocasião para lho lembrar.

Dos 198$00 da letra, 78$30 são de azeite meu e do Brigadeiro vendido em Lisboa. Quando a tiver recebido e vir o José de Sá peço o favor de lhos entregar.

Se vir o nosso jardineiro hoje, peço também o favor de lhe dizer que estando amanhã bom tempo, pode vir *jardinar*.

Sabe dizer-me se na Ribeira ou em Santarém haverá algum tanoeiro capaz de me fazer uma pequena dorna?

Cumprimentos meus e da Mariana à Ex.ma Sr.a D. Maria José.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Estimarei saber se chegou sem novidade e que achou de saúde a Ex.ma Sr.a D. Maria José para quem eu e minha mulher rogamos os nossos cumprimentos.

A Felizarda vai hoje e a pessoa que deve aqui ficar durante a nossa ausência pode vir na jumenta em que ela vai.

Como a Mariana se acha restabelecida vamos daqui no comboio da tarde de segunda-feira 25; por isso peço o favor de avisar o Eduardo para nos ter aqui o *char-à-bancs* a horas de alcançarmos o comboio.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço muito e muito o cuidado que teve com o negócio do rapaz. Não desgosto da cara, apesar de que os indícios que nela dá de não trazer a barriga muito cheia, não deixem apreciar-lhe bem a pinta. Por ora não posso dar resposta decisiva, visto que ainda não sei a decisão do criado da Ajuda, nem mesmo se o que cá está abalará hoje, visto que ainda só ao José de Sá disse que se ia. Os 1$20 fazem-me dúvida, não pelos $20 a mais, mas por causa dos outros criados de soldada. Em um ganhando mais algum vintém, todos querem aumento. Quando mesmo o rapaz venha, há-de ganhar $90 ou 1$00 como soldada e dar-se-lhe o resto pelos meados do mês como gratificação. É o que vou fazer a um que serve bem (o dos vitelos) e que ganha $90. De tudo mandarei decisão logo que o possa fazer.

Por ora diz a Mariana que não precisa criação, agradece e recomenda-se. Peço também os meus cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D. Maria José.

Creia-me Seu am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Vai hoje o Pedro buscar as pedras. Aqui recebi a encomenda da Mariana e a carta com a guia que remeto para resgatar o recibo provisório.

Amanhã irá a égua pelo Manuel conforme me indica na sua carta. Quanto a dinheiro bastará que venham uns 20$00.

A Mariana também me fala em eu ir a Lisboa pelo Entrudo para virmos depois para cima. Não sei ainda se me resolverei. Em todo o caso só irei no domingo ou na segunda-feira. Em Lisboa quanto menos tempo melhor.

De V. S.ª
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

Temos a agradecer a famosa melancia, que saiu, como era de esperar, excelente. Daquelas só se criam em Abrantes e na Vilariça.

Quanto à criada de Abrantes pede a Mariana que V. S.^a saiba primeiro se ela serve para criada do meio; segundo, quanto quer ganhar; terceiro, se ela esperará pela nossa volta de Lisboa no decurso de Outubro, visto não convir mandá-la vir sem que haja quem a dirija no serviço.

V. S.^a terá a bondade de me remeter pelo rapaz 30$00 sendo parte em prata.

Os nossos cumprimentos para a Ex.^ma Sr.^a D. Maria José.

De V. S.^a
am.^o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Pode o Francisco trazer 30$00 de prevenção, posto que não será preciso tanto, mas ficará para deixar dinheiro quando for para baixo.

Desejo que chegasse sem novidade.

Até sexta-feira.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Remeto 5 volumes com fruto para irem para Lisboa, 1 cabaz em que vai um presunto e 2 baús que levamos com roupa, afora 2 sacos de noite que nós levaremos no caleche, e um cesto com uvas que o carreiro deve deixar em sua casa, do que peço desculpa. São para pendurar ou pôr de cama. Parte delas foram apanhadas sem chuva e devem durar mais.

Parece-me que o presunto não pode ir como bagagem, nem como fruta; mas a Mariana quis que fosse. Se não puder ficará aí.

A fruta parece-me que deve ir como tal: os baús devem esperar por nós; porque a bagagem não se despacha sem se tirarem os bilhetes de carruagem.

A sua bondade permite que lhe esteja dando estas contínuas maçadas.

Inclusa achará V. S.a uma guia de uma porção de madeira vinda de Lisboa. São

12 tábuas divididas em 60 folhas. Se puder vir no carro que vai será excelente.

Espero vê-lo à tarde. Lá falaremos.

Am.°

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Em concílio, não do Vaticano, mas de Vale de Lobos, resolveu o Espírito Santo o modo como as senhoras hão-de fazer a viagem piedosa à festividade da Imaculada. A Ex.ma Sr.a D. Maria José escreve a este respeito, e por isso eu nada mais digo.

Aqui veio o homem para a compra da marrã. Ajustámo-nos em quatro libras: o engano para a direita ou para a esquerda não pode ser grande. Lá terá a bondade de receber o dinheiro quando ele pagar. Esta não sei se irá pelo José César (que leva a marrã e há-de trazer areia da Portela) se pelo José Constantino que leva a da Ex.ma Sr.a D. Maria José.

A jaqueta para modelo irá brevemente. O que mais urge são as calças.

Fez famosamente em dar um apertão ao moço, que é tolo com presunção de penetra. Não é tão mandrião como o outro, mas dobradamente esquecido.

Regalámo-nos hoje todos com o famoso peixe. De carne, limitámo-nos à sopa.

O mais para a vista.

Am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

Peço o favor de fazer despachar o caixote e cesto que o rapaz leva, com direcção a meu cunhado Meira. Junto vai o sobrescrito para a guia. A Mariana escreve para que mandem logo buscar.

Am.^o obrig.^mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço o cuidado que teve em me procurar substituto ao Joaquim, que realmente estava *incurável*. Segundo ele diz vai ganhar muito dinheiro com um tio. Deus o fade bem.

O novo criado aí vai, já que V. S.ª quer ter a trabalheira de lhe ensinar as estações que tem de percorrer. A pinta não é má; a cor e o gesto é de sezões ou de fome. Cá perderá a carepa. Provàvelmente em estando médio faz como o outro Joaquim. Mas se o mundo é assim, não havemos de ser nós que o emendemos. No princípio quase todos são bons; mas enquanto o pau vai e vem folgam as costas.

Os nossos cumprimentos e saudades à Ex.ma Sr.ª D. Maria José, e eu sou sempre como devo

De V. S.ª
am.o obrig.mo e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Vai a fruta numa barrica e num cesto porque os barris de petroline conservam ainda muito meucheiro, apesar da pozolana. Vão também estes para o barco tomar conta deles quando chegar.

Remeto o meu relógio que desta vez parou de todo. Não creio que seja senão estar sujo da poeirada da terra. Se for isso as tais relojoarias curiosas talvez o possam dar com brevidade. Se for conserto maior, prefiro levá-lo a Lisboa quando for.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Nós por aqui temos andado um pouco chochos de saúde, e a Mariana teve um dos seus ataques de estômago. Desejamos que por aí tenha havido melhor saúde.

O Joaquim leva amanhã a melhor rama que se achou por que os limpadores têm faltado com as interrupções forçadas da chuva e a necessidade de limpar algumas árvores de fruto que vão abrolhando com toda a força.

Mostrei à Mariana a sua carta. Ela diz que deve ficar aí a porção de carne... que há-de ir para Lisboa, e que ela pede o favor de remeter.

Minha mulher e eu muito nos recomendamos à Ex.ma Sr.a D. Maria José e a seu cunhado e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Vão as carretas para uma trazer o aparador, e a outra a çorção de pozolana que for possível, vindo o resto amanhã em que tenho de mandar a carreta do boi a casa do Jacinto.

Recebi os 50$00.

Quanto à palha hei-de querer duas redes. O que me não é possível é dizer já quando hei-de mandar por ela.

Peço o favor de mandar um portador ou portadora entregar essas provas cintadas no correio; porque me parece asneira mandar um próprio a Alcanhões com elas. Os do correio remeteram-mas talvez por imaginarem que só eu vejo provas cá fora.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Receoso de que da Azóia não fosse ninguém a Santarém dois ou três dias e aproveitando os amigáveis oferecimentos de V. S.a tomo a liberdade de lhe remeter a guia do caminho de ferro para receber uns cepos de árvores desses pessegueiros e vários arbustos que mando para Vale de Lobos. Peço o favor logo que aí chegue aquela remessa de mandar alguém a Vale de Lobos com ordem da minha parte para ir imediatamente buscá-la a carreta do bezerro, visto que quanto mais tempo as plantas e sobretudo os cepos estiverem sem se enterrarem mais risco correm de não pegarem.

Disponha da sincera vontade do seu

V.or am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Aproveito a ida do carro buscar a palha para remeter 3 barris que o Alfaiate deve levar para trazer com pozolana dos Açores ou massapez. Cumpre que ele veja se se vende no Cais de Santarém, onde já o vi anunciado, para poupar um frite de longe e é necessário que faça pregar os tampos que vão dentro depois de cheios os barris para se não entornarem.

Também desejaria que ele comprasse seis bolas de chumbo ou de ferro furadas com um furo conforme a amostra que mando. Esta peça pode ter qualquer feitio contanto que seja precisamente da altura da amostra. Isto deve haver feito porque serve para suster as grandes das sacadas. Logo que as compre deve remetê-las pelo caminho de ferro, não achando pessoa que as traga consigo.

Podem vir esta semana 20$00.

O carro está a partir. Até à vista.

Am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

É absolutamente impossível irem-se hoje buscar as varas. Tenho a carreta apenas do torino e a outra desmontada. A José de Sá não mando pedir carro porque não está em estado de se lhe falar em nada tendo chegado ontem a notícia de se haver enforcado nas Fráguas o irmão (João).

A maior diligência que posso fazer é tratar na segunda-feira de montar uma carreta nova que está quase acabada mandando vir dois carpinteiros. O meu creio que não virá por doente.

Se fizesse favor de mandar os buxins que vieram de Lisboa imediatamente ao Jacinto para ajustar a eles o eixo grosso que para lá mandei far-me-ia grande obséquio recomendando-lhe brevidade.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

A Mariana recebeu carta do irmão em que lhe dizia que pelo mesmo correio vinha a guia do caminho de ferro de umas encomendas mandadas vir de Lisboa e provàvelmente dirigidas ou a mim ou a ela. Tal guia porém não apareceu. É possível ter o criado em Lisboa deixado de a meter no sobrescrito que lhe haviam de dar para isso; mas também é possível que quem trouxe a carta de Santarém para aqui perdesse a outra que encerrava a guia. Pode alguém achá-la, dada esta hipótese e ir buscar à estação as nossas encomendas. Pedia-lhe pois para prevenir o chefe das mercadorias para não entregar qualquer coisa que venha dirigida para mim ou para Mariana Hermínia sem ordem sua.

Como, porém, é também possível que a guia viesse noutro correio posterior, o carreiro leva ordem para procurar carta para mim ou para ela e levá-la a V. S.a para fazer favor de a abrir e ver se vem dentro a tal

guia, caso em que seria inútil a prevenção ao chefe.

Vão os 5 sacos para a avaria que tinham esquecido cá.

De V. S.ª
am.° e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Não é provável que os viajantes venham aqui, porque o Manuel ter-me-ia avisado e o próprio secretário de D. Fernando. Em todo o caso eu cá estou, e estimo que não esteja a Mariana que já ficava zangada com a notícia.

O meu vizinho Vicente pregou-ma boa. Depois de tantas gabarolas de fartura de palha, disse quando lá mandei que não poderia largar uma rede, mas que podiam mandar buscar 6 ou 7 panos, e se fossem depois precisos mais alguns os redaria. Fiquei logrado. Se por acaso o seu vizinho ainda tiver alguma rede que queira ceder ou se souber quem a tem muito favor me faria em ajustá-la.

Sem mais

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Remeto a amostra do trigo.

Vai outra amostra de peras. Este ano em Vale de Lobos a fruta é toda por amostra. Ao de cima vão maduras. Por baixo são para cama. Apanhei-as para que o Sol e os ladrões não levem tudo. Entre essas encontram-se umas pequenas encarnadas do Cabo, que a Mariana me recomendou metesse no cesto e que disse eram para doce (vão algumas entre as maduras que lhe peço prove.

Terá a bondade de mandar 12$00 dos quais 2$40 em cobre. Não suponho precisar deles, mas é prevenção para algum extraordinário.

Espero que o passeio a Vale de Lobos não só não fizesse mal à Ex.ma Sr.a D. Maria José, mas antes lhe fosse útil. E mais útil seria se tivesse ficado por aqui alguns dias.

As notícias de hoje do Brigadeiro não são

melhores que as anteriores; nem eu infelizmente as espero.

Recomendações deste povo todo.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo
A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Mando um caixotinho com passas e figos para irem com as amêndoas, nozes e ameixas pelo barco. Vai um cesto com azeitonas que devem ir pelo caminho de ferro a fim de chegarem frescas. O outro cesto leva um saquinho com elas curtidas, para o amigo Santos ir imediatamente tasquinando, e uma porção maior para mandar curtir. Como é azeitona de escolha não vão por ora mais, até se tornarem a achar de jeito.

Os cestos todos são poucos para o serviço do olival, por isso me lembrou que as frutas secas podiam ir em sacos, visto irem pelo barco e não levarem encontrões. É por isso que mando dois sacos em vez de cestos. Atados pelo meio fazem quatro repartimentos.

É tarde e a carreta tem de partir ainda de noite para chegar aí cedo. Por isso, sem mais

De V. S.ª
am.o obrig.mo

Herculano

Creio que irá milho e trigo do Antunes.

Il.mo Am.o e Sr.

Fico em dúvida sobre o que hei-de fazer. No dia em que esteve aqui veio-me a sezão à noite: anteontem não tive; mas não me virá hoje? Não sei.

A minha presença em Lisboa não é necessáir para o que há a fazer. Dada a hipótese de vir a sezão, mesmo de tarde, ou à noite, pela madrugada terá decerto acabado. Assim parece-me que o seguro é ir no comboio da manhã, indo daqui no caleche, fechado, para não apanhar o relento da madrugada.

Assim tenho tempo para deixar as coisas dispostas o menos mal possível. Agora, nem cá está o Francisco para lhe dar instruções, porque foi a Santarém falar ao Pedroso e havia depois ir aí.

Peço que desavise o tanoeiro. Basta ficarem-me os pedreiros e carpinteiros sem cá estar. Não receio dele a mandriice, mas receio que me faça alguma coisa contrária ao que eu quero. Depois dando-lhe de comer, e com as

doidas das moças será tudo uma desordem. Se ele quiser aproveitar o tempo pode-me ir arranjando 3 barris de 50 litros cada um (pròximamente 3 almudes de Santarém folgados) ajustando-os prèviamente V. S.ª com ele. Se por lá arranjasse uma quartola de 12 a 15 almudes em bom estado seria excelente.

Quanto $ palha parece-me que devemos esperar que eles a tenham em parga na eira, e não afogar em pouca água. Constantemente ela é mais cara a princípio.

Am.° e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Peço o facor de fazer tomar no caminho de ferro o pequeno caixote que o rapaz leva contendo seis garrafas de vinho.

Vai o sobrescrito para a guia e uma carta para o correio, que peço mande deitar juntamente no correio.

Até depois.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço as providências que V. S.a deu. O que peço é que se o barco aportar muito com dia claro não consinta que tomem os bois grande carga; porque o claro é terrível: está-me lembrando as ovelhas e não quero que me leve algum boi. Antes fique parte da carga para lá mandar o torino de tarde.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Tenho tido que arranjar uns papéis que José Basto e meu cunhado haviam de levar, e por isso mal tenho podido escrever a furto a V. S.ª e sido obrigado a demorar a carta ao Ferrer para lhe perguntar se o chaile com o bicho é o dele, para nesse caso ver como quer que se lhe mande vindo de lá a manta que daqui levou.

Agradeço a prontidão na vinda do vinho do Porto que vem a propósito, porque o que há tem levado bote com as últimas visitas de amigos.

De tarde mando o J. César com uma porção de azeite que me pediu o dono do *Hotel Universal* ao Chiado, para onde o costumo fornecer. Não vai antes, porque tenho de fazer carregar pela manhã o resto de uma porção de excelente lenha de carvalho, que comprei a $80 a carrada *a fazer*. Pena é não ter comprado senão 12, e não me quererem vender mais por esta forma. Com esta e a de Vale

de Lobos estou provido para qualquer bagaço e para a próxima colheita.

Esqueceu aqui um molde que J. Basto devia levar para uns parafusos. Peço o favor de dar o pequenino embrulho que vai atado ao Alfaiate, com recomendaçõão de o fazer entregar na Calçada do Marquês. Como não vieram as tábuas para a prensa, ele tem de mandar $ fábrica que é lá perto. Deus queira que lhe não esqueça na algibeira.

Pelo seguro, mando com esta carta uma espécie de guia para governo do Alfaiate, pedindo também o favor de lha dar com o pequeno embrulho.

Desejarei que ao receber notícias de Lisboa da chegada da Ex.ma Sr.a D. Maria José elas sejam boas, e agora que está só não se esqueça de vir espairecer algum dia por estes sítios, visto que enfim temos Verão.

De V. S.a
am.º obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Remeto a guia da encomenda de Alhandra que chegou no correio de hoje. Se já a tiverem entregado poderá vir pelo rapaz: senão virá amanhã pelos viajantes.

Desejo ver se a obra se acaba amanhã, mas parece-me que deita a terça-feira. O céu está caro como os outros géneros.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Vai o carro para trazer o casco e juntamente 2 barris de vinho para meus dois cunhados, e um cesto com dois capões para o Meira por grande velocidade. Vão as cartas para irem na do Meira as 2 guias (capões e vinho) e na do Galhardo a do respectivo barril.

Tenha paciência de pôr tudo isso a caminho.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Como o rapaz é novo acho prudente virem desta vez 15$00 e para a outra outros 15$00.

De V. S.ª

am.º e c.

Il.mo Am.o e Sr.

Duas palavras; que não há tempo para mais.

Não vi a nota externa do sobrescrito. Vai hoje a carreta.

Como amanhã aumentamos os talheres da mesa, e os homens nas questões de mesa são às vezes esquecidos provejo de remédio no que me toca como fazendeiro. Vão nabos, couve para a panela, e para molho de azeite e vinagre, e chicória para a única salada legítima de Inverno.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Estimo que a cólica da Ex.ma Sr.a D. Maria José remitisse; mas noto que este incómodo se repete muitas vezes, o que mostra uma tendência para aquele padecimento que só creio se desvanecerá com muito regime na boca.

Vai hoje toda a remessa: a fruta numerada em 8 volumes, e a bagagem em 4 volumes. Creio que levam as indicações precisas. Puz a nota de que eram de duas pessoas, porque ficando na estação até irmos, talvez os empregados quisessem adiantar o serviço pesando-as.

O relógio irá num carro que há-de ir ao estrume. Vai melhor só, provàvelmente na terça-feira.

Am.o obrig.mo

Herculano

Junto achará a carta para o Manuel em que fará o favor de incluir a guia para ele.

Il.mo Am.o e Sr.

Muito e muito lhe agradeço a sua boa diligência tanto quanto ao arranjo das talhas, que nas actuais circunstâncias são baratíssimas, como à qualidade de novas. Comprando-se a outra de igual tamanho fico uma espécie de general Moltke; fico invencível, e tenho tempo de ver se vem ou não vem a caixa da folha de Flandres, sem se encomendarem ao latoeiro de Santarém as duas em que lhe tinha falado.

Tenho retido aqui uma carta para o José Basto me receber e remeter um pouco de dinheiro que tenho em Lisboa, com a ideia de que talvez precisasse de lhe encomendar algumas talhas se me visse cá muito embaraçado tirando desse dinheiro o necessário para a compra. Como com a compra da 3.ª, conforme a sua indicação, fico seguro, peço-lhe o favor de mandar deitar a carta que vai junta, numa caixa. Escusa de ir o Joaquim amanhã.

Mandei dar ao homem $14. Não sei se é pouco. Se for, completará lá a paga.

Preciso de combinar com o lagareiro e com o Antunes quando poderemos dispensar a junta de bois, que tem de ir, não por causa do peso, mas do volume. O homem que vende as talhas depois de comprada a 3.ª não terá dúvida de as conservar onde as tinha por dois ou três dias. Pelo Joaquim avisarei depois de amanhã quando se vão buscar.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D. Maria José, cujas melhoras desejamos completas, e que depois delas não se esqueça da sua promessa, porque a casa já deve estar arrumada.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

Peço o favor de remeter logo para Vale de Lobos recomendando ao Francisco que plante logo. Não precisa grande distância de pé a pé (palmo e meio em pé de galinha). Deve ser toda cortada antes de posta como a que vai ao de cima.

Il.mo Am.o e Sr.

Tenho medo de que o moço faça alguma asneira e por isso vou recomendá-lo. Remeto para D. Fernando uns 16 queijos escolhidos e 13 para meu cunhado e bem assim 3 dúzias de requeijão de forno para D. Fernando e 2 para o Calçadado Marquês. Vai debaixo dos queijos 1 garrafão com um almude de vinho que o José Basto comprou na Azóia. Peço o favor de o fazer partir pela tal tabela n.° 1, e se não for possível, por grande velocidade para os requeijões chegarem frescos.

Am.°

Herculano

Il.mo Sr.

Quando chegou a sua carta tinha partido o meu rapaz a saber do barco. Da sua carta e do que me diz o rapaz do barco, vejo que não vieram de Belém senão parte das encomendas, o que provàvelmente devo a um criado tonto que deixei em casa, e talvez ao barqueiro.

Veremos as notícias que me traz o criado. Dou uma carta para ser entregue ao ferrageiro pelo arrais, e veremos se vêm as fixas, que estão compradas há perto de três meses. Não admira: estamos em Portugal!

De V. S.ª
V.or e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Esta é só para notar uma circunstância que menciona na sua carta de ontem e de que pode resultar algum transtorno.

Diz-me que na *terça-feira* à tarde vai esperar o Brito. Ora o duque diz-me que ele vem da Lagoalva no dia 19 para Cadafais, e que é possível até que venha a Vale de Lobos ver a prensa do vinho. Ora o dia 19 é hoje segunda-feira. E só se não pudesse falar com ele na estação de Santarém é que poderia ir na terça a Cadafais (a estação respectiva creio que é Vila Franca) falar com ele.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Peço o obséquio de fazer despachar como mercadoria esses 3 volumes, pedindo para ser remetido com a possível brevidade de modo que os póssamos mandar buscar amanhã ao barracão em Lisboa, por causa da caça que já é morta de ontem.

Também peço no caso de nos não virmos, de quando for a Marvila pagar 1.200 tijolos que aí havia de escolher hoje o José Vargas, e um cento de tijolos burros, que ele também havia de apartar. É na estância do Macedo, no largo de S. Milagre. O preço dos 1.200 é 9$00, o cento do burro não sei quanto custa, mas suponho que será inferior ao outro que é de $75.

Am.o e c.

Herculano

Também peço que quando o tijolo estiver pago avise pelo rapaz o Antunes para o boi o vir trazendo pouco a pouco.

Il.mo Am.o e Sr.

Estimo que regressasse aos seus lares sem novidade.

Remeto o barrilito com vinho e as peras para a Mariana. Se o barco estiver a partir pode ir pelo barco, mas no caso contrário tem de ir pelo caminho de ferro. Mando por isso o bilhete da remessa e o sobrescrito para a guia.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D. Maria José.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

A Ex.ma Sr.ª D. Maria José resolveu partir esta tarde para a Ribeira. Aproveito a ida do rapaz para escrever esta.

O meu velho amigo e conselheiro Oliveira Lima avisa-me de que na sua ida para o Minho com a mulher parará aqui uns três a quatro dias, partindo de Lisboa na próxima segunda-feira pela manhã. Peço pois o favor de prevenir o homem do caleche para o ter na estação às horas do comboio da manhã.

Diz-me ele que desejava deixar aí na Ribeira umas coisas que devem ir com ele, mas que julga inútil trazer para Vale de Lobos. Se fosse possível a V. S.ª estar na estação quando o comboio chegasse far-me-ia especial favor em guiá-lo sobre o modo de fazer isto.

Diz-me também que almoça em Santarém. Se puder ir à estação faz-me favor de lhe ponderar que enquanto os levam a Marvila, e mandam fazer o almoço estão com diferença de meia hora em Vale de Lobos, onde podem

assentar-se à mesa assim que chegarem, além de que não sabem com que terão de contentar-se na hospedaria.

Quanto ao bazar, não tenho tempo nem paciência para estar cogitando nessas coisas. Em vez de pensar em arranjar bugiarias peço o favor de entregar ao tesoureiro em meu nome meia libra. Quanto ao resto a Ex.ma Sr.a D. Maria e a Mariana lá combinaram sobre isso.

Passei esta noite assás incomodado dos meus rins, e dói-me bastante a cabeça. Se isto continuar terei de incomodar o nosso Pedroso para conversar com ele.

De V. S.a
am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Vai um boião de manteiga, que V. S.ª, segundo disse o António, mandava ir, posto que na sua carta viesse indicada menos; mas, em dúvida, antes sobeje que falte.

A Mariana pede para se arranjar ou língua ou mão de vaca, e alguns frangos. No caso de não haver qualquer destas coisas hoje, iria o rapaz amanhã, porque esperamos hóspedes na quinta-feira.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D. Maria José.

De V. S.ª
am.º e c. obrigado

A. Herculano

Il.mo

Tenho estes três dias uma *ajuntada* para dar um empurrão à metedura de bacelo suficiente para a sementeira de batata. Peço que traga consigo mais 10$00, se for possível em prata.

Até logo.

Am.º e c.

Herculano

Dize em casa do Il.mo Sr. J. C. dos Santos que vais saber se V. S.ª já voltou de Lisboa, porque preciso de lhe escrever sobre o negócio que ele sabe, e não sei para onde o hei-de fazer.

HERCULANO

Il.mo Am.o

Muito e muito agradeço o seu mimo, ao qual espero fáçamos hoje a devida honra todos os que estamos aqui.

Estimo as boas notícias da Ex.ma Sr.a D. Maria José e desejo que continuem.

Fico inteirado do negócio da madre.

Quanto a dinheiro, se vierem aos sítios, basta que tenha a bondade de trazer consigo 25$00 ou 30$00 que reputo de sobejo até vir dinheiro de Lisboa.

Disponha da boa vontade do

Seu am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

A Mariana recebeu carta da Ex.ma Sr.a D. Maria José, cujo incómodo extraordinário passou, mas que continua em tratamento do seu padecimento ordinário, que o facultativo de Lisboa também atribui a desarranjo no sangue, e não a lesão de algum órgão. Do mal o menos.

O homem da lã não apareceu até hoje e assim à cautela será bom virem uns 30$00.

Conforme o seu aviso cá o esperamos amanhã. Até lá

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Estimaremos saber que chegaram sem novidade da sua digressão a Vale de Lobos.

Vai o rapaz saber se há alguma novidade a respeito das talhas. Uma que estivesse pronta mandava-a buscar porque estou já em véspera de não saber onde hei-de deitar o azeite fino. Resta-me uma talha de azeite ordinário, mas esta ficará também cheia em dois ou três dias, e além disso não desejo guardar o azeite superior em talha que já tenha levado azeite cozido.

Diz-me a Mariana que lhe pergunte a como está por aí o carvão; porque aqui subiu de $38 a $50 e ela não quer comprar sem saber se é velhacada do carvoeiro.

Logo que as talhas estejam prontas peço o favor de encomendar logo outras duas; porque ainda que se realize a encomenda prometida não quero achar-me descalço; nem as duas serão demais ainda que se realize.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo
A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Vai a bilha que deve ser remetida para o Porto para a viúva Hardy, Rua de D. Pedro, Hotel Francfort. Contém 40 litros de azeite. O frete do caminho de ferro deve ser pago no Porto.

O rapaz leva também um sobrescrito para se meter dentro a guia com a nota do azeite remetido, e que o Martins não sei porquê, quer que se lhe mande para Lisboa.

Aí vai uma amostra da experiência que fiz com sementeira de batatas fora de tempo. Hei-de, se viver, fazê-la para o ano em escala maior.

Am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Remeto a carta que recebi do Ávila. É pouco animadora; mas esperemos a ver se ele faz alguma coisa pelo Banco, ou se cai o ministério, porque pelo lado do caminho de ferro, vejo que o homem nada pode fazer, salvo se se composer com eles.

Aqui recebi os 10$00. Escuso de repetir que, no caso de qualquer embaraço, o dinheiro que trouxe de Lisboa está à sua disposição, devendo advertir que este mês não é de grande despesa e que em Lisboa ainda ficou dinheiro, afora uns 100$00 que dei a meu cunhado para comprar 2 inscrições para a Mariana, e que na próxima semana se deve receber a importância do casco de azeite que foi para os Martins.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

O portador desta é uma pessoa que vem tratar de comprar vinhos e que me é recomendada pelo Aguiar. Se aí na Ribeira houvesse alguém que falasse francês bem ou mal, e que quisesse fazer favor de lhe servir de intérprete, poderia combinar com ele sobre o modo de adquirir bons vinhos sem que o roubem. Dizem-me aqui que o Macedo fala francês. Não poderia entender-se com ele para que o homem fosse bem servido.

Am.o e c.

Herculano

A cor que deseja no vinho é vermelho-escuro, transparente, e que tenha de álcool 14 a 15 graus (um pouco acima do meu vinho de 72 e 73) e que não tenha adocicado.

Il.mo Am.o e Sr.

Peço o favor de passar pela estação antes de vir, e de expedir esse cesto para Lisboa por pequena velocidade.

Am.o e c.

Herculano

P. S. — Dinheiro, não é esta semana preciso.

Il.mo Am.o e Sr.

O Duque escreveu-me de Lagoalva que vinha cá jantar hoje. O próprio que trouxe a carta ia pelo Mecheiro para lhe ter na estação um trem que o traga e o leve depois ao comboio das 6. Como era possível que o criado do Duque não encontrasse o Mecheiro, e que depois se esquecessem de dar o recado, mando ao rapaz que vá lá. Peço o favor de lhe perguntar se foi, e senão fazê-lo lá ir imediatamente, de modo que ao homem não falte o trem quando chegar.

Desejo também saber quando haverá barco para baixo para irem daqui duas barricas vazias que hão-de voltar com puzolana.

Está em Lisboa comprado um aparelho de loiça e em consciência, não sei o que faça. se o mande vir pelo caminho de ferro, se pelo barco, à vista do que sucedeu com o relógio, que mandaram para casa do relojoeiro debaixo de uma pancada de água e com o vidro partido e a caixa desgrudada. Eu preferia o barco;

mas era preciso que o mestre se comprometesse a tratarem com mais caridade a caixa da loiça do que trataram a do relógio. Deus queira que este quando voltar mereça aos barqueiros mais algum cuidado.

Aqui recebi o edital das oliveiras. O meu amigo do Tesouro está de luto porque há pouco lhe morreu um irmão. Deixarei passar algum tempo para lhe pedir que faça pô-las em praça de novo.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Como da sua carta infiro que as barricas do dono do barco são maiores que as de petroline, bastará que vá mais uma do que as três que mandei, e ainda que fosse do mesmo tamanho parece-me que as quatro chegam bem. Pelo preço é melhor comprá-la.

Desejo que faça em bem a sua viagem e folgo de que a expedição a Vale de Lobos lhes não fizesse mal.

De V. S.a
am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

O Duque de Palmela remeteu-me essa guia de um sulfurador de vinho. Como agora o caminho de ferro tomou o espaço de almocreve para entregar as remessas, pode ser que o não queiram entregar já ao rapaz, ainda que tenha chegado, e eu desejo servir-me dele quanto antes. Faz-me o favor de ver se lho entregam?

Esta semana precisarei de uns 30$00 que terá a bondade de me mandar.

Desejo que a saúde por aí seja próspera. Por aqui vai sofrível.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Meu sobrinho escreve. Era necessário prevenir hoje de que não ia amanhã. Eu tenho tempo apenas para duas linhas porque o moço vai partirâ Ainda que as colheres são um pouco diferentes ficaríamos com elas senão fossemos precisas 7 para completar as 2 dúzias e meia, e mais alguma de prevenção para perdas futuras. Assim, devolvo a que veio e a amostra; porque se for possível fazerem-se 8 ou 9 irmãs, bem. Senão voltarão com as outras 5 e contentar-nos-emos com isso.

Am.° obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Vai um carro para trazer a ripa e o ferro, e aproveito a ocasião para mandar uma porção de batata, que ainda que se não venda logo tanto vai apodrecendo cá como em casa da vendedeira. O carro pode deixá-la em sua casa ou ir levá-la à mulher, como entender, e depois vir carregar a ripa.

Queira retribuir às suas contraparentes as suas benévolas expressões; que decerto são excessivas, visto que não fizemos senão o nosso dever para com as pessoas que honram esta casa, recebendo-as com cordialidade, que é o que cabe em nós.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D. Maria José e aos seus hóspedes e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

Herculano

P. S. — Vendi uma porção de lã que tinha e por isso tenho dinheiro de sobejo esta semana.

Il.mo Am.o e Sr.

A sua carta recebi-a às 8 ½. Já mandei chamar o Antunes ao baceio porque a minha perna, cuja doença é um pouco mais grave do que eu supunha, exige pouco andar. Irão os homens e os bois e ordem para trazerem duas prisões novas para o bezerro inteiro e uma para o outro. O mais que for necessário para ele vir sem perigo de fazer mal a ninguém V. S.a terá a bondade de providenciar, incluindo vir mais algum homem com eles se se julgar conveniente. Os bois estão comendo alguma coisa e parte logo que acabem.

De V. S.a
am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Tenho o rapaz dos bois doente e o Pedro veio tarde de Santarém de servir de testemunha. Vai, por isso, o Luís buscar as encomendas que vieram de Lisboa, constantes da guia que leva. Leva também as duas barricas de massapez para virem de novo cheias e o sobrescrito para metter a guia. Tenho ideia de que taras vazias para voltarem cheias pagam menos ou não pagam. Faz-me favor de averiguar isto?

Quero ver se no meio da atrapalhação do poço poderei amanhã mandar buscar algumas varas, e remeter algumas vasilhas para o barco levar e o arrais fazê-las encher de óleo de carvão. Ficarão em poder do meu amigo para quando houver barco.

São 3 da tarde. Sem mais

Am.°

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Recebi a sua carta e agradeço tantos serviços que devo. Creio também mais provável o esquecimento da Alfaiate. Custa a crer que no Inverno não haja avaria em Lisboa. Faz-me falta porque se está dando cevada e milho à criação e o milho em vez de me sobejar não me chega. O pedreiro que vai no burro leva esta carta. A mulher chegou a porto e salvamento. A Mariana está hoje com o seu ataque de estômago; mas espero que fique melhor do que andava, porque tem lançado muitas cobras.

Atrapalhado com isso e com pagamento à gente e o temporal chega-me a inclusa carta com a notícia da vindo dos bois. Eu dei o seu nome para lhe ser dirigida a guia; mas não sei o que fariam nem se virá em meu nome. Em todo o caso não economize nada para virem aqui com segurança deles e de quem os trouxer, visto que são como diz a carta um pouco ásperos. Tenha paciência com mais

essa maçada, que bem me aflige porque não gosto de presentes daquele valor.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D. Maria José.

De V. S.a
am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Peço o favor de fazer despachar os dois cestos de fruta que vão com a possível brevidade e tendo a bondade de mandar a carta junta com a guia. Dou-lhe mais esta maçada porque quis aproveitar o carro que vai com o azeite, e o carreiro é um pouco bronco para fazer o despacho.

Am.°

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Mando o rapaz com umas encomendas adiante da Mariana, porque não estou certo até que horas estas se despacham.

Se vir que cabe no tempo pode aí esperar até que chegue o José de Sá, que enquanto a Mariana se demora aí, tem tempo para as despachar. Espero-o aqui antes das 2 horas em que o caleche há-de vir buscá-los. No caso contrário peço que mande o rapaz entregá-los na estação para o que vai o bilhete das declarações.

Se em qualquer destas coisas houver inconveniente, peço que fiquem aí os 3 volumes para se despacharem amanhã.

Vai também um galo num certo. Não sei o que se faz para o poderem tirar amanhã ou hoje mesmo em Lisboa e se pode ir com a bagagem da Mariana, que se reduz a uma condessa grande. O saco de noite leva ela

consigo no compartimento. Lá proverá sobre isso.

Fará favor quando o moço aí voltar de me mandar 20$00 em prata.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Fiz troca da égua, por hoje, com o José de Sá porque tive medo de mandar a minha que ainda está um pouco bruta, a um cavalheiro tão bom como eu.

Vão tarde as cavalidades porque me diz na sua carta, que em nenhum caso vinham senão à tarde e por isso era inútil irem mais cedo.

De dinheiro podem vir 50$00 visto ser fim de mês e isto andar agora em maior movimento.

Até depois.

Am.o obrig.mo e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Vão as flores, e o molde dos buxins que devem ser seis todos iguais porque combinei isso com o Jacinto.

Vai o relógio de parede e a caixa do chapéu da Mariana que está melhor.

Se houvesse um homem ou mulher que levasse a caixa em que vai o relógio à cabeça até à enfermaria, seria excelente, porque a carreta dos 2 bois ainda leva um eixo velho e os 50 canos de ferro são grande carga e assim a carreta do boi que tem eixo novo levaria uma porção e iria tomar à loja do Jacinto o resto da carga e a grande viria directamente e mais leve.

Desejo-lhe boa viagem e que encontre com a melhor disposição de restabelecimento a Ex.ma Sr.a D. Maria José.

Se precisar em Lisboa de algum dinheiro escusa de o levar de cá. Do dinheiro do Martins são meus uns 39$00 e mando ordem a meu cunhado que lhe completem lá com ele

150$00. Mais que lhe fosse preciso, devo ter no meu livreiro Bertrand 150 a 200$00. Não tinha mais do que avisar para ir a ordem.

Am.° obrig.^mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Muitos e muitos agradecimentos pelos incómodos que tem tido com as nossas impertinências.

O rapaz leva a jumenta para vir a criada. Não sei se tem caixa ou baú, e se este é grande ou pequeno. Assim, no caso de ser preciso, ir-se-á buscar no outro dia o arranjo dela.

Cá o espero conforme me avisa. Peço, porém, que não traga dinheiro nenhum, porque não é por ora necessário.

O caixão veio com o sal, mas não para servir a ele. A casa já lhe estava arranjada. O caixão ficará para outras aplicações que não faltarão.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D. Maria José e creia-me

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

P. S. — Pede a Mariana a compra de alguns frangãos, se aparecerem.

Il.^mo Am.^o e Sr.

Acabo de receber a sua estimada carta de ontem e agradeço as particularizadas notícias que me dá de Vale de Lobos.

Está fixada a nossa partida para a próxima segunda-feira 23 no comboio da manhã, salvo qualquer embaraço imprevisto que possa sobrevir.

Hoje mandar-se-á avisar a Ex.^ma Sr.^a D. Amélia, mostrando-nos ignorantes da *substituição* e é natural que ela mande dizer que vai uma em lugar da outra menina.

Do mais daí, teremos ocasião de falar à vista.

Seria bom avisar com tempo a criada de Abrantes para vir para baixo, a fim de estarmos sem ela os menos dias possível, visto que a Marradinha deve estar impaciente para se ir embora, e a outra mal serve para a cozinha.

Toda esta família se recomenda muito a V. S.ª e à Ex.ma Sr.ª D. Maria José e em especial eu que sou

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Há males que vêm por bem. Se o negócio do foro não o retivesse aí, tinha corrido o risco de morrer assado no trânsito até aqui.

Vai o César com os bois para trazer o que estiver na praia, e o que fez favor de recolher, se couber na carreta ou os bois puderem. A puzolana é pesada. Não chegarão lá muito cedo, mas não me atrevi a mandá-los antes, tanto mais que a febre aftosa já anda ao redor de nós.

Mandei a carta ao José de Sá.

Agradeço a prontidão dos consertos do chapéu de sol e tesoura.

Os tanoeiros vêm acabar a obra num dia da próxima semana. A minha tenção é pagar hoje os 6 dias e remeter para V. S.ª o mestre Manuel para pagamento dos cascos e loiça. Eu estava fixo na ideia de que ele me dissesse que um dos cascos me custaria 7$00 e outro 7$50. Depois da sua carta hesito se me enganei. Em todo o caso não lhe pergunto nada,

porque o homem é espertalhão logo conhece que estou em dúvida. O melhor é fazer-lhe lá a conta a 7$00 e 7$50; porque se não for este o preço o homem reclama, e nesse caso V. S.ª diz-lhe que estava persuadido de que eu lhe dera estes preços; mas que paga os 7$50 e 8$00 porque se houver engano depois se desfará, visto que ele tem de me fazer mais obra.

Peço os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.ª D. Maria José e V. S.ª creia-me

Seu am.º obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Agradeço as indicações da sua última carta e deixo à sua disposição o negócio do sal e da sardinha. Do milho nada posso dizer sem calcular o que é necessário para casa; mas creio que os sobejos não serão muitos. A Mariana diz que como nós gastamos quase exclusivamente presunto bastará encomendar três quilos de chouriço e três de paios. Quanto ao toucinho calcula pelo que se tem gasto este ano que serão suficientes duas mantas. Enquanto eu andar com os arranjos da *minha fábrica* não se admire se me esquecer de responder a um outro ponto das suas cartas. Como preciso de trazer muito governado o serviço dos bois, por causa do transporte do bagaço comprado, não mandei buscar os canos na ideia de os trazer com o sal e encomendas de Lisboa. Comprando-se o sal cá, se pudesse ser tê-lo ajustado antes de o Alfaiate partir para Lisboa mandava daqui na vêspera ou antevéspera uma carreta com 19 ou 20 sacos

e uma bilha que quero que ele me leve e entregando-se-lhe a ele 12 sacos para a avaria, voltava a carreta com os 7 ou 8 sacos cheios de cal, os canos e as encomendas vindas agora. Se isto não puder ser mandarei a carreta pequena buscar as encomendas e os canos.

Para despesas desta semana e pagamentos de bagaço bastarão vir 40$00 porque ainda tenho aqui algum dinheiro. Talvez nem tanto fosse preciso, mas é bom prevenir.

Por aqui todos andam um pouco incomodados. Não admira que a velhos e achacados isto aconteça com a humidade em que estamos metidos; porque até os moços se queixam.

Desejarei que a Ex.ma Sr.a D. Maria José não tenha experimentado aumento de incómodos com este mau tempo. Seu cunhado teria feito uma loucura se tivesse vindo aqui só por causa da etiqueta.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

HERCULANO

P. S. — A Mariana requer um alqueire de castanhas.

Il.mo Am.o e Sr.

Pela carta inclusa do Pequito verá que o padre de Abrantes tem má estrela. Veremos se ocorre outro meio de lhe acudir. O Pequito vê-se que se interessava por outro. Se fizer o que diz de não favorecer nenhum já se ganhou alguma coisa. Entretanto a circunstância de concorrer um pároco colado é um grande obstáculo, visto que neste ponto é que versa o conflito entre o governo e os bispos, e o governo aproveita tudo quanto pode para fazer valer o decreto de 2 de Janeiro.

Vejo o que me diz a respeito da Ex.ma Sr.a D. Maria José. Entendo que ela deve passar o Inverno com as possíveis cautelas, e logo que chegue a Primavera começar a tratar sèriamente de si.

Não mando dizer por ora o dinheiro de que precisarei esta semana porque ainda não sei pouco mais ou menos o bagaço que terei de pagar no domingo. Entretanto bom será estar

prevenido com alguma porção de prata entre a qual alguns miúdos.

Logo que lhe conste que o barco chegou peço o favor de me avisar. Não tenho mandado buscar os canos à espera do sal e de umas encomendinhas de Lisboa para vir tudo de uma carrada.

Também previno para encomendar ao Alfaiate que na próxima viagem me traga meio móio ou um móio de avaria conforme vir que está mais barata ou mais cara. Tanto por tanto prefiro avaria de trigo à de milho. Quando for o carro irão sacos para se passar a eles o sal, e irão outros para a avaria.

Não poderíamos obter pelo irmão de seu cunhado, em Aveiro, uma ou duas barricas com dois ou três milheiros de sardinha escorchada para suprir a que se está comprando aqui duas e três vezes por semana aos vendilhões, cara e má?

Como já fez calo na paciência para me aturar, aí vai esse molho de impertinências mais.

De V. S.ª
am.° e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Vai o casco de azeite cuja expedição V. S.ª quer ter a bondade de dirigir e vigiar.

Se o barco estivesse cá, e a partir por estes dois ou três dias, poderia ir pelo barco, e nesse caso V. S.ª faria favor de meter no sobrescrito que remeto duas linhas avisando o Martins do dia pouco mais ou menos em que o barco descarregaria no Poço do Bispo o casco.

No caso contrário, vai a nota para se encher a guia do caminho de ferro, podendo-se cá pagar a frete, porque os Martins carregam-me este em conta quando sou eu que o mando por esta via sem que eles expressamente o exijam. É esse o rigor do contrato.

De V. S.ª
am.o e c.

Herculano

OBRAS
DE
Alexandre Herculano

Bobo (O) — Romance histórico

Cartas (Inéditas) — 2 vols.

Cartas de Vale de Lobos — 3 vols.

Cenas de um ano da minha vida

Composições várias

Estudos sobre o casamento civil

Eurico, *o Presbítero* — Romance

História da Inquisição em Portugal — 3 vols.

História de Portugal — Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos — 8 vols.

Lendas e Narrativas — 2 vols.

Monge de Cistér (O) — Romance. — 2 vols.

Opúsculos — 10 vols.

Poesias:

Livro I, A harpa do crente. — Livro II, Poesias várias. — Livro III, Versões: de Millevoye, Béranger, Delavigne, Lamartine, etc.